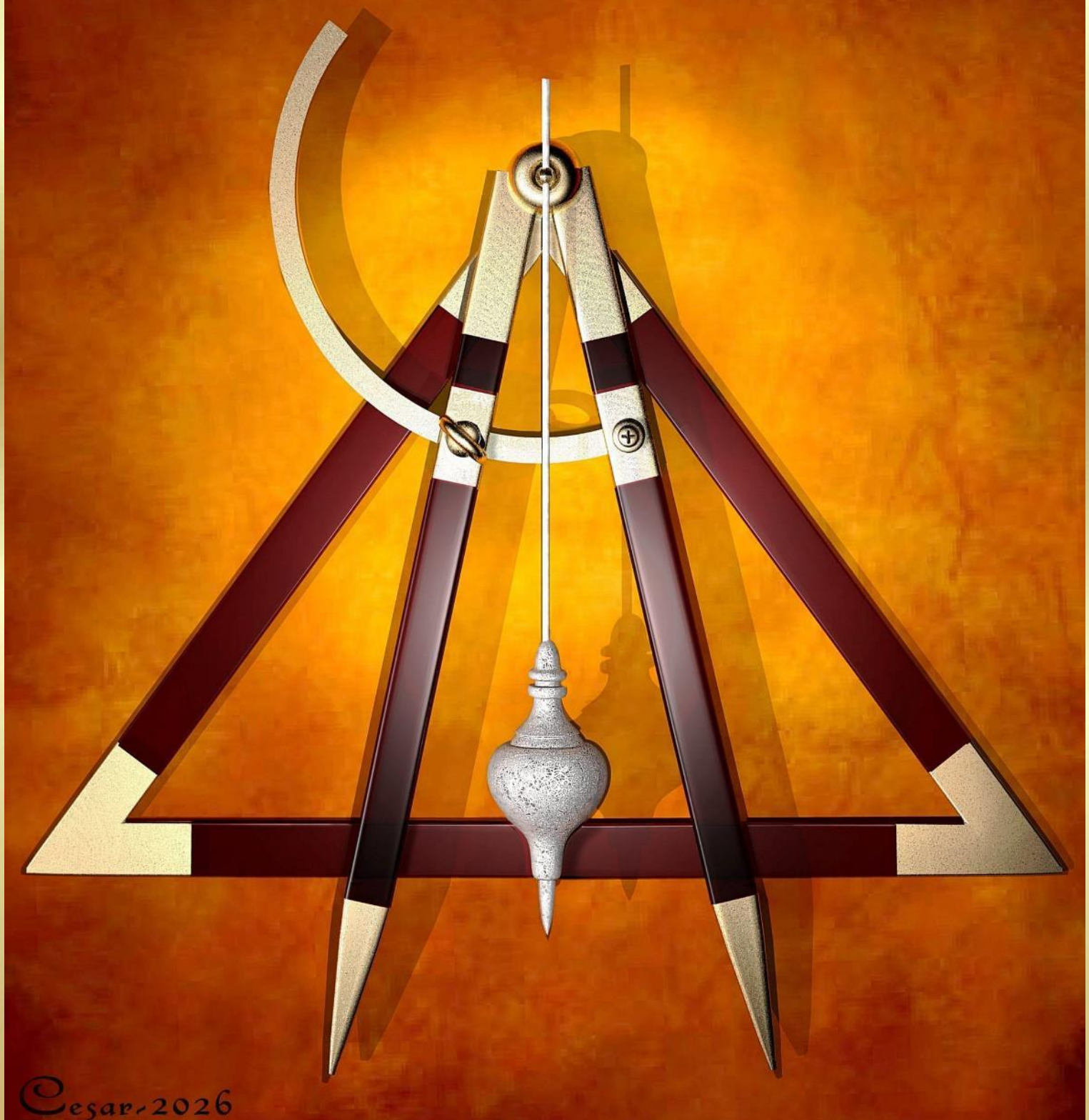
Retales de Masonería

Año 16- Nº 182 - Agosto 2026

Haciendo Arte del Arte Real



Retales de Masonería

Año 16 — Nº 182 – Agosto de 2026 Haciendo Arte del Arte Real

El contenido de los artículos no refleja necesariamente el punto de vista del equipo de "*Retales de Masonería*" sino única y exclusivamente el de los autores de dichos artículos.

Se distribuye exclusivamente en formato electrónico.

¿Desea recibir notificaciones de nuevos números o información sobre la revista? Solicítelo en el email del coordinador o dese de alta en nuestra lista de MailRelay
Haga clic para ir al formulario de MailRelay

¿Le falta algún número? Descárguelo desde nuestra hemeroteca
Haga clic para acceder a la Hemeroteca

¿Desea colaborar con la revista? ¿Quiere enviar sus trabajos para ser publicados por Retales de Masoneria? Contacte con el coordinador de la revista.

e-mail de la revista: retalesdemasonería@gmail.com
e-mail del Coordinador: coordinador@retalesdemasoneria.com

El contenido se encuentra bajo licencia Creative Commons CC BY-NC-ND 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es

Staff directivo
V.·. H.·. Mario López — España
V.·. H.·. Aquilino R. Leal — Brasil
V.·. H.·. Cesar de Paula — Brasil

Colaboradores destacados
V.·. H.·. Melki-Tsedek — Venezuela
V.·. H.·. Jonás Dias de Souza — Brasil
V.·. H.·. José Ronaldo Viega — Brasil
V.·. H.·. Alfredo Roberto Netto — Brasil.
V.·. H.·. Carlos E. Maurin — Chile

Otros colaboradores
V.·. H.·. Humberto Camejo — Venezuela.
V.·. H.·. Rogerio Vaz de Oliveira — Brasil
V.·. H.·. J. M. Barredo Mandziuk — Venezuela.

Traductores
V.·. H.·. Lázaro Noel Coto — Cuba
V.·. H.·. Fabio Giora — Brasil.

Escanee el QR para acceder a
Blog Oficial Web oficial
retalesdemasoneria.blogspot.com retalesdemasoneria.com

Portada y otras imágenes creadas por César de Paula - E-mail: cesarlpaula@bol.com.br
Mas trabajos disponibles en https://www.renderosity.com/users/gadu

Las imágenes firmadas por Cesar son de su propiedad y ha cedido su derecho de uso a la revista Retales de Masonería. Si usted quiere usar alguna de ellas póngase en contacto con nosotros para obtener el permiso

Editorial

QQ.·.HH.·. todos, a cada uno en su grado y condición y a todos los no masones que nos siguen.

Todo número de una revista es una logia abierta al pensamiento: en sus páginas se reúnen voces diversas que, aunque no siempre coincidan, comparten la aspiración de comprender al ser humano y su lugar ante el misterio.

En esta edición, el lector hallará una invitación al interior. El silencio se ofrece como espacio de escucha; la ayuda, como arte de acompañar sin sustituir; la tradición, como raíz viva que exige discernimiento y renovación. La Masonería, bien comprendida, no es ceremonia ni título: es pedagogía de la conciencia, trabajo paciente sobre la piedra bruta. Los textos aquí reunidos —históricos, simbólicos, filosóficos— nos recuerdan que toda construcción verdadera empieza dentro del constructor.

También asoma una llamada a la responsabilidad: no basta invocar la luz, hay que preguntarse qué hacemos con ella; no basta hablar de fraternidad, hay que practicarla sin dominio; no basta conservar símbolos, hay que dejarse transformar por ellos.

En tiempos de ruido y prisa, *Retales de Masonería* ofrece pausa reflexiva. Cada artículo invita a detenerse, pensar y, sobre todo, trabajar, porque el Arte Real comienza cuando lo leído se vuelve examen de conciencia y servicio lúcido. Que este número sea ocasión para descender al silencio fértil y avivar el fuego interior.

Un T.·.A.·.F.·. y nos leemos el mes que viene

Índice

Masonería moderna, protestantismo y excomunión católica (III) **06**
Revision bibliográfica **18**
Solum **23**
Cuando ayudar hace daño. El delicado arte de sostener sin encadenar **27**
El poder del silencio **30**
La paradoja del silencio **34**
La Piedra Bruta de una Nación **39**
Los doce trabajos de Hercules (II) **41**
Oleo de mujer con sombrero **51**
O lado esotérico da maçonaria (17 de 23) **64**
Escritores famosos da Itália e que também eram maçons (VII) – Carlo Collodi (III) **69**
Polémicas para livre pensadores (A vaidade dos maçons, em verdade de muitos 'mauçons') **79**
Sete cartas ao Aprendiz - Carta 2 ..... **86**
O aprendiz na trajetória do iniciado **87**

Secciones fijas
Polémicas para librepensadores (A fé como suspensão da ética) **91**
Libro del mes (Shibboleth) **99**
Masones célebres (George William Speth) **100**
Diccionario masónico **101**
Fotos y documentos antiguos **102**
Pasatiempos y soluciones **103**
Publicidad **108**
En el próximo número **117**

Enquanto a Vida Nos Acontece

Há um momento na vida
em que deixamos de contar os anos
e começamos a contar os encontros.
As pessoas que chegaram,
as que partiram sem despedida,
as que ficaram em nós
mesmo depois de terem ido embora.

A vida é estranha.
Passamos tantos anos procurando respostas
e, de repente, descobrimos
que algumas perguntas eram mais bonitas
do que qualquer resposta.

Aprendemos cedo a correr.
Corremos atrás do tempo,
do dinheiro, dos sonhos,
de alguma felicidade que sempre parece
estar um pouco mais adiante.

E enquanto corremos,
a vida acontece.

Acontece numa manhã qualquer,
num café tomado às pressas,
numa conversa inesperada,
num abraço que chega na hora certa,
num olhar que nos encontra
quando já não esperávamos ser encontrados.

Foi assim que você chegou.

Não como chegam as grandes tempestades,
fazendo barulho e derrubando portas,
mas como chega a luz pela janela:
devagar,
quase sem pedir licença,
ocupando os espaços
que eu nem sabia estarem vazios.

E então compreendi
que amar alguém
não é apenas desejar sua presença.

É querer conhecer seus medos,
respeitar seus silêncios,
entender suas cicatrizes,
celebrar suas pequenas alegrias
e permanecer quando a vida
não estiver bonita.
Porque amar é também isso:
ficar.

Ficar quando os dias são difíceis.
Ficar quando as palavras faltam.
Ficar quando o mundo parece pesado demais
e tudo o que podemos oferecer
é a simples certeza de um abraço.

A vida nos ensina,
às vezes com delicadeza,
às vezes com uma violência que não esquecemos,
que nada nos pertence para sempre.

Nem as pessoas.
Nem os lugares.
Nem os dias felizes.

Tudo passa.

Mas talvez seja justamente por isso
que o amor seja tão precioso.

Porque sabemos que o tempo não para,
e ainda assim escolhemos amar.

Sabemos que as mãos envelhecem,
que os cabelos mudam,
que o rosto guarda a passagem dos anos,
que os caminhos se transformam
e que um dia seremos apenas lembrança
na memória de alguém.

E mesmo assim,
há quem diga:
"Venha.
Fique mais um pouco."

Talvez a verdadeira riqueza da vida
seja essa:
ter alguém para quem voltar,
alguém cujo nome transforme
uma noite comum
em alguma coisa extraordinária.
Eu não quero um amor perfeito.

Quero um amor possível.
Um amor que saiba rir das próprias imperfeições,
que aceite os dias ruins,
que tenha coragem para conversar
quando seria mais fácil partir.
Quero o amor que não precise de promessas
grandiosas,
porque encontra sua verdade
nas pequenas coisas:

no “chegou bem?”,
no “estou aqui”,
no “cuide-se”,
no café compartilhado,
na mensagem enviada sem motivo,
na vontade de contar uma bobagem
porque, entre todas as pessoas do mundo,
é justamente para aquela pessoa
que queremos contar.

A vida não é feita somente
dos grandes acontecimentos.

É feita de instantes.

Um pôr do sol visto pela janela.
Uma música que nos devolve alguém.
Uma fotografia antiga.
Uma conversa que atravessa a madrugada.
Uma mão procurando outra mão
no meio da noite.

São essas pequenas coisas
que um dia descobrimos ter sido
a própria felicidade.

E talvez envelhecer seja compreender isso:

que não precisamos possuir o mundo
para termos vivido muito.

Basta termos amado profundamente.
Basta termos deixado alguma ternura
por onde passamos.
Basta termos sido importantes
para alguém
e termos encontrado alguém
que também tenha sido importante para nós.
Porque a vida, no fim,
não pergunta quantas vezes vencemos.

Pergunta quantas vezes tivemos coragem
de recomeçar.

Quantas vezes, depois da tristeza,
abrimos novamente a janela.

Quantas vezes, depois de perder,
ainda acreditamos.

Quantas vezes, depois de sofrer,
não permitimos que o coração
se tornasse pedra.

E eu quero continuar acreditando.

Acreditando na manhã depois da noite,
no abraço depois da saudade,
na esperança depois do medo,
no amor depois de todas as despedidas.

Quero viver os dias que ainda tenho
sem economizar sentimentos.

Quero dizer “eu te amo”
quando sentir vontade.

Quero abraçar mais demorado,
rir mais alto,
perdoar mais cedo,
olhar o céu sem pressa.

Porque descobri que a vida
não espera que estejamos prontos.

Ela simplesmente acontece.

E enquanto ela acontece,
enquanto os relógios continuam caminhando
e os dias desaparecem atrás de nós,
há uma coisa que ainda podemos escolher:

amar.

Amar apesar do tempo.
Amar apesar das dúvidas.
Amar apesar das feridas.

Amar porque, entre tantas coisas
que a vida pode nos tirar,
o amor é aquilo que permanece
mesmo depois que o instante termina.

E se amanhã o tempo mudar nossos rostos,
se os caminhos nos levarem para longe,
se um dia restarem apenas fotografias
e lembranças guardadas no coração,
eu quero que você saiba:
houve um tempo em que estivemos aqui.

Vivemos.

Sentimos.

Amamos.

E, por algum breve e maravilhoso instante,
enquanto a imensa história do mundo continuava,
a vida aconteceu exatamente entre nós

Colaboração do Querido Irmão Fernando Nunes (Brasil)

Masonería moderna, protestantismo y excomunión católica (III)

Por el Venerable Hermano Melki-Tsedek

La reforma protestante buscando corregir errores de parte de una porción del sacerdocio católico, ataco a la Iglesia y a su doctrina, y como todo movimiento humano, no estuvo exento de contradicciones y consecuencias no deseadas, y entre muchas otras, nace de sus influencias, la masonería moderna.

Los líderes del protestantismo, aunque compartieron la visión de reformar al catolicismo, desarrollaron enfoques y movimientos muy variados, adaptándose a sus contextos específicos y humanos. Luteranos, calvinistas y anabaptistas entre otros, generaron más división que unidad. Cada corriente tenía interpretaciones distintas de las Escrituras, lo que llevó a debates y, en algunos casos, conflictos violentos; la reforma abrió la puerta a interpretaciones personales de la Biblia, lo que a menudo llevó a corrientes conflictivas o extremistas. Sin un sistema centralizado de autoridad, surgieron líderes y movimientos que interpretaron las Escrituras de una maneras que se puede considerar errónea y hasta peligrosa, lo que trajo como consecuencia un empobrecimiento de la espiritualidad litúrgica.

Comenta el Maestro Fermín Vale Amesti en su libro "La Manzana de la Discordia"[1] que el protestantismo rindió un gran servicio a la cristiandad en su momento oportuno y necesario, para detener los excesos. Sin embargo, una vez agotado su esfuerzo opositor a ultranza del catolicismo-romano y de las "arbitrariedades papales"; comenzó a perder las perspectivas, se extralimito en su "poda indiscriminada" y cometió el gravísimo error de eliminar el Ritual y con ello perdió también un importantísimo aspecto de la fuerza interior de toda religión, al tratar de reemplazar la religión plena por una simple inspiración sentimental, por el puro y simple "moralismo", perdió también su razón de ser más profunda y se redujo a una simple organización exclusivamente social. Este "moralismo" es luego introducido en las logias modernas por los pastores protestantes que crean la Gran Logia de Londres y con ella a la masonería especulativa.

Las Iglesias protestantes; interrumpieron la "sucesión apostólica"[2], no admiten las funciones sacerdotales y han suprimido casi todos los ritos, o los han conservado más que como simples simulacros "conmemorativos"; y, dada la constitución propia de la tradición cristiana, ya en las iglesias (o mejor dicho sectas) protestantes, ninguna ordenación podría ser válida y, por consiguiente, la mayor parte de las ceremonias que efectúan, sólo son vanas formalidades sin alcance efectivo desde el punto de vista tradicional.

Las iglesias protestantes, en el sentido de su separación y escisión de la Tradicional Iglesia Católica Apostólica y Romana, terminaron sufriendo una desgaste cualitativo respecto de este tronco del cual provienen, por lo que actualmente no representan más que unas *"sectas"*[3] en el verdadero sentido de esta palabra. La reforma iniciado por Lutero, ha producido al día de hoy más de cuatrocientas nuevas y diferentes denominaciones protestantes con una progresión ascendente indefinida según las visiones particulares y gustos subjetivos de todo tipo. Lideres protestantes instauran cada vez nuevas comunidades pseudorreligiosas, cada vez más alejadas de la UNIDAD; los ideólogos protestantes se convirtieron en "levadura" de cisma, de intransigencia y de anarquía.

Es comprensible afirmar -con base a lo anterior- que la masonería moderna nacida de estas mismas energías cismáticas; mantenga los mismos vicios de separación, división y desviación; la Gran Logia de

[1] Monte Ávila Editores Latinoamericana, 2007, 236 páginas.

[2] En toda organización tradicional (tanto esotéricas como exotéricas) siempre es necesario una sucesión o cadena, que asegure en forma ininterrumpida la transmisión (de la doctrina, símbolos y ritos) de que se trata, según el caso; en efecto, fuera de esta sucesión o cadena, la propia observación de las formas ritualísticas sería vana, pues le faltaría este elemento vital esencial para su eficacia. La palabra "cadena" es la que traduce el hebreo "*shelsheleth"*, el árabe "*silsilah"* y también el sánscrito "*parampará"*, que expresa esencialmente la idea de una sucesión regular e ininterrumpida, característico de toda organización verdaderamente "Tradicional"

[3] El termino Secta proviene del Latín *"sectum"* que significa escisión o separación. Las sectas -en el sentido de separación- sufren siempre una pérdida cualitativa respecto del tronco del cual provienen.

Londres fundada por Anderson y Desaguliers, fue un caldo de cultivo para todas las improvisaciones pseudo-masónicas, dada la carencia de los aspectos más tradicionales. Las logias, las grandes logias y en general, las obediencias masónicas, quieren ser cada vez más protagónicas, se oponen unas a otras y crean sus propias normas "humanas" para crear precedentes y ser parte del protagonismo egótico que las carcome en el más vasto vacío ceremonial; una enorme variedad de ritos y ceremonias masónicas han aparecido en el curso de los siglos luego del cisma de 1717. Para darles una idea, en la Enciclopedia Masónica de Coil, bajo el vocablo Ritos, figuran no menos de 121 ritos diferentes, cada uno de los cuales comprende numerosos grados o ceremonias, que pueden llegar a más de una centena; y esa lista no pretende ser completa. Hoy hemos llegado a los niveles de la creación de múltiples "clubes de fraternidad" que para satisfacer placeres temporales, se cran en base a los deleites de sus creadores y le colocan el nombre de "logia", las que son aceptadas por las grandes logias que en sus competencias por la "cantidad" pierden el norte de la "cualidad" y del "elitismo" tradicional.

Todo lo escrito hasta aquí, hace evidente que la bula papal de excomunión de los masones de 1738 es solo una de las consecuencias de las desviaciones nacientes luego del cisma de 1717 que creo la Gran Logia de Londres y con ella a la masonería especulativa moderna. Sin embargo, es claro para quien ha internalizado la Doctrina Tradicional, que ambas partes han incurrido en errores.

El Bautismo es un paso importante en la vida de toda comunidad cristiana, ya que simboliza el inicio de una nueva vida en Cristo (Mateo 28:19). Siendo el Bautismo un "rito" fundamental Cristiano, designa acciones llevadas a cabo de conformidad con el orden cosmológico establecido para la manifestación Universal que juegan un papel esencial y de importancia, en tanto que "vehículos" indispensables de las "influencias espirituales" permiten un contacto efectivo con realidades de orden superior.

Siendo esto así, estas "influencias espirituales" recibidas en el Bautismo, permanecerán para siempre en aquel que ha sido bautizado; claro está que en algunos casos estas influencias quedaran latentes y en otros efectivas según el desempeño del ser en su vida cristiana. Desde el momento en que se ha recibido el Bautismo Católico, este se mantiene incólume dado a su carácter indeleble y eterno; esta influencia es de orden "interior" contra la cual ninguna formalidad administrativa puede hacer nada. No por casualidad el Bautismo también recibe el nombre de "*Segundo Nacimiento*" término simbólico que también se emplea para designar a la Iniciación Virtual[4]. En un sentido más amplio el vocablo Bautismo puede ser empleado incluso para designar el rito de aceptación o entrada en una comunidad tradicional como en el caso de los sacramentos.

Mas allá del Bautismo, nos encontramos con la *Comunión*, también conocida como Eucaristía, uno de los siete sacramentos de la Iglesia Católica y forma parte de los Sacramentos[5] de Iniciación Cristiana, junto con el Bautismo y la Confirmación. En la Eucaristía, los fieles reciben el Cuerpo y la Sangre de Jesucristo bajo las especies de pan y vino, participando así en el memorial de su sacrificio redentor. La Eucaristía es considerada el "corazón y la cumbre de la vida de la Iglesia", ya que en ella Cristo asocia a su Iglesia y a todos

[4] En un sentido restringido (*stricto sensu*) la ***Iniciación Virtual*** refiere a la transmisión *(traditio)* de una Influencia Espiritual mediante un Rito *(ritâ)* y sin ir más allá de esta situación inicial. Mas allá de la iniciación Virtual, en un sentido más amplio, la Iniciación supone todo un proceso que incluye la aplicación de una técnica o disciplina *(Askesis)* interior *(esoterikos)* orientada inmediatamente a superar la individualidad y finalmente conducir al Ser a la liberación mediante la Identidad con la Esencia Una Principial. Para pasar de una Iniciación Virtual a una Iniciación Efectiva, se requiere de la práctica de los Métodos de Realización Espiritual.

[5] Morfológicamente, "*sacramentum*" es una derivación del verbo *sacrare* (hacer santo) mediante el sufijo "*mentum*" (instrumental, "medio para"), esto es, *sacramentum* equivale gramaticalmente a *"instrumento para hacer santo"*. Los sacramentos -en la teología de la Iglesia católica, ortodoxa y copta- son signos sensibles y eficaces de la gracia invisible de *Dios* a través de los cuales se otorga la vida divina, es decir, ofrecen al creyente el ser hijos de *Dios*. Según el catolicismo, la ortodoxia y el coptismo fueron instituidos por *Jesucristo* y confiados a la Iglesia.

sus miembros a su sacrificio de alabanza y acción de gracias ofrecido en la cruz. A través de este sacramento, los fieles se unen más íntimamente a Cristo y entre sí, fortaleciendo la unidad del Cuerpo de Cristo, que es la Iglesia. Para recibir la Sagrada Comunión de manera digna, la Iglesia establece ciertas disposiciones tales como:

1) Estar libre de pecado mortal[6]. Si alguien es consciente de haber cometido un pecado grave, debe recibir el sacramento de la Reconciliación antes de acercarse a la Comunión.

2) Se requiere observar un ayuno de al menos una hora antes de recibir la Comunión, absteniéndose de alimentos y bebidas, excepto agua y medicinas. Este ayuno no se aplica a personas enfermas o ancianas.

3) Quienes reciben la Comunión deben creer en las enseñanzas de la Iglesia Católica y vivir de acuerdo con ellas, siguiendo el camino de vida que la Iglesia establece para sus miembros.

Con la recepción frecuente de la Eucaristía o Comunión, los fieles se unen más profundamente a Cristo, fortaleciendo su relación personal con él; se refuerza la gracia recibida en el Bautismo y ayuda a los fieles a resistir las tentaciones, preservándolos de futuros pecados mortales. La Eucaristía vivifica la caridad en los corazones de los creyentes, ayudándoles a amar más profundamente a Dios y al prójimo. Al participar en la misma mesa eucarística, los fieles se unen más estrechamente entre sí, edificando la unidad de la Iglesia. La Eucaristía es un don inestimable que alimenta y sostiene la vida espiritual de los creyentes en su peregrinación hacia la vida eterna.

Con base a lo detallado anteriormente, debemos inferir que las implicaciones de una excomunión, pretenden ser una sanción muy fuerte considerando lo que ello implica. Sin embargo, es necesario reflexionar en que las bulas papales de excomunión no dejan de ser un documento judicial u oficial burocrático emitido por el Papa o la Cancillería Apostólica, que -como tal- tratan temas relacionados con la fe, y que por su "origen humano", ninguna influencia podrá tener en contra de los aspectos sagrados de los sacramentos cristianos. Como consecuencia de esto, ningún masón bautizado como católico, podrá dejar de serlo dado a que este bautismo representa un sacramento espiritual que marca el comienzo de la vida espiritual de una persona que no podrá ser borrado por ningún acto administrativo. Así también, todo aquel que se considera en perfecto cumplimiento de todas las disposiciones expresadas en los párrafos anteriores, debe igualmente considerarse digno de recibir la Sagrada Comunión, nos atreveríamos decir, aun siendo un Mason bautizado católico.

Los casos de excomunión católica hacia los masones deberían ser analizados con "lupa", por ejemplo: la Masonería Operativa es disiente de la masonería especulativa por las mismas razones que lo hace la iglesia católica. Lutero fue a la iglesia católica lo que Anderson a la Masonería Operativa Antigua; buscaron socavar el principio de autoridad y profundizaron en el individualismo. Por otro lado, en el mundo esotérico -como es el caso de la Masoneria- no todo es blanco y negro , también hay gris. Puede ser que lo grave de la masonería moderna no radica tanto en su cristianismo alejado del catolicismo, cristianismo que ya de por si puede disminuir la capacidad de comprensión en cuanto al rito, dada la carencia de la práctica de los métodos de realización espiritual; así que lo grave sería el solo especular, y esto pareciera una disonancia que nace de la misma aversión que tienen los protestantes hacia los ritos.

[6] Un **pecado mortal** es una transgresión grave de la ley de Dios que destruye la caridad en el corazón del hombre y lo aparta de su fin último, que es Dios. Para que un pecado sea considerado mortal, deben concurrir tres condiciones: (1) La acción debe involucrar una cuestión de peso significativo, como los Diez Mandamientos; (2) La persona debe ser consciente de que la acción es pecaminosa y contraria a la ley de Dios; (3) La persona debe realizar la acción con plena voluntad, sin coacción externa. Si una persona muere en estado de pecado mortal sin haberse arrepentido, se cree que está destinada a la condenación eterna. Sin embargo, mediante el arrepentimiento sincero y la confesión sacramental, es posible obtener el perdón y la reconciliación con Dios. Es importante distinguir entre pecado mortal y pecado venial. El pecado venial implica faltas menores que no rompen la relación con Dios, aunque la debilitan. Por ejemplo, una mentira piadosa o una pequeña muestra de impaciencia podrían considerarse pecados veniales.

La Masonería Operativa en su ortodoxia y en su adhesión a las prácticas Tradicionales consideradas correctas según su conformidad con la doctrina y los principios, debe verse como una "Escuela de Misterios" que tiene como base a una iniciación artesanal cuyo origen se remonta a los comienzos de la civilización y a las primeras fundaciones de ciudades y no debería confundirse con la desviación llamada "masonería especulativa" inventada en Londres en 1717. Este punto de inflexión, y la falta de la práctica de los Métodos Operativos de Realización, ha traído como consecuencia de que la mayoría de los iniciados masones modernos, se queden detenidos inmediatamente después de la puerta que les abre la iniciación, manteniéndose en una tendencia o interpretación teorizante de la doctrina, lo que no les permite avanzar hacia una iniciación efectiva, desviándose -además- como consecuencia de esto, hacia aspectos: deístas, racionales, progresistas, filosóficos, laicistas, liberales y otros, que han derivado en un distanciamiento con la Iglesia de Roma.

Pero por otra parte, la Masonería Operativa Antigua y Tradicional, de ninguna manera, ha desaparecido, como muchos quisieran creer, sino que se ha ocultado desde la aparición de la pseudo-masonería moderna a partir de 1717, que desborono un método auténtico de realización espiritual probado por siglos. La Masoneria Operativa Antigua que existía previa al cisma de 1717, era una Orden muy apegada a los verdaderos valores tradicionales y en gran medida "Católica". Aquellos que instituyeron la Masoneria Primigenia, como representantes legítimos del Templarismo Masónico Escocés, jamás concibieron a la misma como ajena al Cristianismo, pues ello significaría abjurar de sus remotos orígenes.

La Masoneria Antigua reúne cuatro corrientes del esoterismo tradicional de Occidente como lo son:

1) La leyenda de la construcción del Templo de Salomón;
2) El conocimiento de la Geometría Sagrada y el Pitagorismo;
3) La Tradición Hermética, transmisora del Arte Real, alquímico y constructivo; y
4) El Templarismo, transmisor de la Vía Caballeresca por medio de los Altos Grados escoceses pertenecientes a la Casa de Estuardo y a las Logias "Jacobitas"[7].

De estas dos últimas corrientes, nace un "Sello Crístico" que caracteriza a la Masoneria Operativa.

La Masoneria Antigua, se adorna de un Hermetismo Cristiano que adopta ideas herméticas y las reinterpreta desde la perspectiva de la fe cristiana; teniendo presente que Cristo es el "Logos" (la Palabra de Dios), que representa la luz divina y la sabiduría universal. Jesús es visto no solo como Salvador, sino también como un maestro espiritual que guía hacia el conocimiento de la verdad última. El hermetismo cristiano enfatiza la importancia del conocimiento espiritual y la contemplación para profundizar la relación con Dios, asociándose con la "alquimia interna", en la que el alma humana se purifica y se transforma para acercarse a Dios.

La Masoneria Antigua tiene consciencia de que Jesús une fijamente al Cristianismo con la Tradición Primordial, por ello en sus rituales no solo contienen enseñanzas técnicas y simbólicas, sino también breves pero explícitas referencias a la lealtad hacia las relaciones con la Iglesia Católica y a invocaciones a la Virgen María que en su momento incomodaron a los protestantes que estaban al frente del cisma masónico de 1717. No obstante a esto, la iglesia de Roma se ha venido aprovechado de la "exteriorización" en la que ha caído la masonería moderna, para atribuirle (sin hacer ninguna distinción), con fines más bien políticos que espirituales, toda clase de cosas, de las cuales le eran extrañas a la Masoneria Primigenia que existía previa al cisma de 1717.

La aparición de la masonería moderna o especulativa en 1717, con la organización de la Gran Logia de Londres como resultado de las maniobras del pastor Anderson, asentó un grave golpe a la tradición masónica. La masonería inglesa moderna se ha extendido después del cisma de 1717 como masonería universal, pero no

[7] Se recuerda que la orden Templaria nació como una orden militar, religiosa e iniciática; que existió en la Edad Media dentro del marco de la Iglesia Católica.

es ya la continuación de la vieja masonería de la edad media que convivía con la Iglesia. Lo es la parte externa, pero en lo que se refiere a las enseñanzas de la doctrina, ella ha abandonado totalmente los caminos de la antigua masonería. La masonería especulativa moderna, se ha desviado sobre una base "exterior" social y política, constituida sobre una base humanitaria que se aboca a lo de afuera sacrificando la "Interioridad".

Es necesario recalcar que tanto la Masoneria como la Iglesia de Roma forman parte de las agrupaciones tradicionales que en su lado humano sufren el impacto deformante de la Edad Negra (el Kali- Yuga). Como es absolutamente evidente, una mayoría abrumadora de los masones del mundo, desde hace ya más de trescientos años, han convertido a nuestra Orden en verdadero caos, los vicios de la reforma protestante penetraron, sembrando el germen de la descomposición y la desviación. A partir de entonces, lo autentico únicamente puede ser detectado, cernido o filtrado, por el Masón que realmente posee el verdadero conocimiento doctrinal de la Tradición Iniciática. Desafortunadamente los Masones realmente enterados de su genuina Tradición Iniciática, constituyen una absoluta minoría.

Son estas escalas de "grises" lo que debe ser motivo de reflexión tanto de la masonería moderna como de la Iglesia Católica Romana. Se requiere reconocer muchos errores de todos los lados.

Es evidente e innegable que la acción antitradicional ha venido haciendo su trabajo en todas las organizaciones tradicionales y en especial en las iniciáticas de occidente haciéndolas pasar por un proceso degenerativo gradual; este empobrecimiento ha incluido: formulas humanistas, racionalistas, mecanicistas, materialistas y progresistas entre otras, que han encauzado a las logias -cada vez más- hacia un carácter profano, sacrificando lo "Sagrado"; lo cualitativo ha sido apartado dándole entrada a un carácter cada vez más exclusivamente cuantitativo, caracterizado por la inversión de los valores y fines a los cuales éstas normalmente deberían obedecer. Ya se empiezan a observar procesos de desviaciones extremas, llegando a estados diametralmente opuesto al orden normal, lo que se puede designar como estados propiamente "subversivos" en el estricto significado tradicional de esta palabra. Entendemos que todo proceso de "desviación" tiende al final a la subversión. En el estado presente de las cosas, aunque no se pueda decir todavía que la subversión sea completa, ya se tienen signos muy visibles en todas esas nuevas logias que florecen con fines de clubes particulares que solo representan un carácter de "mala copia" o de "simulacro". Todo esto es parte de la misma desviación moderna, cuya naturaleza perversa y oscura trabaja por la negación y la inversión del orden que constatamos todos los días a nuestro alrededor, tanto que ya parece normal para el vulgo que son la mayoría.

Este estado de negación que actualmente vivimos se disfraza con las caretas más inesperadas para no ser reconocido como lo que verdaderamente es. Estas apariencias confunden hasta a los iniciados reconocidos como maestros en algunas logias. Todo este desorden ya comienza a tomar un aspecto de pseudo orden donde una gran mayoría de los hombres de esta época caen engañados en ese artificio; donde pseudos ritos vacíos y convertidos en ceremonias humanas proporcionan a las masas una parodia substitutiva de lo que en otrora eran verdaderos ritos sagrados; falsificaciones muy evidente para aquellos que son todavía capaces de discernir la paja del trigo.

Todas estas confusiones, no son más que la obra de la contra-iniciación que se agudiza cada vez más en el final de la era oscura que vivimos y se observa - por ejemplo- en las desviaciones e inversiones de una Masonería moderna entregada a la búsqueda de poderes, a la atracción política, a las seducciones de los placeres sociales y clubes de fraternidad, a la búsqueda de las cantidades sacrificando las "cualificaciones iniciáticas" y de un elitismo invertido. Deformaciones y desconciertos aparecen por doquier y hacen pasar por tradición lo que no es sino costumbre, exterioridad social, política, un consentimiento moral y progresismo, que agranda la distancia de separación entre la masonería moderna y la Iglesia católica afectando al principio

de la unidad fundamental de todas las doctrinas particulares en la "Tradición Primordial", que, en realidad, no es otra cosa que la de la Verdad misma.

En todo este proceso subversivo nos encontramos a un agente animador que tiene muchos nombres y en la Biblia hebrea y el Nuevo Testamento, se denominan como el oponente, el divisor, el acusador u adversario; es satán, entidad antitradicional decididamente malévola, también llamada el diablo que en uso de sus magos negros penetran las organizaciones tradicionales para crear descontentos, discordias y separación; se promueven conflictos, rencores o divisiones para que se pierda la unidad que debe existir entre las diferentes tradiciones particulares; todo esto acarrea distracciones que alejan a las organizaciones tradicionales de los valores espirituales. Es importante la unidad y el amor entre todas las tradiciones particulares para resistir el mal de esta época de fin de ciclo. Como bien se dice en Mateo 12:25: *"Todo reino dividido contra sí mismo, queda asolado",* resalta la división como poder destructivo y, por lo tanto, un arma de la iniquidad.

Las confusiones reinantes son el terreno perfecto para las maniobras de la anti-tradición y la contra-iniciación, que afectan las relaciones entre la Masonería moderna y la Iglesia Católica; e inclusive, pareciera que una nueva discusión entre estas dos instituciones Tradicionales carecería de interés, muchos aspectos pasionales y competitivos están en el medio: Por otro lado, para la Iglesia, pareciera que los únicos criterios que deben admitirse son los del Magisterio romano en la apreciación de la fe, en las perspectivas doctrinales propias a la revelación cristiana y de los datos teológicos disciplinares o pastorales, y otros tantos elementos que permiten definir las condiciones de acceso (o de no acceso) a los sacramentos, desconociendo quizás aspectos del esoterismo y la iniciación que sobrepasan el ámbito religioso.

En lo que corresponde a la Masonería moderna, la situación es más complicada; dado su heterogeneidad y la inexistencia de una jerarquía común central que pudiese regir al total de la Masoneria Mundial -lo que si existe dentro de la Iglesia de Roma- por el contrario, dentro de la Masoneria existen muchas divisiones e inclusive dentro de un mismo país se dan los casos donde pueden existir dos o más grandes logias que no se reconocen entre ellas y se consideran irregulares unas con otras; no obstante dentro de ese mar de confusiones existen algunas organizaciones masónicas supranacionales[8] que engloban a muchas grandes logias de varios países y ese pudiese ser un buen comienzo en el caso de que se desee buscar un acuerdo, teniendo especial cuidado de apartar de futuras reuniones (si las hubiesen) los aspectos sociales y políticos y designar negociadores con un preciso conocimiento de ambas doctrinas y de la Doctrina Tradicional en general. Esto debe ser una condición de ambas partes. Quizás también se podrían comenzar con acuerdos regionales que representen las bases de acuerdos globales. La participación de miembros de las Logias Operativas, que por cierto mantienen dentro de su doctrina al "Sello Crístico", seguro que será de gran valor, dado a su proximidad con la fe religiosa nutrida por el "Esoterismo Cristino" que les guía, y por el valor acordado a los signos, símbolos y ritos cristianos.

El entendimiento del carácter "exotérico" y "esotérico" respectivo, redundaría en buenos resultados; tomando en cuenta el principio de que toda Doctrina Esotérica complementa y profundiza a la Doctrina Exotérica. Por otra parte se puede decir que una Masoneria conocedora tanto del esoterismo como del exoterismo Cristiano siempre estará más cercana a la Iglesia, con respecto a la creencia, a la estructura simbólica, al apoyo vétero y neotestamentario, a la inteligencia sacramental, a la escatología, al objetivo de la vida humana y a la necesidad de la oración.

Muy bien nos dice *Jean Tourniac* en su artículo "*Contra-Iniciación y Reino de las Confusiones*" de que es importante tener claro de que Cristo es uno y que en sí une lo "interior" y lo "exterior", el acto creador y su

[8] Entre las organizaciones masónicas supranacionales con alcance internacional que agrupan a diversas grandes logias de distintos países bajo un sistema común de principios y regulaciones, nos encontramos -entre otras- con: la Confederación Masónica Interamericana, fundada en 1947 con alcance en América Latina, el Caribe, y algunos países de Europa y Asia; la Unión Masónica del Mediterráneo, fundada en el año 2000; el Centro de Enlace de las Potencias Masónicas Firmantes del Llamamiento de Estrasburgo (CLIPSAS) fundada en 1961.

creación, y que por su herida en el corazón libera a la sangre y al agua y exteriormente revela para nosotros lo que en él contenía de más interior. Es la enseñanza (y podríamos escribir el "ensangrentamiento") más profunda del sagrado corazón; definitivamente anula la discusión "exoterismo - esoterismo". Todo está recapitulado en la Unidad de ese corazón y de su amor. Cristo abre a todos el tabernáculo de su corazón, así como abre los brazos sobre la Cruz a todo lo creado, sin distinción de origen, de raza, de color, de inteligencia o de confesión.

Los puntos importantes de entendimiento deben pasar por la Consciencia Tradicional de que siendo el exoterismo la "circunferencia" y el esoterismo el "centro", es la Iglesia no solo esa circunferencia, sino que en la medida en que ella sigue a Cristo es entonces su cuerpo completo que incluye su corazón como centro. Así también la Masonería no es solo el centro, sino que al mantener una existencia pública, visiblemente, a ejemplo de la Iglesia y al mismo tiempo un oficio, forma parte también de ese cuerpo de Cristo que arropa a la circunferencia. Si no se tiene la “Inteligencia” o la capacidad de captación “Espiritual” que es lo mismo, nos mantendremos en el “mar de las confusiones” y la separación se mantendrá.

Es importante que la Iglesia entienda de que la Unidad trascendente de las diferentes tradiciones que mantienen todas las corrientes tradicionales -donde se incluye a la Masoneria y al Cristianismo- no sea asimilado como un sincretismo y ni mucho menos "relativismo" como de hecho hasta ahora ha estado pasando, creando una especie de "anti-masonismo" nacido de corrientes de pensamiento hostiles de la Iglesia de roma. Por otro lado es necesario también que se entienda de que el Dios de los Cristianos y el "Gran Arquitecto del Universo" de los masones, no son aspectos diferentes de la Divinidad, ambos son lo mismo y refieren al “Principio Creador” que contiene y sintetiza simbólicamente al Principio, y al Final de aquello que habrá de manifestarse que en nada tiene que ver con un Dios personal. El "Gran Arquitecto" es la denominación que simboliza al aspecto constructor y ordenador del Dios de la Biblia; de ahí el nombre de Dios Omnipotente para designar a la Divinidad en su aspecto de "Gran Arquitecto del Universo", que en nada es diferente al propio Cristo. Así, el masón no sirve a un señor en la Iglesia y a otro en la Masonería; si deseamos hablar de un "segundo señor" debemos hacer no más que referencia al Evangelio de Mateo, capítulo 6, versículo 24, y en Lucas 16:13, donde Jesús advierte sobre la imposibilidad de servir a dos señores: *"Nadie puede servir a dos señores; porque o aborrecerá al uno y amará al otro, o se apegará al uno y despreciará al otro. No podéis servir a Dios y al dinero."* Aquí, el "segundo señor" es el dinero, que simboliza la riqueza material o la avaricia. Jesús señala que el amor al dinero puede convertirse en una forma de idolatría, rivalizando con la devoción a Dios. La posesión material no debe estar en el plano de la adoración como de hecho sucede en esta época oscura. Esta advertencia vale para todos los discípulos de Cristo, sean masones o católicos (cristianos en general).

Es necesario que la Masoneria moderna entienda de que ella no tiene ninguna función social exterior, la Masoneria es una Escuela de Misterios, que debe enseñar a sus iniciados a encontrarse con “Si Mismo” y así lograr la “Perfección del Estado Humano”; este vuelco moderno hacia lo exterior lo que hace es profundizar las divergencias con la Iglesia.

El vició de la exteriorización se ha incrustado en la masonería moderna con fines más bien políticos que espirituales, lo que ha consentido la invasión de toda clase de cosas que le son extrañas, creando desviación y subversión, cosa que de hecho es necesario resolver. Si no se solventan estos aspectos oscuros; si ambas partes no toman conciencia de los respectivos dominios exotérico y esotérico -lo que también refiere al "punto de vista religioso" y "punto de vista iniciático"-, y si la Iglesia sigue denunciando y explotando de mala fe los errores cometidos por la Masonería más allá de cada cual reconozca sus errores y exista una predisposición a buscar puntos de concordancias, la conciliación se torna difícil.

Es necesario que la Iglesia tome consciencia de que la Masoneria no tiene una exclusividad cristiana como Tradición. Las dos fuentes principales de donde la Masonería extrae sus enseñanzas son la Abrahámica y la tradición greco-latina, cuya expresión más acabada es el pitagorismo, sin excluir a la tradición

"antediluviana". Sin embargo, es necesario aclarar que sus adecuaciones de tiempo y lugar la han llevado a ser principalmente una organización que trabaja sobre un material simbólico, principalmente judeo-cristiano, pero que su reclutamiento es principalmente cristiano, teniendo siempre abierta sus puertas a miembros de otras tradiciones debidamente cualificados. La Masoneria mantiene una universalidad tradicional que no debe ser confundida con "relativismo". Hay que insistir hasta el cansancio, que la Masonería no es en la actualidad la única Organización Tradicional en nuestro Mundo; los masones comparten las enseñanzas desprendidas de la Doctrina Tradicional Primordial con otras tradiciones particulares legítimas y vivientes como lo son: el Hinduísmo, Budismo, Taoísmo, Judaísmo, Islam y por supuesto el Cristianismo.

Uno de los aspectos valiosos a resaltar de la Masoneria, es que -precisamente- ha entendido a la perfección esta característica de universalidad, vislumbre del carácter unánime de la Tradición. Esto ha tenido como consecuencia sobresaliente, de que las Logias Masónicas se constituyan en el lugar ideal en el que los hombres que pertenecen a diferentes tradiciones puedan encontrarse en pie de perfecta igualdad. Todo esto da Fe de la universalidad "noaquita" o "melkisedekciana" de la Masonería; en perfecta sincronía tradicional con el mensaje universal de Cristo que concilia al Cristianismo con la Universalidad Tradicional.

En este mismo sentido, es bueno resaltar lo que nos dice Denys Roman en la revista *"Vers la Tradition"*[9], -por cierto- el último y desaparecido sucesor de René Guénon al frente de *"Etudes Traditionnelles"*:

> *"Verdaderamente, son las tres religiones monoteístas, el Judaísmo, el Cristianismo y el Islam, las que han suministrado a la Masonería el mayor número de sus hijos y los más ilustres de sus iniciados. Las tres tradiciones monoteístas derivan de Abraham, y es muy significativo que el nombre divino de El Schaddaï, del que se conoce su importancia en la Masonería Operativa, sea precisamente el nombre del Dios de Abraham. Guénon, en una página esencial del "Roi du Monde", ha señalado que en el momento del encuentro del Padre de los Creyentes con Melki-Tsedek, el nombre de El Schaddaï fue asociado al de El-Elion (el Altísimo) y que este encuentro marca el punto de contacto de la tradición abrahámica con la Gran Tradición Primordial"* (pp. 200 y 201) 40.

Interpretando todo lo anteriormente escrito desde un punto de vista estrictamente Tradicional, se puede inferir de manera muy clara que no hay relativismo en el universalismo masónico (en esto hay que ser enfático), sino, por el contrario, unidad de fe, monoteísta y bíblica. Se debe ser claro que aunque el "relativismo" se ha incrustado en algunas obediencias masónicas modernas producto del proceso degenerativo nacido del cisma masónico de 1717 en Londres, también hay que ser muy redundante de que este "relativismo" no tiene nada que ver con la "Doctrina Masónica", recordemos que los vicios son introducidos por los hombres en las organizaciones tradicionales, pero la Doctrina siempre se mantiene incólume, a salvo; por ello -como ya se ha afirmado- una cosa son los hombres y otra muy diferente es la Doctrina que puede ser o no comprendida por estos, y ya sabemos también que la incomprensión crea vicios; no se puede juzgar a una Doctrina asimilándola con discrepancias humana. Reiteremos una vez más el hecho de que la Doctrina Tradicional tiene un origen no humano lo que le da esa característica de ser infalible y sólo quien posee un conocimiento efectivo de ella está amparado por tal condición.

El relativismo ha sido una de las principales causas por la cual la Iglesia de Roma ha acusado a la Masoneria, quizás por ignorancia se podría decir, tal vez por confundir desviaciones con Doctrina; pero al mismo tiempo el tema sobre los conceptos de esoterismo y de exoterismo, ha originado también muchas confusiones -como ya tangencialmente lo hemos anteriormente expresado-, este argumento ha sido una de las "piedras de tranca" en el reencuentro entre la Iglesia y la Masonería. La idea de esoterismo está estrechamente ligada a la de Tradición Unánime, Centro Invariable y Único, y esa Unidad trasciende a las diferentes

[9] *A propos d'une récente décision romaine,* Nº 9 y 10 (marzo-junio de 1984). - un artículo que provocó alguno que otro alboroto. refiriéndonos a la obra de René Guénon *et les destins de la Franc-Maçonnerie,* Les éditions de l'Oeuvre, París, 1982.

religiones, además de que muchas de ellas se quedan atrapadas en la cosmogonía de sus doctrinas lo que las hace no ver lo que está más allá, el "Principio Supremo" incluyendo a la No-dualidad, la No-acción y la Inmanifestación Absoluta. Estos aspectos que se revelan en la doctrina esotérica, en muchas oportunidades no coincide con las opiniones particulares religiosas clásicas.

Ciertamente es conocido que el aspecto opuesto o más bien "complementario" y por lo tanto no competitivo, del esoterismo es por supuesto el exoterismo; ambos términos se aplican de hecho a una misma naturaleza doctrinal, a una misma realidad divina, aunque considerada desde el exterior por el exoterismo, o conocida y participada desde el interior por el esoterismo; esto significa que aun cuando ambas comprenden finalidades semejantes debido al carácter Sagrado y Espiritual que les es común, se dirigen a distintas clases de individuos entre los cuales la diferencia fundamental queda establecida por su capacidad de captación Espiritual[10]. Esto es en gran medida algo difícil de entender para aquellos que están imbuidos en un ambiente "exterior" de la Doctrina donde se ubican las religiones en general. Muchos de los detractores del esoterismo están en medio de este grupo que no logran entender del todo a la Doctrina Esotérica Tradicional y la conciben como una mezcla de adulteraciones religiosas, como sincretismos, pseudo-espiritualidades, a menudo de origen sospechoso e incluso contra-iniciático, y otras cosas más; siendo esto así, entonces, ¿cómo pueden encontrarse la Iglesia con la Masoneria?

En la Universalidad de la Masoneria, se entiende que sus miembros pueden proceder de cualquier componente exotérico de la Tradición, en el caso actual, una gran porción de los masones de hoy proceden del catolicismo; por otra lado, se presupone que las condiciones de iniciación incluyen el haber agotado el conocimiento religioso que lo lleve a la búsqueda de algo que está más allá, lo que en Masoneria se conoce como "*El Bautismo de San Juan*"; esta situación ideal, lleva a que un individuo una vez iniciado tenga la necesidad de continuar practicando su religión de origen. Rene Guénon inclusive afirma la necesidad del exoterismo[11], lo que no armoniza con las discrepancias surgidas entre Catolicismo y Masonería luego del cisma de 1717 aun cuando se sabe que se ha intentado una evolución en este sentido. Es cierto que la reconciliación entre la Iglesia Católica y la Masonería está llena de muchos prejuicios, existe en la Iglesia una postura antimasónica que ha creado algunos obstáculos y contradicciones; sin embargo debe ser una acción muy necesaria en especial en estos tiempos de finales de ciclo donde la "Union Tradicional" debe estar por encima de cualquier otra cosa para poder enfrentar la acciones antitradicionales del anticristo unidos. Si nos posicionamos en el dominio de los principios -que está más allá de la comprensión exterior y de las masas-, no debería haber ambigüedad de ningún tipo entre el exoterismo y el esoterismo.

Hoy por hoy, la manía de una masonería degenerada hacia lo social y lo político, el anticlericalismo, la libertad sexual y el laicismo entre otros vicios, ha provocado desprecios recíprocos, cuya gravedad no se pone en duda; sin embargo, la enseñanza que la Masonería dispensa y que se remonta a Cristo, incluida en esta vía a la Virgen María y a los dos San Juan, puede ser un verdadero pretexto de mediación que lleve a una reconciliación, tal como la que se vivía en la edad media.

Mientras todo esto pasa, la Iglesia debe hacerse consciente de sus errores de apreciación doctrinal por un lado; y por el otro, la Masonería moderna debe hacerse responsable de sus desviaciones, y decidir entre ser una verdadera "Escuela de Misterios" o una simple asociación o club de convivencia o fraternidad, despojada de toda espiritualidad. Este "*Darse Cuenta*" podría favorecer la búsqueda de un establecimiento de "acuerdos

[10] Es necesario hacer un paréntesis en este inciso, motivado a que en la actualidad, ya muchas logias no respetan o no cumplen con la observación y verificación de las "cualificaciones iniciáticas" de los candidatos a la iniciación, dado a que sus objetivos están más puesto en la cantidad sobre la calidad de sus miembros, desconociendo el concepto tradicional de "Elite", por lo que muchas veces queda en duda, la capacidad de captación Espiritual de muchos de sus miembros. El término Élite proviene de "Electo" y designa al conjunto de individuos que reúnen las cualificaciones necesarias para la Iniciación (Élite virtual). Se requiere además la conciencia de tales capacidades para poder optar válidamente a la Iniciación en la cual luego pueden producirse elecciones sucesivas al escalar los grados de la Jerarquía Iniciática. Esta palabra no admite plural y se refiere exclusivamente a la Espiritualidad.

[11] Necesidad del Exoterismo Tradicional, Capítulo VII del libro Iniciación y Realización Espiritual (1952), facsímile.

sobre los principios" que pasa por que cada una de las partes se esfuerce en buscar lo que más de Tradicional se encuentre en su contraparte. Empezando por las concordancias más básicas al comienzo del camino que conduzcan al apaciguamiento: que nos lleva de la Fe, a la Esperanza y de esta a la Caridad que no es más que el "Amor" esencialmente hacia Dios y hacia nuestro prójimo; así seguramente se puede "paso a paso", avanzar hacia un acuerdo total.

En Masoneria Operativa se dice que: "*En El-Schaddaï está toda nuestra Esperanza"*; por otro lado, Romanos IV, 18 nos enseña de debemos "*Esperar contra toda Esperanza*" y el Profeta Isaías nos instruye que: *"En el descanso y en el reposo seréis salvos; en la quietud y en la confianza estará vuestra fortaleza"* (Isaías 30:15); *"Los que esperan en el Señor renovarán sus fuerzas"* (Isaías 40:31). Estas bellas enseñanzas son un admirable monumento de *Fe, Esperanza y Amor (o Caridad que es lo mismo)*. El-Schaddaï es la Esperanza que concierne al "Mundo por Venir", la Nueva Edad de Oro o Era de la "Verdad", y el Cristo Mesías es el "Padre de esta Nueva Era Futura". Nuestra Fe queda en el Plan Divino del Creador para la redención de nuestro Mundo y en la disposición para entenderlo. Permanezcamos con Fe en aquel que reabsorbe "por arriba" las divisiones y las contradicciones, de Aquel que dice por siempre: *"Escucha, Israel, el Eterno, nuestro Dios. El Eterno es UNO"* (Deuteronomio 6:4 - Shemá Israel).

A pesar de las diferencias externas, se hace necesario converger en la idea de que Dios es la fuente última de todo lo que existe y aunque las formas de acercarse a Él varíen, la *Esencia Divina es Una*. En Dios no hay separación ni división, Él trasciende las dualidades que experimentamos en el mundo físico y en su infinita sabiduría, crea la realidad tal como la percibimos, por ello es también capaz de integrar y superar todas las aparentes contradicciones que los seres humanos enfrentamos. Las distintas corrientes tradiciones -tanto exotéricas como esotéricas- pueden parecer contradictorias, pero cada una revela un aspecto parcial de la Verdad Divina, adaptado a diferentes contextos de carácter secundario, llevadas a cabo en atención a características propias de los hombres según las épocas y los lugares; y desde esta perspectiva, Dios actúa como un "espejo infinito" que refleja la Verdad de maneras diversas; dado su carácter *Trascendente* "está más allá de todas las cosas y de las individualidades" pero por su *Inmanencia* "está presente en todas ellas y ellos". Todos estamos llamados a ser uno en el amor de Dios (Juan 17:21): *"Que todos sean uno, como tú, Padre, en mí, y yo en ti"*. Lo que a nosotros aquí en la Tierra nos parece contradictorio, en el Cielo es simplemente una percepción limitada de una realidad más amplia. En la medida en que dejamos de centrarnos en las diferencias externas y buscamos la verdad espiritual más profunda, encontramos que las contradicciones desaparecen en la inmensidad de lo Divino. La naturaleza Divina trasciende toda lógica humana, y en ella se encuentran resueltas todas las paradojas.

En fin, Masones y Católicos tienen en común un Tesoro de inagotable riqueza: el Dios Omnipotente y Eterno, y también la lengua universal de los símbolos; los fines últimos del hombre y del mundo; la evocación de la *"Yerushalem Celeste";* la unidad en el Arca noaquita y abrahámica; la referencia a Melki-Tsedek, Sacerdote del Altísimo, Rey de Justicia y de Paz; los Templos de Israel y del Cristianismo; la Sagrada Escritura, alimento del Corazón y del Espíritu y sustancia de los rituales. Esto hace mucho, mucho más que las incomprensiones recíprocas.

Cuando pensemos en las incomprensiones dentro de las relaciones entre la Iglesia y la Masonería, y en aquello que divide, recordemos que solo el "tentador", el "acusador", "satán" es el que fracciona; centrémonos en la palabra de Cristo que nos dice: *"¿De qué teméis, oh hombres de poca fe?"* (Mateo, VIII, 26).

Un tesoro común encontramos en las Catedrales de Piedras talladas en la edad media, lugar de oración, pero también instrumento de conocimiento divino, Libro de Vida y Libro del Mundo; he aquí el secreto del acuerdo entre las dos tradiciones, la del sacerdocio católico y la de los constructores; en él reside la superación de las contradicciones mentales y de las confusiones; *"sólo Dios basta"*, nos grita santa Teresa de Ávila. En los pequeños restos -quizás incomprendidos por muchos- del Simbolismo Masónico y de la Tradición Cristiana, hoy desagregados y dislocados exteriormente, puede emerger la potencia de Dios derramando su gracia

si se le invoca con este propósito de unión: *"Bástate mi gracia, porque el poder mío brilla y consigue su fin por medio de la flaqueza"* (II Corintios, XII, 9). Para seguir los designios de Dios, se hace necesario insistir y buscar la fuerza para persistir a pesar de las adversidades, oposiciones y de los fracasos del pasado, es necesario ir más allá de la perspectiva humana hacia "la lógica de las imposibilidades"; *"Jesús, fijando en ellos la vista, les dijo: A los hombres es esto imposible, mas no a Dios; pues para Dios todas las cosas son posibles"* (Marcos 10, 27).

Que el simbolismo de la *Cadena de Unión*, un símbolo masónico que vincula a todos los masones buscadores de la "Verdad", encuentra resonancia en el concepto Cristiano de la Hermandad Universal bajo un mismo Padre.

En la Iglesia católica existe el término de "Pontífice" adoptado por la Iglesia Católica para referirse a los obispos y, de manera particular, al Papa, quien es conocido como el Sumo Pontífice. Por su parte, en algunos altos grados de la Masoneria también se utiliza este mismo termino: "Gran Pontífice o Sublime Escocés". En ambos casos, esta calificación profundiza en los aspectos y la importancia de construir "puentes" simbólicos hacia las generaciones futuras que permitan la conexión de Dios con los hombres. Los pontífices de la Antigua Roma, quienes eran líderes religiosos y supervisores de la construcción de puentes, nos ilustran en la necesidad de conectar y transmitir conocimientos y valores a través del tiempo. En esta época de separaciones, se hace necesario la construcción de puentes hacia el conocimiento, hacia la Verdad UNA; puentes hacia la "*Yerushalem Celeste*" o "Templo de la Consciencia Superior", un espacio donde las diferencias han sido superadas en favor de una realidad más pura y autentica. Mientras tanto, es necesario que se construyan puentes entre masones y cristianos, que nos lleven a reconocer y respetar nuestras diferencias, pero al mismo tiempo nos permitan el trabajar juntos hacia un entendimiento mutuo y una colaboración que enriquezca a ambas comunidades en el común objetivo de hacernos consciente de ser parte del Plan Global de Dios en su Manifestación para Redimir y Emancipar a su pueblo.

-oOo-

> *...(Vendrá) el vendaval que arranca muchas cosas, las cuales se pensó que habían sido construidas para los siglos. Y luego de la tempestad el hombre construirá cosas mejores, que persistirán...la transformación final no vendrá del odio, de la venganza (ni) de otros motivos indignos; vendrá como resultado de un grande y creciente Amor, de un sentimiento que convencerá a los hombres de que son la misma familia, que el sufrimiento de uno es el sufrimiento de todos, que todos son UNO solo. Y entonces aparecerá la Edad de Oro. El guía y la salvación no vendrá de una cosa o de cosas: Vendrá de Adentro...*
> ***Yogî Ramacharaka.***

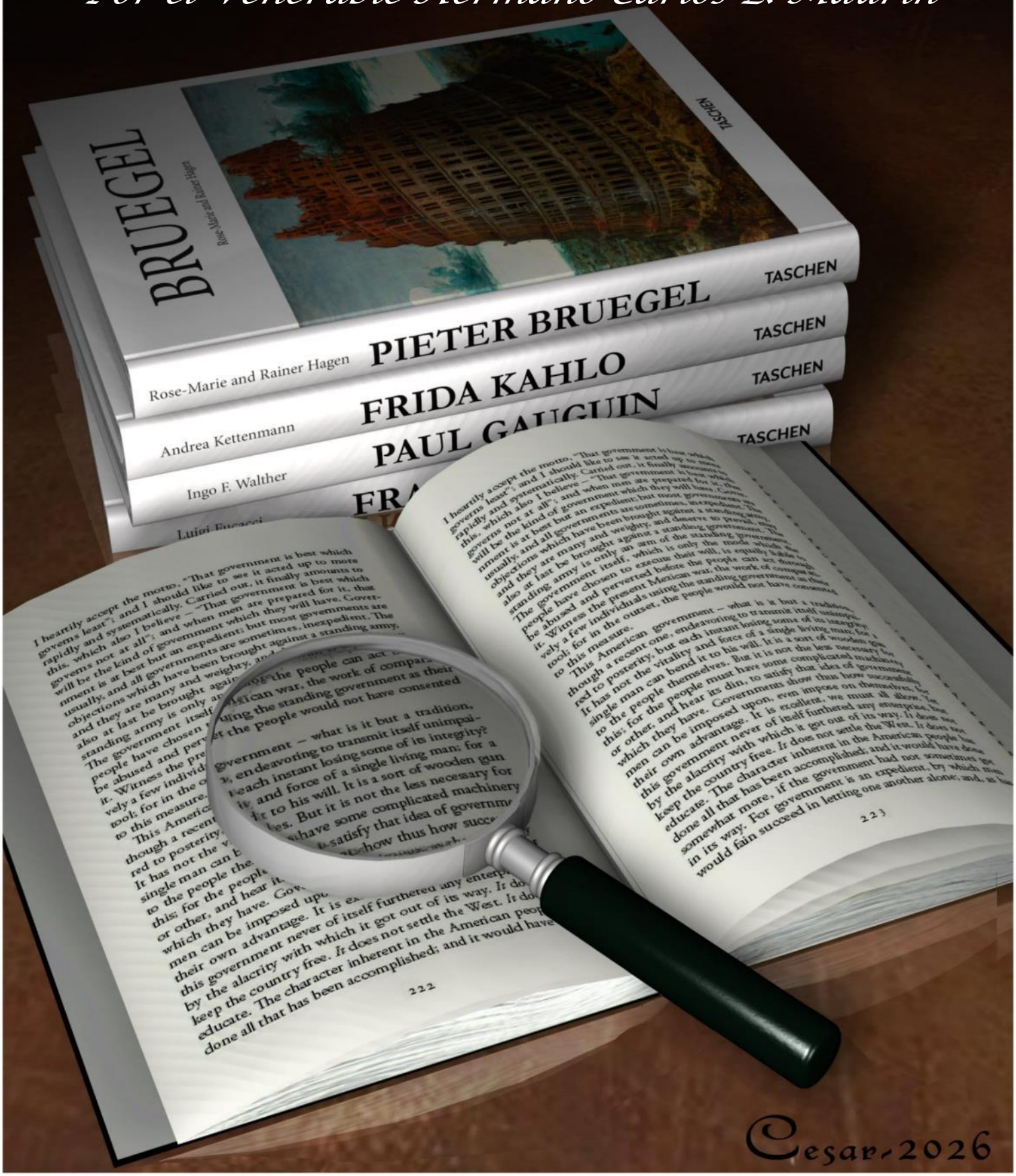
Próximo número: Simbolismo esotérico del arrodillarse

El autor
Melki-Tsedek

Bajo el Cenit de Manoah, en el Valle de San Cristóbal, estado Tachira,
al Or∴ de Venezuela, Tierra de Gracias
A los catorce (14) días del mes de febrero del año del Señor 2025.
Solsticio de Verano para el Hemisferio Norte
@ernestormm
"In omnia amoris et serve" *"Opus Novum Caelum Et Nova Terra Sumus"*
H*RDM+****K****LWNNNG*

Revision bibliográfica

Por el Venerable Hermano Carlos E. Maurín



Una revisión bibliográfica cuya sigla es (RB.) es la prolija búsqueda de información sobre un tema determinado en la documentación especializada. Su finalidad es obtener antecedentes actualizados sobre tal tema considerando los enfoques que presenten diversos tratadistas, en especial si hay posiciones divergentes.

En tal sentido, es una actividad que se debe atender individualmente, con el objeto de sistematizar conocimientos sobre la materia seleccionado y conformar con ellos un cuerpo de información consolidada que permita disponer de una perspectiva amplia sobre sus diversos puntos de vista, explicarla y discutirla con perspectiva propia.

Según sea el tema, la RB. podrá cubrir un periodo extenso o circunscribirse a uno relativamente breve. Hay muchas materias que evolucionan substantivamente en el corto plazo, por lo que, a veces, las referencias distantes no tienen sentido, Por otro lado, hay temáticas permanentemente vigentes, que requieren ser revisadas desde sus raíces.

Una RB. no es la acumulación Inorgánica de frases sueltas, ni un "collage" de opiniones copiadas al pie de la letra. Es una revisión de aspectos claves de un tema para conocerlo en lo esencial, capacitando para su ulterior análisis con detenimiento

La RB. admite toda clase de fuentes documentales, que deberán incluirse en las referencias: libros, revistas, periódicos, publicaciones especializadas y cualquier otro ítem que respalde actualizadamente lo expuesto. Para los efectos de este **primer trabajo no debe superar las cincuenta líneas** lo que implica una buena capacidad de síntesis para determinar los aspectos importantes y luego resumirlos sin perder lo esencial de cada perspectiva.

Las referencias textuales que se copien de una determinada fuente deben de Entrecomillarse; "....." asimismo, la bibliografía que se incluya al final del texto debe elaborarse conforme el esquema universalmente utilizado en trabajos académicos. En síntesis ,éste incluye:

- Autor (por orden alfabético.)
- Título de la publicación (subrayado, en *cursiva* o en **negrita.**
- **Editorial.**
- Lugar de publicación (Ciudad o país)
- Si es Internet colocar el Sitio: www.....y el o los autores.
- Año de publicación.

➢ Ejemplo: Flores, Fernando**. "*Inventando la empresa el siglo XXI*"** Editorial Hcichette, Santiago, 1982.

El título está entre comillas, cursiva y negrita.

➢ Lagos Escobar, Ricardo "**Efectos del proceso de ajuste económico sobre la educación en América Latina**". Santiago, UNESCO/ OREALC, Santiago, UNESCO/ OREALC, 1987.

El título en negrita, letra no cursiva, pero entre comillas.

➢ Nilo, Sergio, "Apuntes para una comparación sobre la calidad de Ia educación en América Latina y Estados Unidos" **en La Educación** Nº 96, 1984, OEA, Washington. RAE 3465.

El título solo entre comillas, letra no cursiva.

Para atender el desafío que significa realizar una Revisión Bibliográfica, deberá ubicar materiales que aborden la temática elegida desde diferentes puntos de vista. Se trata de un exhaustivo trabajo descriptivo para el cual se recomiendo preparar un esquema que incluya una conceptualización de las ideas claves, su evolución y lo generalizado de su validez.

Los temas de esta primera RB. son los que indicará el profesor o profesora, de los cuales Ud. seleccionara uno.

NOTA: El Docente podrá entregar un listado de temas, conceptos sobre su asignatura
El alumno tiene la posibilidad de elegir libremente de acuerdo a sus intereses y/o necesidades.

Aspectos claves que debe incluirse en todos los trabajos.

- Definir los conceptos principales.
- Detectar los elementos claves del tema y presentarlos mediante una argumentación secuencial que otorgue lógica y racionalidad al trabajo.
- Captar las posiciones controvertidas que pueda haber sobre la materia.
- Evitar "abanderizarse", adoptar la posición neutra del analista.
- Terminar con un párrafo que sintetice el resultado de su búsqueda.
- Usar un lenguaje que sin, ser rebuscado, corresponda a un alumno de Enseñanza Media que está pronto de ingresar a la Universidad, Instituto Profesional y / o al Mundo Laboral.

En la Bibliografía:

- ¡NO INCLUYA OBRAS NI AUTORES QUE NO HAYA MENCIONADO EN EL TEXTO DE SU TRABAJO!
- ¡NO OMITA NINGÚN AUTOR QUE APAREZCA SEÑALADO EN EL TEXTO!

Fecha de entrega: ..xxx , u otra acordado en común con los interesados.

El trabajo, podrá ser efectuado en computadora, tendrá una extensión máxima de 2 páginas, de 25 líneas cada una, fuente Nº12, Letra Arial. No deben de considerarse en estas 50 líneas "las referencias bibliográficas, las que deberán ser confeccionadas por orden alfabético

EJEMPLO DE UNA REVISIÓN BIBLIOGRÁFICA. (Nivel Docente)

(En torno al desarrollo del autoconcepto)

Al analizar los estudios referentes al autoconcepto en el medio educativo, resalta la tendencia a considerar este constructo como factor causal en el desempeño estudiantil.

Este enfoque alcanza una perspectiva global en Labenne y Green (1969) quienes lo postulan como un determinante de la conducta humana. Yamamoto (1969) circunscribe su efecto como variable causal en la capacidad pare aprender. A su vez, Glasser (1969) fustiga a la institución escolar imputándole el bloquear una identidad exitosa. No obstante, estos postulados globalizantes no ofrecen evidencias empíricas que avalen objetivamente sus puntos de vista. Los estudios que proporcionan una base objetiva han reducido su análisis a la consideración de una sola variable: rendimiento escolar. La relación informada, si bien positiva, alcanza

sólo moderados valores. El coeficiente más alto llega a .57 en el estudio de Brookover, Thomas y Patterson (1964), en tanto que Pier y Harris (1964) informan un coeficiente del .18. Estos y otros resultados condujeron a que se postulara que un incremento en el autoconcepto implicaría una correspondiente optimización del rendimiento escolar. Sin embargo, la evidencia proporcionada por ulteriores estudios ha cuestionado este postulado el demostrarse que tal relación "era débil y estadísticamente insignificante " (Fitts, 1972 b).

De allí que se detecte La necesidad de conceptualizar más exactamente este constructo.

Estudios recientes han postulado que el autoconcepto constituye un fenómeno especifico más que una condición global (Backer, Woodden y Muller, 1977, Mintz y Muller, (1978), Chambler, Muller, Huinick y Wood, 1978). Las variables más influyentes han sido identificadas por Thomas (1973) e incluyen: la edad, el sexo, el factor étnico, la influencia de los padres, de la de familia y de los pares, la clase social y las prácticas socializadoras. Similares resultados se han obtenido en otros estudios tales como el de Velasco (1978) con escolares urbanos y rurales de Méjico y el de Larned y Muller (1979) con estudiantes rurales estadounidenses.

Tomado de: Velasco Barraza, Carlos R. "**A Cross-Sectional Study of the Development of Sef-Concept arnong urban and rural, Chilean, Mexican and U.S.A**. **School Children**. American Pschologycal Review, USA., 1980.

Se extrajo sólo una página de la R.B. C Velasco/USACH/Rev Bib/2000.

ANEXO.

- Una revisión bibliográfica es una investigación documental que evalúa críticamente la literatura existente sobre un tema específico. Es una metodología de trabajo académico que se utiliza en la elaboración de artículos científicos, tesis, trabajos de fin de grado y máster.
- Objetivos
- Identificar lagunas en la investigación
- Basarse en trabajos anteriores
- Situar el estudio en un contexto académico más amplio
- Ampliar los conocimientos existentes
- Obtener nuevas perspectivas
- Cómo se realiza
- Se debe ser sistemática, exhaustiva y reproducible
- Se debe identificar, evaluar y sintetizar las pruebas existentes con el menor sesgo posible
- Se debe describir y analizar críticamente los artículos académicos existentes
- Cómo se presenta
- Se debe incluir un título, una introducción, objetivos, metodología y un resumen
- Se debe escribir en tercera persona para mantener la objetividad
- Se debe estructurar el resumen de forma lógica para mejorar la legibilidad
- Importancia
- Permite a los investigadores identificar lagunas, basarse en trabajos anteriores y situar su estudio en un contexto académico más amplio.

Próximo número: Dese tiempo para pensar

El autor

Carlos Maurin Fernández,

Nacido en la ciudad de San Fernando, a los dos años fue trasladado con sus padres a la ciudad de Santiago de Chile.

Sus estudios los realizó en el Colegio Hispano Americano, Escolapios, de corte religioso y posteriormente emigro a la Universidad Católica de Valparaíso a estudiar FILOSOFÍA, terminando su último semestre en la UNIVERSIDAD CATÓLICA PONTIFICIA DE SANTIAGO. Razón de su traslado fue para iniciar la Fundación DUOC junto a otros alumnos de Filosofía de la Federación de estudiantes de dicha Universidad.

En el año 1970 postula a un concurso de cargo y oposición y queda de planta en el Centro de Perfeccionamiento Experimentación e Investigaciones Pedagógicas, CPEIP, perteneciente al Ministerio de Educación de Chile. Se dedicó en especial a la tarea de Investigación Educacional, publicando libros y perfeccionamiento de Profesores al mando del Director de dicha Institución: Don Mario Leyton Soto. Posteriormente sacó su POST TÍTULO en Educación de Adultos patrocinado por la OEA., Univ. Católica de Santiago y el C.P.E.I.P.

En el año 1982 trabajo en la puesta en marcha del Instituto Profesional de Estudios Superiores Blas Cañas en el cual se encargó de dictar Cátedras de Filosofía, Metodología de la Educación, Antropología Filosófica y Metafísica, crea La Unidad de Material Didáctico como un apoyo a los docentes de diversas Cátedras. Posteriormente fue nombrado Administrador de la Sedes de la Universidad Católica Blas Cañas.

Participó como miembro activo para traspasar al Instituto Profesional Blas Cañas, a la categoría de Universidad Católica Raúl Silva Henríquez, fue el Primer Director de Asuntos Estudiantiles, Formador del Centro de Alumnos, Fundador y Director del Hogar de Damas, Fundador de la Hemeroteca y de la Videoteca Video Films para la U.C R. Silva H. y Documentalista. Posteriormente saca su MAGÍSTER EN EDUCACIÓN en la USACH con la especialidad en Gestión.

En el año 1999 deja la Universidad Católica R. S H. y se traslada a la FACH como profesor Catedrático de tres asignaturas del currículo de la "Escuela Capitán Ávalos", encargado de la segunda y tercera Ala. Paralelamente trabajo como profesor en el Colegio Calasanz, docencia en Liceo Nº 47 Augusto D´Halmar y Jefe de Elaboración de Proyectos en el Liceo José Toribio Medina.

Desde 1990 a la fecha, fuera de su docencia en clases, ha sido Profesor Guía de la asignatura de Filosofía y Psicología colaborando con el programa de Formación de Profesores en la USACH y 7 años para la Universidad de Chile. (Facultad de Filosofía y Humanidades. Centro de estudios Pedagógicos.
Algunos de sus libros se encuentran en la página WEB: https://www.thegoatblog.com.br/carlos.maurin/

Artículos en Revistas Internacionales y como documentalista y corresponsal internacional envía trabajos al NUPESMA (San Pablo, Brasil), CADENA FRATERNAL (Tel Aviv, Israel) y REVISTA RETALES DE MASONERÍA. (España). https://retalesdemasoneria.blogspot.com/ y Monografías.com

Solum

Por la Q.·.Hª.. Myriam Salas Herrera

Nuestro caminar como humanidad ha conocido distintos lechos. Y dependiendo de la mirada desde donde observemos, cambia también la forma en que comprendemos aquello que sostiene nuestra existencia . Es una verdad irrefutable que vivimos siempre sobre “algo”.

No solo sobre tierra, piedra o memoria, sino también sobre un fondo invisible que antecede nuestras palabras y permanece incluso cuando todo parece derrumbarse. Un terreno silencioso que rara vez contemplamos, pero que muchas veces determina nuestra manera de habitar el mundo.

Si uno se remonta a Dante, este lecho guarda relación con el descenso. Nos conduce hacia ese infierno que no aparece únicamente como castigo, sino también como tránsito hacia las profundidades del Ser. Un viaje inevitable hacia aquello que permanece oculto bajo el nombre, el orgullo y las certezas humanas.

Y en ese descenso emerge algo que el hombre moderno intenta evitar constantemente: la soledad.

No la simple ausencia de personas, sino esa otra soledad que aparece cuando el ruido deja de distraer y ya no queda nadie frente a quien representar un personaje. Esa presencia incómoda que surge cuando cesan las visitas, las máscaras y las evasiones.

Entonces el ser humano queda frente a sí mismo.

Y pocas experiencias resultan tan difíciles.

Porque la verdadera soledad no siempre trae calma. A veces revela heridas. Otras veces deja al descubierto vacíos que permanecían ocultos bajo el movimiento cotidiano.

Sin embargo, quizás toda profundidad comienza allí. E indiscutiblemente, todos alcanzamos en algún momento ese lecho inmutable, porque existen territorios interiores a los que nadie puede acompañarnos por completo. Cada ser humano debe atravesar ciertas oscuridades en silencio, como si hubiese un punto donde toda existencia descendiera inevitablemente hacia su propio suelo fundante.

Muchos de los misterios más antiguos parecen habitar precisamente en la Umbra. Entrar en ella exige valentía; la misma valentía de quienes se atreven a explorar las profundidades del océano, regiones que aún permanecen intactas. Espacios que el hombre apenas ha conseguido rozar. Lugares donde todavía parece sobrevivir algo inviolable.

Tal vez porque ciertos territorios conservan una memoria antigua. Una frontera silenciosa que nos recuerda que no todo fue creado para ser conquistado.

Pero, lamentablemente, el hombre moderno confundió conocer con poseer.

Y en su impulso por iluminarlo todo, olvidó que algunas profundidades existen precisamente para recordarnos nuestros límites.

Algo semejante ocurre bajo nuestros pies.

En el centro de la Tierra permanece un fuego inmenso y oculto que, de tanto en tanto, emerge a través de volcanes y grietas. Un recordatorio de que el planeta también respira.

Los antiguos comprendieron esto de distintas maneras. Muchas tradiciones vieron en el fuego una fuerza doble: destrucción y transformación….Y quizás no estaban equivocados.

Porque existen fuegos que devastan, y otros que revelan.

La alquimia comprendió profundamente esta imagen. Hablaba del atanor: aquel horno silencioso donde la materia era sometida lentamente al fuego para alcanzar su transformación. Pero el atanor no representaba únicamente un instrumento material; simbolizaba también al propio ser humano atravesando sus procesos interiores.

Nada esencial podía transformarse con apuro.

El fuego debía permanecer constante. Persistente. Invisible.

Como ocurre con ciertas experiencias humanas que lentamente consumen aquello que sobra para revelar algo más verdadero.

Quizás cada existencia posea también su propio atanor invisible.

Un espacio interior donde arden las pérdidas, las dudas, las preguntas y las crisis que la vida deposita sobre nosotros. Procesos que muchas veces destruyen antiguas formas de comprendernos, pero que también permiten que algo distinto emerja desde las cenizas.

Tal vez la vida misma sea una larga combustión interior.

Vivimos rodeados de montañas que tocan ese lecho ardiente, como si fueran columnas abiertas hacia el corazón encendido del mundo.

Entonces el suelo deja de ser únicamente materia. Se vuelve memoria, límite, esperanza y permanencia.

Quizás la humanidad entera habite sobre una inmensa fragua invisible donde virtudes y miserias son puestas a prueba continuamente.

Algunos terminan consumidos por sus propios excesos. Otros logran transformarse a través de ellos.

Tal vez por eso las antiguas tradiciones hablaban tanto de pruebas, descensos y purificaciones. Comprendían que ciertas transformaciones solo ocurren cuando aquello que sobra comienza a arder.

Y quizás también comprendían algo más: que nadie atraviesa realmente el fuego acompañado.

Porque en ciertos momentos de la vida, incluso rodeado de personas, el ser humano descubre una distancia imposible de cruzar completamente. Algo interior permanece solo. No como castigo, sino como condición inevitable de la existencia.

Como si hubiese una parte del alma destinada a caminar en regiones donde ninguna palabra logra entrar del todo.

Y aun así, debajo de todo, el lecho continúa ahí. En silencio. Como una verdad antigua que no desaparece, aunque intentemos cubrirla.

La Tierra habla cuando el equilibrio se rompe. Habla en el agotamiento de los bosques, en la erosión de los suelos, en el avance de los desiertos y en el fuego que emerge desde abajo cuando algo ha sido llevado demasiado lejos.

Pero también habla de otra forma.

Habla a través de quienes logran permanecer conectados con esa profundidad invisible. Personas que, aun en medio de la inestabilidad del mundo, consiguen convertirse en sostén para otros. No porque sean perfectas, sino porque recuerdan algo esencial: ninguna construcción verdadera puede levantarse sobre un suelo vacío.

Y quizás ese lecho no sea solamente terrestre.

Quizás también exista dentro del ser humano.

Un fondo donde todavía permanecen las preguntas esenciales. Donde el ruido no alcanza completamente. Donde algo continúa ardiendo bajo todas las capas del tiempo.

Porque incluso cubierto por la historia, por las ciudades y por las palabras, el fuego sigue ahí.

Debajo de todo.

Como una respiración subterránea.

Y tal vez sea eso lo que algunos hombres y mujeres perciben en ciertos instantes de lucidez. Cuando el mundo parece detenerse apenas un segundo y las formas pierden peso.

Entonces algo profundo vuelve a sentirse cercano.

No necesariamente visible.

No necesariamente comprensible.

Pero real.

Como una piedra tibia bajo la tierra después del incendio.

Próximo numero: *Resistentia*

La autora

Myriam Salas Herrera - Ap:. M:..
Resp:. Log:. Sirius Nº12 , Oriente del Ecuador .

Cuando ayudar hace daño

El delicado arte de sostener sin encadenar

Por el Venerable hermano Derej haLomed
(Simbólico)

César-2026

Hay personas que nacen con una inclinación natural a ayudar. Se conmueven ante el dolor ajeno, sienten el impulso inmediato de intervenir, de resolver, de sostener. Son corazones nobles que, sin pensarlo, se ofrecen como apoyo. Y sin embargo, es precisamente en ese impulso generoso donde aparece uno de los riesgos más silenciosos de la vida emocional: **ayudar tanto que acabamos dañando, desgastándonos o anulando a quien supuestamente intentamos elevar**.

La intención es buena, sí, pero cuando la ayuda se desborda pierde claridad. El deseo de aliviar se mezcla con la necesidad de ser útil; la empatía se confunde con la responsabilidad; la mano extendida se transforma en un brazo que carga lo que no le pertenece. Y entonces ocurre un fenómeno extraño: no solo sufrimos nosotros, sino que también entorpecemos el crecimiento de los demás.

Todos hemos conocido a alguien así, o lo hemos sido nosotros mismos: esa persona que corre a apagar cada incendio, que intenta resolver cada problema, que siente que si no interviene todo se derrumbará. Quien ayuda desde ese lugar suele terminar rodeado de gente que pide sin límite, que exige sin agradecer, que delega sin medida. Y no porque esa gente sea mala, sino porque la dinámica misma los invita a la dependencia.

Sin darnos cuenta, la buena intención se convierte en un obstáculo, la protección excesiva en una especie de prisión, y la ayuda sin límites en una forma de control involuntario. Y es aquí donde nace la paradoja más dolorosa: el que ayuda puede transformarse —sin quererlo, sin verlo, sin desearlo— en una figura de tirano afectuoso, alguien que decide qué se debe hacer y cuándo, alguien que termina creyendo que sabe mejor que el otro lo que le conviene. No impone por maldad, sino por exceso de cuidado, que a veces aprieta más que las cadenas.

Y del otro lado, la persona que recibe corre el riesgo de convertirse en súbdito o prisionero emocional. Empieza por agradecer la ayuda, pero poco a poco se acostumbra a que decidan por ella, a que la rescaten, a que la sostengan en cada tropiezo. Sin darse cuenta pierde iniciativa, criterio, autonomía. Su libertad se reduce al tamaño de la mano que siempre la sujeta, y su vida gira alrededor de quien la salva. Así, uno se convierte en imprescindible y el otro en incapaz; uno dirige y el otro obedece; uno da sin límite y el otro recibe sin evolución.

- El vínculo, que nació desde el amor, termina deformándose.
- El ayudador se agota, se frustra, se vacía.
- El ayudado se estanca, se apaga, se reduce.
- Y ninguno entiende por qué algo tan bello ha terminado asfixiando a ambos.

La raíz de todo esto es que ayudar no siempre ayuda. Y ayudar demasiado, o ayudar sin discernimiento, casi siempre impide que el otro crezca. La vida nos construye a través de nuestros pasos, nuestros errores, nuestras decisiones. Cuando alguien interviene constantemente para evitar que otro enfrente su propio camino, le arrebata la oportunidad de fortalecerse. La intención es buena, pero el efecto es el contrario: se debilita lo que debería fortalecerse y se sostiene lo que debería aprender a sostenerse solo.

Por eso es tan importante comprender que la ayuda auténtica requiere una cualidad esencial: discernimiento. Saber cuándo intervenir y cuándo retirarse, cuándo acompañar y cuándo dejar que el otro

camine, cuándo sostener y cuándo dejar que se levante por sí mismo. No se trata de frialdad, sino de respeto. No se trata de indiferencia, sino de confianza en que la otra persona puede, en que la otra persona debe, en que la otra persona tiene derecho a recorrer su propio terreno interior aunque tropiece.

Muchos de los que ayudan sin medida no lo hacen por soberbia, sino por miedo: miedo a decepcionar, a parecer egoístas, a perder el cariño del otro. O porque sienten que su valor personal depende de ser útiles. Pero nadie puede vivir a través del desgaste continuo sin pagar un precio. La persona que ayuda compulsivamente suele experimentar agotamiento, frustración, sensación de injusticia, enfado contenido y, en ocasiones, un profundo vacío. No es el acto de dar lo que agota; es dar desde un lugar incorrecto, dar sin equilibrio, dar en exceso, dar para sostener al mundo a costa de sostenerse a uno mismo.

La ayuda sana nace de otro lugar. Es tranquila, lúcida, consciente. No invade, no anula, no sustituye. Acompaña sin dirigir, ilumina sin deslumbrar, se ofrece sin imponerse. La ayuda madura sabe decir “hasta aquí puedo”, “esto te corresponde a ti”, “confío en que podrás encontrar tu camino”. Sabe respetar el proceso ajeno aunque duela ver al otro luchar. Sabe que sostener no es cargar y que cuidar no es dominar. Sabe que amar no es impedir que el otro aprenda, sino caminar a su lado mientras lo hace.

Cuando entendemos esto, algo se ordena.

1. El que ayuda recupera su centro y deja de ser imprescindible para convertirse en verdadero apoyo.
2. El que recibe despierta su fuerza y deja de ser dependiente para convertirse en protagonista de su vida.
3. La relación deja de basarse en la necesidad y empieza a basarse en la libertad.

Y al final, eso es lo que todos necesitamos porque a veces es tan simple que cuando uno se da cuenta parece impsible no haberlo visto y es que en realiadad:

- No precisamos a alguien que nos salve, sino alguien que nos recuerde que podemos salvarnos.
- No preciasmos a alguien que nos cargue, sino alguien que camine con nosotros.
- No precisamos a alguien que tome nuestras decisiones, sino alguien que confíe en que somos capaces de tomarlas.

Ese es el arte de ayudar sin encadenar y de sostener sin dominar. Ese es el punto donde la generosidad deja de ser impulso y se convierte en sabiduría. Ese es el momento donde la ayuda verdadera, la que de verdad ilumina, nace. ¡Sí! Ese es el punto, el momento que debemos buscar. Parece simple, parece sencillo, pero no lo es.

La ayuda madura no te deja agotado ni deja al otro dependiente
te eleva a ti en consciencia y permite que el otro se eleve en libertad.

El autor

Por el Venerable hermano Derej haLomed (nombre simbólico)
Oriente de España

El poder del silencio

Por James H. Austin

Reproducido de la revista "Sophia" – edición de marzo de 1977

Las mejores verdades son las no dichas. Bocas sin abrirse...¿Están decididos a retirarse del mundo todos estos defensores del silencio? No, sólo les parece que unas simples palabras sobre el papel acerca del budhismo o de otras experiencias de iluminación son irrelevantes. En realidad, entre personas muy experimentadas en el Budhismo Zen, pocas son las que encuentran necesario ni siquiera hablar sobre el despertar utilizando las palabras, *kensho* y *satori.* Algunos elementos tanto de tipo tabú como de preferencia personal pueden tener algo que ver con ello. Shunru Suzuki no utilizaba *satori* en absoluto, mientras que Daisetz Suzuki lo consideraba como la razón de ser del Zen y utilizaba el término frecuentemente.

La tradición ortodoxa del silencio es antigua. La raiz griega, *mu,* de la cual procede "místico", significa silencioso o mudo, y por esto impronunciable por derivación. Ya en la China antigua, Tao-sheng (360-434) había dicho: "Usad las palabras para explicar pensamientos, pero el silencio cuando los pensamientos se hayan absorbido...los que están calificados para buscar la verdad se quedarán con el pez y dejarán la red."

La parsimonia de las frases de las personas más avanzadas que practican el Zen refleja un hecho neurofisiológico básico: el impulso de charlar simplemente desaparece. Cuando *se experimenta,* el mundo se convierte en el modo de operar, la experiencia sustituye el hablar de ello insustancialmente. El meditador aprende a evitar quedar atrapado por la charla opresora de los habladores compulsivos cuyas superverbalizaciones pasan por ser formas de comunicación social en otros lugares. En ningún momento el silencio es más crucial que durante los retiros de meditación. Entonces, las distracciones se mantienen bajo mínimos para ayudar a que todos los miembros del grupo tengan un solo objetivo. Es en una soledad meditativa donde uno puede investigar muy profundamente en las capas del yo como parte de esa búsqueda reflexiva e introspectiva para comprender y disolver sus ficciones.

Para preservar los beneficios del silencio, los antiguos Maestros del Zen fomentaban el diálogo por el gesto. El gesto transmite ricos mensajes visuales. Estos permanecen mucho después de que los tediosos mensajes verbalizados hayan sido olvidados. El aparentemente simple acto de inclinarse es un gesto poderoso. Es un manera excelente de practicar el dominio de la soberbia del yo personal. Una vez un monje le preguntó al Maestro Rinzai "Cuál es la esencia del Budhismo?" La respuesta de Rinzai fue un gran rugido. Ante eso, el monje se inclinó. Rinzai dijo "Ese es un hombre con el que se puede dialogar".

Hoy en día, nos vemos constantemente agredidos por ese ruido de lo que los medios de comunicación ofrecen como "diversión". No es de extrañar que nos deleitemos observando el puro y silencioso arte de un Charlie Chaplin en sus antiguas películas mudas. Y estaremos siempre en deuda con el artista de mimo, Marcel Marceau, por su aguda observación: "Tenéis que entender qué es el silencio, cuál es el peso del silencio, cuál es el poder del silencio".

Los resultados de los estudios de Andrew Greeley y de George Gallup a mediados de los 70 sugerían que tal vez una de cada tres personas sentirá la fuerza de las experiencias místicas de uno u otro tipo. Después de recuperarse, muchos de estos hombres y mujeres querrán saber: "¿Que pasó?" Estarán dispuestos a escuchar alguna respuesta firme, fruto de la investigación de un cerebro famoso. Al fin y al cabo, ¿acaso una resolución conjunta del Congreso de los Estados Unidos no designó los últimos diez años de este siglo como la década del cerebro?

Pero la dura neurociencia todavía sigue sintiéndose incómoda con estos "temas tontos". Y la mayoría de los buscadores, legos en la materia pero críticos, también quedan decepcionados con otros dos aspectos de su búsqueda espiritual. El sendero místico resulta difícil de definir, porque está lleno de malas hierbas que acaban pronto en una mata de palabras polisilábicas y de conceptos arcanos. Supongamos que unos buscadores interesados, cansados de tanto pábulo, desearan emprender un planteamiento más riguroso. Si se dirigen al Budhismo Zen, ¿cuáles son sus primeras impresiones? Al principio de su lista están sus evasiones y alusiones,

paradojas y tonterías. Según las "leyes solares" que elevan las expectativas de la gente actualmente, es hora de desmitificar y desclasificar muchos aspectos del sendero espiritual. El silencio puede ser una bendición confusa si las religiones siguen acudiendo a él para "cubrir" temas que ahora están más abiertos para ser discutidos ampliamente.

Por otra parte, las experiencias místicas parecen haber inspirado a muchos autores para hacer voluminosas contribuciones a la literatura. Esto se aplicaba tanto al mismo Emerson como el Maestro Dogen, D.T. Suzuki y a incontables otros que representan a todas las tendencias religiosas. Naturalmente, algunas de estas personas habrían empezado con una presión innatamente superior hacia el habla o la escritura o hacia ambas. Reconociendo esto, tal vez hay también algo más sobre el sendero místico que puede canalizar el cerebro de un aspirante escritor hacia formas no habladas de la auto-expresión. Alejados del ruido de las verbalizaciones, tal vez algunas inspiraciones puedan fluir hacia los esfuerzos literarios. Realmente, Alan Watts llegó a apreciar el modo en que sus propias dos experiencias místicas anteriores se habían convertido en "la fuerza vivificadora de todo mi trabajo en los escritos y en la filosofía desde ese momento". ¿Qué mecanismos psicofisiológicos básicos inspiran estos esfuerzos vitales y creativos? Tenemos mucho que aprender sobre la naturaleza básica del silencio y sobre su fuerza.

Entretanto, también hemos de tener cuidado en la manera de interpretar la palabra elástica "silencio". Tiene varias capas de significados. Cuando acudimos a símiles, metáforas y otros artilugios literarios, es fácil confundir las distinciones entre estas distintas capas. Considerad, por ejemplo, lo que experimentan los meditadores cuando se hunden en un episodio de absorción interna. Durante un momento largo y gozoso se habrán perdido a sí mismos en el encantamiento de aquellas vastas profundidades del espacio en el que "oyen" el sonido del silencio absoluto, más allá de todos los sonidos. Este es el primer silencio sentido, típico del llamado "samadi absoluto". Es simplemente un ligero atisbo de las profundidades que el silencio puede alcanzar si por casualidad más tarde son penetradas por un mayor vislumbre de la realidad última. Porque entonces, si este vislumbre no llega, puede tomar la forma de inefables mensajes dentro de un silencio primordial.

Vamos, pues, a dar una segunda ojeada a unas líneas que escribió una vez Joseph Campbell. Se refería realmente a algo que está más allá de nuestra connotación sensorial normal del silencio, cuando siguió diciendo: "Toda referencia espiritual final tiene que ver con el silencio más allá del sonido... Se puede hablar de él como del gran silencio, o como del vacío, o como de lo absoluto trascendente". Porque este nivel profundo particular de vacío, el del vacío auténtico, es un desarrollo muy tardío en el sendero espiritual. Después de haberlo experimentado finalmente, la persona no lo puede confundir ya con ese silencio preliminar más simple de la absorción citada antes, por más que ese silencio sentido preliminar haya parecido alguna vez estar "más allá del sonido".

Realmente, ¿qué han dejado vacío y totalmente en silencio estos estados tan avanzados de la iluminación? No es nada más que ese yo viejo, egocéntrico y verbal, ese yo supercondicionado que había inyectado previamente su propio lenguaje psíquico personal en su mismo apego a las cosas. Entretanto, la licencia literaria sigue frecuentemente usando la palabra "absoluto" en dos contextos muy distintos. Esto continúa confundiendo a las generaciones de novicios, siempre dispuestos a creer que, cuando entraron por primera vez en el vacío de su propio y primer "silencio más allá del sonido" absoluto y sentido, habían llegado finalmente al "absoluto trascendente".

El Premio Nobel neurocientífico Walter Hess defendía el planteamiiento general de la boca cerrada ante los grandes temas, igual que hizo el Maestro Rinzai mucho antes que él. Hacia el final de su carrera, Hess sugirió que sería conveniente mantener un silencio modesto, dado que éramos tan ignorantes todavía en lo que respecta al cerebro y al mundo en general. Deberíamos reconocer, decía, que "existen y evolucionan en este mundo muchas cosas que no son accesibles a nuestra comprensión, porque nuestra organización cerebral está

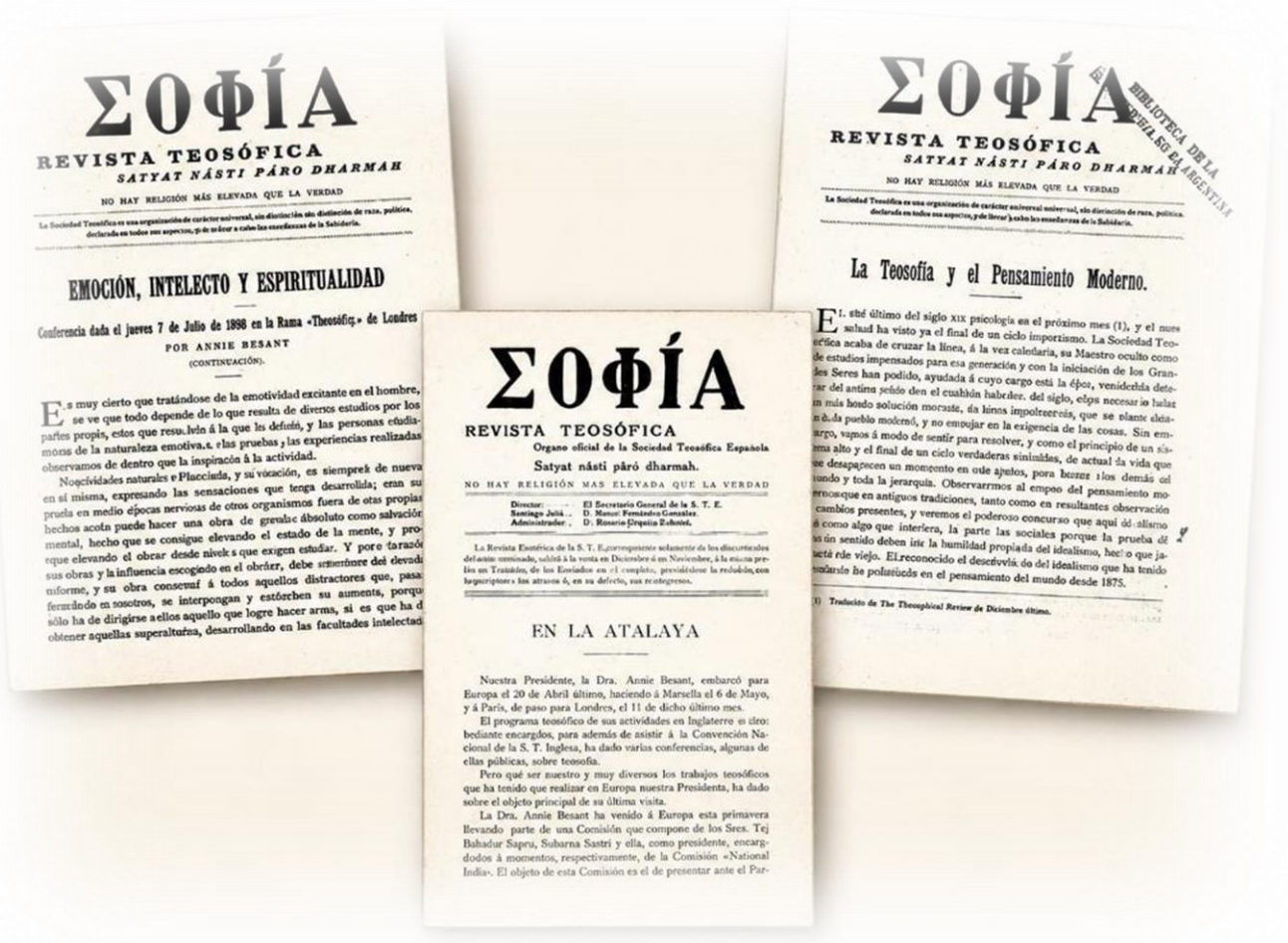
primariamente diseñada para asegurar la supervivencia del individuo en su entorno natural. Por encima de esto, el silencio modesto es la actitud adecuada."

Pero el comentario de Hess da por sentada una pregunta básica. Vamos a aceptar el hecho de que cuando el cerebro de nuestros progenitores evolucionó, lo hizo bajo unas circunstancias tan duras que sólo unos pocos fueron capaces de sobrevivir. ¿Cómo podían emerger entonces unos "flashes" de sabiduría iluminada de versiones más modernas de cerebros como los nuestros, junto con una compasión genuina y con un comportamiento altruísta en general? Es una pregunta no sobre el silencio, sino un desafío a todas las neurociencias y ciencias sociales. Esto va a ocuparles no solamente esta década actual, establecida ya por decisión del Congreso, sino muchos siglos del milenio próximo.

El autor

James H. Austin
Reproducido de la revista "Sophia" – edición de marzo de 1977

.



La paradoja del silencio

Cuando la Masonería olvida su propio origen

Por el Q.·. H.·. Ivonaldo Porto

Después de mucho investigar, leer, escuchar y, sobre todo, intentar comprender, confieso que permaneció en mí una inquietud que aún no ha encontrado descanso. Me refiero al llamado "silencio del aprendiz", frecuentemente pregonado y exigido dentro de la Masonería como una virtud iniciática indispensable para el progreso dentro de la Orden.

Durante mucho tiempo busqué comprender el fundamento de esta exigencia. Indagué su origen histórico, su justificación filosófica y su coherencia con los propios principios que sustentan la institución masónica. Sin embargo, cuanto más investigaba, más esta idea parecía, en determinados aspectos, colisionar con la propia esencia histórica de la Masonería.

La Masonería nació en el mundo operativo, entre constructores de catedrales, iglesias y edificaciones monumentales que han atravesado siglos como testigos silenciosos de la ingeniosidad humana. Allí, el silencio tenía una razón práctica, concreta y absolutamente funcional: preservar secretos de oficio, técnicas de construcción, proporciones arquitectónicas y métodos que garantizaban no solo la excelencia del trabajo, sino también la supervivencia económica de los maestros constructores y de sus gremios.

Ese silencio, por lo tanto, no era filosófico. Era económico, técnico y corporativo. No nacía de una pedagogía espiritual, sino de una necesidad concreta de protección del conocimiento aplicado. El silencio era, en ese contexto, una herramienta de supervivencia profesional.

Con el paso de los siglos, sin embargo, la Masonería dejó de ser esencialmente operativa y pasó por un profundo proceso de transición, convirtiéndose en especulativa. La piedra dejó de ser física y pasó a ser simbólica. Ya no se trataba únicamente de levantar catedrales de piedra, sino de erigir el templo interior del propio ser humano.

Y es precisamente en este punto de la historia donde surge una primera tensión conceptual que merece ser examinada con cuidado.

La Masonería especulativa floreció en un período histórico en el que Europa comenzaba a romper con lo que muchos historiadores llamaron largos siglos de restricción intelectual. Durante mucho tiempo, el conocimiento estuvo concentrado en centros específicos, frecuentemente inaccesibles para la mayoría de la población. La cultura, la filosofía y la ciencia eran, en gran medida, patrimonios restringidos.

El pensamiento crítico estaba limitado por estructuras sociales, políticas y religiosas que controlaban la circulación de las ideas.

Había, por lo tanto, un silencio impuesto al conocimiento.

Fue justamente contra ese silencio estructural que surgieron los grandes movimientos intelectuales que culminarían en la Ilustración, período en el que la razón, el debate y la libre investigación pasaron a ser considerados fundamentos del progreso humano.

En ese escenario, la Masonería especulativa no se presentó como una institución de cierre intelectual, sino como un espacio de apertura. Un ambiente donde las ideas podían circular, ser discutidas, refinadas e incluso cuestionadas, en una época en la que tales prácticas aún eran limitadas fuera de sus espacios.

La Masonería se convirtió así en un laboratorio simbólico del pensamiento. Un lugar donde el ser humano podía reflexionar sobre sí mismo, sobre la sociedad y sobre los principios que rigen la existencia.

Fue precisamente por contribuir a la ruptura del silencio intelectual de su época que la institución ganó relevancia histórica y simbólica.

Y aquí se establece el gran paradoxo:

¿Cómo puede una institución que históricamente contribuyó a romper el silencio intelectual sostener, como principio pedagógico esencial, el silencio obligatorio de aquel que precisamente inicia su camino de aprendizaje?

A lo largo de mis lecturas, no encontré un origen histórico inequívoco que demuestre con precisión cuándo y cómo se instituyó el silencio absoluto del aprendiz dentro de la Masonería especulativa. Lo que encontramos son interpretaciones posteriores, construidas con el tiempo, que intentan justificar ese silencio como virtud pedagógica: humildad, disciplina, respeto a la jerarquía o capacidad de observación.

Estas justificaciones poseen valor simbólico y pedagógico. Sin embargo, no eliminan la tensión fundamental cuando se confrontan con la propia historia del conocimiento humano.

La evolución del saber siempre ha estado asociada al lenguaje. El conocimiento humano avanza mediante la pregunta, el diálogo y la duda. La filosofía nace del asombro y de la interrogación. La ciencia nace de la hipótesis, de la contestación y de la verificación. El pensamiento crítico nace del contraste de ideas.

El propio método socrático, uno de los pilares de la tradición filosófica occidental, no se basa en el silencio, sino en la pregunta. Sócrates no enseñaba callando al discípulo, sino provocándolo al diálogo. El saber, en este modelo, no se transmite de forma pasiva, sino que se construye mediante la interacción intelectual.

Si el aprendiz representa a aquel que inicia su camino hacia la luz, entonces es, por definición, quien más necesita preguntar, comprender, dialogar y equivocarse. El silencio absoluto, en este contexto, puede interpretarse no como herramienta de aprendizaje, sino como limitación del propio proceso formativo.

La piedra bruta, símbolo tan central en la tradición masónica, no se perfecciona únicamente mediante la contemplación silenciosa. Se transforma cuando la herramienta entra en contacto con la materia. Y, simbólicamente, esas herramientas son el pensamiento, el diálogo, la reflexión y el intercambio de ideas.

Es importante aquí hacer una distinción fundamental: la discreción no es silencio absoluto.

La Masonería siempre ha valorado la discreción. Y esto es comprensible y necesario. La discreción protege el espacio simbólico, preserva el carácter iniciático de los rituales y respeta la dimensión interior de la experiencia masónica. La discreción está relacionada con el modo de hablar, el contexto en el que se habla y el respeto por lo que debe ser preservado.

Pero discreción no significa supresión del pensamiento. No significa eliminación de la palabra. No significa impedir el cuestionamiento legítimo de quien busca comprender.

Cuando el silencio deja de ser instrumento de reflexión y pasa a ser imposición que limita la expresión del pensamiento en su fase formativa, deja de cumplir una función educativa y pasa a ejercer una función disciplinaria rígida, que puede inhibir el desarrollo intelectual del iniciado.

La historia de la educación humana demuestra que el aprendizaje no es un proceso de absorción pasiva, sino de construcción activa. Incluso en tradiciones espirituales y filosóficas diversas, el crecimiento interior siempre ha estado asociado a la conciencia, la reflexión y el diálogo.

En este sentido surge una pregunta inevitable: ¿el silencio del aprendiz forma o simplemente restringe?

Es posible argumentar que el silencio inicial tiene una función pedagógica válida: enseñar a escuchar, observar, contener impulsos y respetar el espacio del otro. Estos son valores importantes en cualquier proceso formativo. Sin embargo, cuando ese silencio se absolutiza, puede dejar de ser un medio y convertirse en un fin en sí mismo.

Y cuando el medio se transforma en fin, se corre el riesgo de perder la finalidad original del proceso.

La Masonería, como sistema simbólico y filosófico, siempre se ha presentado como un camino de perfeccionamiento humano. Un camino que busca transformar al individuo mediante la reflexión sobre sí mismo y sobre el mundo. En este sentido, el diálogo entre razón y símbolo es fundamental.

Si el silencio impide el diálogo, aunque sea parcialmente, debe ser cuidadosamente reinterpretado a la luz de su función original.

Otro punto importante es el riesgo de confundir tradición con inmutabilidad. Las tradiciones son vivas cuando dialogan con el tiempo histórico en el que son interpretadas. Cuando dejan de reinterpretarse, pueden transformarse en estructuras rígidas desconectadas de su contexto original.

La Masonería, como cualquier institución humana de larga duración, no está exenta de este riesgo.

Si en su origen operativo el silencio era una necesidad técnica, y si en su fase especulativa el diálogo se convirtió en herramienta de construcción intelectual, entonces es legítimo preguntarse si el silencio absoluto del aprendiz, como regla universal e inmutable, aún cumple la misma función simbólica en el contexto contemporáneo.

Tal vez la cuestión no sea eliminar el silencio, sino comprender su naturaleza y sus límites.

El silencio puede ser virtud cuando es elección. Puede ser herramienta cuando es consciente. Puede ser momento de introspección, de maduración y de observación. Pero cuando se impone como condición absoluta, corre el riesgo de perder su dimensión formativa y convertirse en barrera.

Una tradición verdaderamente viva no teme ser cuestionada. Al contrario, se fortalece cuando es comprendida en profundidad.

Si la Masonería nació como una fuerza intelectual que contribuyó a romper la oscuridad del pensamiento limitado, entonces su vocación más profunda nunca fue el silencio por el silencio, sino la búsqueda de la luz a través de la construcción consciente del pensamiento humano.

Y la luz, por su propia naturaleza, no se encierra. Se proyecta. Se expande. Ilumina aquello que antes estaba oculto.

El silencio puede ser necesario en ciertos momentos del camino iniciático. Pero cuando el silencio sustituye al pensamiento, cuando la observación sustituye a la reflexión y cuando la disciplina sustituye a la curiosidad, algo esencial comienza a perderse.

Tal vez el verdadero desafío no sea abolir el silencio, sino devolverlo a su lugar: el de herramienta, no el de principio absoluto.

Porque una institución que se propone pulir al ser humano no puede temer la pregunta. No puede temer el diálogo. No puede temer el pensamiento en construcción.

Y cuando eso ocurre, cuando el silencio deja de ser medio y pasa a ser fin, se corre el riesgo simbólico de transformar un faro en una estructura inmóvil, hermosa en su forma, pero incapaz de cumplir su función esencial.

Y un faro que no ilumina ya no orienta el camino.

Próximo número: La paradoja de la libertad en la masonería

El autor

Ivonaldo Porto

Maestro Masón de la Logia Mário Melo 81, GLMPE – Gran Logia Masónica de Pernambuco, Brasil.

Ex Gran Secretario de Asuntos Jurídicos, Ex Asesor del Gran Maestro, Ex Miembro de la Gran Comisión Legislativa de la GLMPE.

Profesor universitario de las cátedras de Derecho Penal y Derecho Procesal Penal, sociólogo e abogado

La Piedra Bruta de una Nación

El ideal masónico en el pensamiento de Martí

Por el Hemano Yilbert R. Dieguez Rodriguez

"Hacer es la mejor manera de decir;
y el hombre que se hace a sí mismo,
se hace para los demás."
— José Martí

Hablar de José Martí no es solo invocar al héroe nacional de Cuba o al poeta de versos sencillos; es adentrarse en la cantera de un hombre que comprendió, quizás como pocos, que la libertad de un pueblo nace de la rectitud moral de sus ciudadanos. La forja de su espíritu no fue casualidad. Fue en el Madrid de 1871, durante su primer destierro, donde el joven Martí, con apenas 18 años, buscó la luz iniciática. Bajo el auspicio del Gran Oriente de España, fue iniciado en la **Logia Caballeros Cruzados nº 62**, adoptando el nombre simbólico de **"Anáhuac"**. Este nombre, que hace referencia al valle de México, ya vislumbraba su profunda vocación americanista y su compromiso con la unión de los pueblos bajo la escuadra de la justicia.

En aquel taller, Martí no solo encontró un refugio frente a la persecución política, sino una escuela de pensamiento que marcaría su oratoria y su ética para siempre. Si analizamos su vida bajo la luz de nuestra Orden, descubrimos que el Apóstol no solo trabajó su propia piedra bruta en la logia, sino que proyectó ese desbaste hacia toda una nación. Para él, la independencia no era un fin en sí mismo, sino el marco necesario para que cada hombre pudiera erigirse como un templo vivo de virtud. Su pensamiento, impregnado de una ética profundamente iniciática, nos enseña que no puede haber una patria libre si sus hijos no han aprendido primero a dominar sus pasiones y a actuar bajo el rigor del compás del amor fraternal.

La arquitectura del pensamiento martiano se sostiene sobre las columnas de la igualdad y la fraternidad universal, conceptos que defendió con el sacrificio de su propia vida, el grado más alto al que puede aspirar un maestro. En sus escritos, resuena constantemente ese llamado al **"mejoramiento humano"** y a la **"utilidad de la virtud"**, que no son otra cosa que la traducción civil de nuestros antiguos linderos. Martí entendía que la sociedad era un edificio colectivo donde cada piedra debe estar perfectamente escuadrada para que la estructura no colapse ante el egoísmo o la tiranía. Al retomar su legado hoy, los masones tenemos el deber de recordar que su lucha no terminó en Dos Ríos; su obra continúa en cada esfuerzo por unir lo que está disperso y por recordar que la verdadera soberanía reside en la luz del intelecto. Él fue, en esencia, el gran arquitecto de una identidad que nos convoca a trabajar por una humanidad más justa, demostrando que el ideal masónico es la brújula perfecta para guiar el destino de cualquier nación que aspire a la verdadera luz.

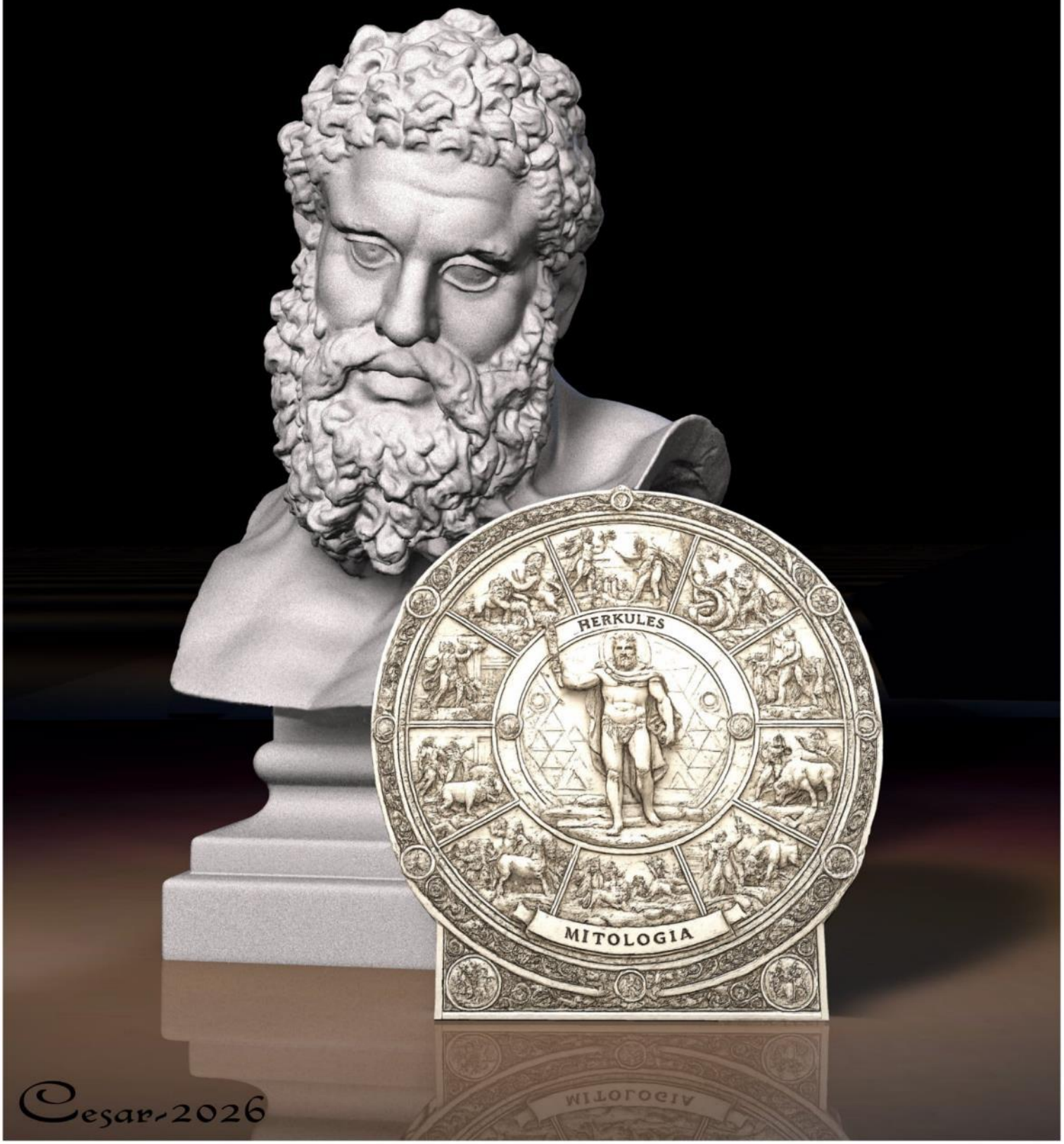
El autor

"**MsC. Yilbert R. Dieguez Rodriguez** (Cuba, 1982). Licenciado en Informática y Máster en Educación y Promoción para la Salud. Es **Maestro Masón** en la **Logia "Luz de Sancti Spíritus" No. 104**, con una trayectoria de más de una década dedicada al Arte. Sus escritos exploran los vínculos entre la masonería, la educación y el desarrollo social."

.

Los doce trabajos de Hercules (II)

Por el V.·.H.·. Herbert Ore Belsuzarri



Trabajo 4. Capturar la Cierva de Keruneia o de Oro

Cáncer (21 junio - 21 julio)

Este cuarto trabajo consistió en capturar la cierva de Keruneia. Artemis había encontrado, tiempo atrás, cinco ciervas iguales y las había capturado. Sus cuernos eran de oro, sus pezuñas, de bronce y jamás habían sido alcanzadas por nadie corriendo. Su tamaño era el de los toros. Artemis utilizó cuatro de ellas para hacerse una cuadriga y la otra la dedicó a Hera y la situó en el bosque de Keruneia.

Era, por tanto, un animal sagrado y nadie podía tocarla si no quería ser acusado de impiedad.

Todo un año necesitó Hércules para capturarla, cosa que logró, al fin, en el templo de Artemisa (la Luna), donde la encerró y se la cargó a cuestas. Ello provocó que Artemisa se la reclamase. Al atravesar la Arcadia cargado con ella, se cruzó con Diana y Apolo que, a su vez, se la reclamaron también. Pero Hércules se negó a entregársela y, al acusarle ellos de sacrílego, le echó la culpa de su acto a Euristeo y siguió su camino.

A Cáncer podemos considerarlo como el último de los signos "preparatorios". Y ello, tanto si se considera la involución o introducción del espíritu en la materia, como si se trata de la evolución o predominio gradual del espíritu sobre la materia, hasta llegar al reino humano.

El hombre medio, que se ha dotado de una mente en Aries y de un deseo en Tauro y luego se ha concienciado de la dualidad de su naturaleza en Géminis, **penetra en el reino humano atravesando el Portal de Cáncer.**

El aspirante, ya despierto a lo superior, por su parte, en Aries se ase fuertemente a su mente y la hace trabajar para sus intereses, aprendiendo así a controlarla. En Tauro, recibe el primer destello de luz espiritual, cada vez más fuerte, mientras se aproxima a su meta. En Géminis, no sólo percibe los dos aspectos de su naturaleza, el material y el espiritual, sino que el aspecto espiritual o inmortal empieza a crecer a costa de la parte material o mortal.

Para pasar el Portal de Cáncer hay que haber pasado antes por el estado de conocimiento animal hasta llegar al humano. Se trata de un proceso inevitable, subconsciente, potencial y ordenado por las leyes naturales. Más adelante en la evolución, habrá que pasar el Portal de Capricornio. Pero a éste se entra mediante la iniciación, que es siempre un proceso voluntario, libre y poderoso.

Cáncer, pues, **supone la conciencia** del conjunto, **de la masa, el espíritu colectivo**, mientras que **Capricornio representa al grupo, al espíritu Universal**.

En Aries y en Tauro, percibimos los mundos de los contactos físicos y de las emociones; en Géminis, el mundo de las ideas convirtiéndonos en humanos. Tenemos, pues, ya instinto e inteligencia. Entonces se nos indica, mediante una iluminación momentánea, que hay más mundos que descubrir y conocer.

Cáncer representa la mente subconsciente, la imaginación colectiva, el instinto hereditario.

El hombre no evolucionado está inmerso en la masa. **El aspirante**, en cambio, **se eleva, en este signo, por encima de la masa, a la que le suma el instinto, y empieza a desarrollar la intuición**.

Los términos **instinto, intelecto e intuición son tres distintos modos de conocimiento. El instinto es la conciencia de la materia y la vida celular.** Por eso Artemisa, la Luna, que gobierna la forma material, le reclamaba a Hércules la cierva.

Pero el hombre es racional, sabe analizar y posee una mente y esa nueva capacidad de percepción de un mundo nuevo, es lo que lo diferencia del animal que era, y le ofrece un nuevo campo de conocimiento y experiencia. **Y el instinto se transforma en intelecto**.

El primero le informa del mundo físico y de las emociones que suscita y el otro pone a su alcance el mundo de las ideas y lo hace humano.

Entonces es cuando el Maestro le dice que hay aún otro mundo, un mundo con su propio método de contacto.

Expone el mito que, además de Artemisa, le reclamaron a Hércules la cierva de oro Apolo, el dios sol y por Diana, la cazadora celeste. ¿Por qué? Porque, así como Artemisa pensaba que la cierva era el instinto, Diana pensaba que era el intelecto y Apolo pensaba que era la intuición. Y ése es un problema que aún no hemos resuelto del todo porque, **como discípulos, hemos de aprender a utilizar el instinto como Artemisa, a su estilo, y el intelecto siguiendo la influencia de Diana, hija del sol; y, a través de él, ponernos en contacto con el mundo de las ideas y de la investigación; y, luego, llevar esa facultad al tempo del Sol y transmutarla en intuición que nos permita conocer las cosas del espíritu.**

Trabajo 5. Matar al León de Nemea

Leo (22 julio - 21 Agosto)

Hércules, con todas sus armas preparadas, se situó ante el quinto Portal, ignorando qué le esperaba y preguntándose sobre su siguiente prueba y hasta dudando de su decisión de seguir o no su destino.

Pero su voz interior le decía: - *Los habitantes de Nemea necesitan tu ayuda. Están sufriendo los acosos de un terrible león. La noticia de tus hazañas les ha llegado y piden que los libres de ese azote cruel.*

Y Hércules, prestando oídos a su voz interior, se dispuso a responder a esa necesidad ajena. Así que, pensando que las armas obsequio de los dioses, más que ayudarle le iban a molestar, y fiándose de las suyas de siempre, su garrote, que él mismo había fabricado, su carcaj y su arco, partió en busca del león.

Tras una laboriosa búsqueda, vio al león. Era un hijo de Ortros (el perro hermano de Cerbero), al que Hera había situado allí para que luchase con Hércules.

El león estaba junto a un espeso matorral que había al borde del camino y, al ver a un enemigo que se aproximaba sin miedo, acostumbrado como estaba a que todos huyesen con sólo verlo, rugió con todas sus fuerzas. Con ese rugido, los arbustos se vieron sacudidos, los ecos del mismo llenaron la comarca y sus habitantes temblaron de miedo. Pero Hércules no se movió. Y, echando mano a su carcaj, le lanzó una flecha certera. La flecha dio en el costado del león y cayó al suelo sin haberlo herido. Hércules repitió la operación hasta que se quedó sin flechas, pero el león seguía ileso en medio del camino. Entonces Hércules, asió su

garrote y se dirigió, sin miedo, hacia él. Y el león, no acostumbrado a que esto le sucediese, lanzó otro rugido y, dando un salto, desapareció entre los matorrales.

Hércules corrió en su persecución, pero no lo pudo encontrar. Durante largo tiempo buscó al león por el monte sin éxito. Hasta que un día, de repente, escuchó un rugido que provenía de una cueva cercana. Hércules, si dudarlo, se internó en ella para enfrentarse a la fiera. Pero la atravesó y descubrió que la cueva tenía otra salida y que el león había huido por ella. Quedó sin saber qué hacer. Y, mientras meditaba cómo se las arreglaría para cazar al león, vio un montón de troncos y ramas cerca de él, así que los transportó a la entrada de la cueva y la taponó con ellos. Y, yendo por la otra entrada, penetró y allí se enfrentó al león. Lo asió con sus propias manos y lo estranguló.

Él solo, sin armas y con sus propias manos. Luego intentó desollarlo. Pero la piel del león era invulnerable y no había cuchillo ni herramienta que la pudiese cortar. Por fin, dio con la solución: las garras del mismo león. Con ellas pudo por fin arrancarle la piel y llevársela consigo como prueba de su hazaña.

Este trabajo es el número cinco. Cinco es el número del hombre, compuesto de un espíritu inmortal y cuatro vehículos mortales: el físico, el vital, el de deseos y el mental.

a) En Aries, el espíritu tomó para su uso el tipo de materia que le serviría para relacionarse con el mundo de las ideas. Esa materia, luego, se vistió de materia mental, agregando así, a su individualidad, la materia mental que le permitiese expresarse mejor y convertirlo en un espíritu pensador.

b) En Tauro, contactó con el mundo del deseo, siguiendo un procedimiento similar y así entro en contacto con el mundo de los sentimientos y las emociones. Y llegó a ser un espíritu consciente.

c) En Géminis, se construyó un nuevo vehículo como canal para las energías del espíritu y de la materia, manteniendo en armonía los dos polos de su ser. Y así nació el cuerpo vital.

d) En Cáncer, que es el signo del nacimiento físico y de la identificación con la masa, el espíritu inmortal se manifestó en la cuádruple naturaleza, y el hombre se convirtió en el protagonista de su propia vida, vivida en el plano físico.

e) Pero es en Leo donde llegamos, realmente, a ser la estrella de cinco puntas, el ser que se reconoce a sí mismo como un individuo y, al mismo tiempo, como un Yo. En este signo es donde empezamos a utilizar palabras como “Yo” y “mi” y “mío.”

La numerología nos dice que el número diez es el de la perfección y el de la consumación humana, el número de un hombre perfectamente desarrollado y manifestado. Y el número del equilibrio entre la materia y el espíritu, puesto que el uno (que es el espíritu, la polaridad positiva) junto al cero (que es la materia, la polaridad negativa), en plan de igualdad, representan el equilibrio.

Pero en **el número cinco** el espíritu aún no domina la materia. **Es el número del aspirante espiritual**, que tiene por meta someter la materia al espíritu. Y esa lucha, de momento, rompe el equilibrio del diez que, al final del recorrido, se alcanzará.

Y hemos de recordar que estamos aquí voluntaria y libremente y que hemos elegido elevar la materia al cielo.

Leo es uno de los cuatro signos fijos, que forman la cruz en la que tanto el Cristo Cósmico como el Cristo individual interno están indudablemente crucificados, dificultados, impedidos de manifestarse y, definitivamente sacrificados. Veámoslo:

a).- En Tauro, la fuerza creadora a través del deseo, aparece en su aspecto inferior, el deseo sexual, que hay que transmutar en, o sacrificar, a su aspecto superior.

b).- En Leo, la mente cósmica actúa sobre el individuo como mente razonadora, y también su aspecto inferior ha de ser sacrificado y la mente del hombre ha de subordinarse a la mente universal.

c).- En escorpio, que es el tercer brazo de la cruz fija, el amor cósmico o atracción cósmica se muestra en su aspecto inferior, produciendo la gran confusión de creer que la materia es lo importante y lo real. Por eso, en Escorpio, el aspirante está crucificado, supeditando la ilusión de la materia a la realidad del espíritu.

d).- En Acuario, la luz de la conciencia universal ilumina al ser humano y sacrifica la vida individual volcándola en la vida universal.

Se supedita así, pues, lo imaginario, lo irreal a lo real, el aspecto inferior al superior y la unidad a la suma total.

Dícese que, antiguamente, sólo existían diez signos en el zodíaco. Y que Leo y Virgo formaban un solo signo con un único símbolo. Y, si se reflexiona un poco, pronto se ve en ello el origen y la interpretación de la esfinge, del león con cabeza de mujer: las dos polaridades, positiva y negativa, el espíritu como león y la materia como mujer o madre de toda forma.

En el signo de Leo, el hombre se reconoce a sí mismo como un individuo y empieza su recorrido por el mundo de las experiencias que le han de proporcionar conocimiento. Pero también en Leo el hombre consciente de sí mismo empieza su aprendizaje para la Iniciación. Y es en Leo donde enfrentamos la última prueba del sendero. Y, cuando ese trabajo lo concluimos, llega el definitivo adiestramiento para la Iniciación, en Capricornio.

Porque:

a).- En Aries, hemos aprendido el control del pensamiento.
b).- En Tauro, hemos aprendido a transmutar el deseo.
c).- En Géminis, hemos recolectado las manzanas de la sabiduría y hemos aprendido a distinguir entre conocimiento y sabiduría.
d).- En Cáncer, hemos aprendido que es necesario transmutar el instinto y el intelecto en intuición, elevándolos de categoría.

El aspirante Hércules, en Leo, intuye con claridad lo que se le avecina porque:

a).- Ya sabe que el futuro depende de las causas puestas en funcionamiento en el pasado.
b).- Y sabe que, antes de llegar a Capricornio y escalar el Monte de la Transfiguración, ha de matar a la Hidra en Escorpio.
c).- Y sabe sobre la lucha que habrá de enfrentar en los signos próximos de Virgo, Libra y Escorpio.
d).- Y sabe que sólo matando al león (el rey de las bestias) en su propia naturaleza, merecerá la victoria sobre la Hidra en Escorpio.

O sea que él, que ha salido de la masa y que ha creado su personalidad, ha de matarla, volviendo a ella y sustituyendo el egoísmo por el altruismo y subordinando el yo al todo.

Resulta interesante y significativo que, en todas las escrituras sagradas, los acontecimientos más importantes tengan siempre lugar o en una cueva o en una montaña:

Recordemos que Jesús nació en una cueva; que la personalidad se vence en la cueva de nuestro interior; que la voz de Dios se escucha en la cueva interna; que el Cristo interno está en la cueva de nuestro corazón…

Y recordemos también que hemos de escalar los montes de la Transfiguración, la de la Crucifixión, y la de la Ascensión.

¿Y qué significa, en este mito, la cueva con las dos entradas, una de las cuales hay que cegar para poder matar al león?

Partiendo de que los pioneros de la humanidad poseen un desarrollo metal agudo y de que el resto de los humanos está desarrollándose mentalmente muy deprisa, la residencia de las emociones se está trasladando desde el plexo solar hasta la cabeza.

Porque tenemos en nuestra cabeza una "cueva" muy especial, que alberga la pituitaria, una de las más importantes glándulas del ser humano. Esa glándula está protegida por una estructura ósea o cuerpo pituitario, que consta de dos partes o lóbulos, uno frontal o antepituitario, que es el asiento de la mente razonadora, de la intelectualidad, y el otro, postpituitario, que es el asiento de la naturaleza emocional e imaginativa.

Así que ese cuerpo pituitario con sus dos partes simbolizaría la cueva con sus dos entradas, en la que Hércules sostuvo su lucha. Y se nos dice claramente que, sólo cuando hubo bloqueado la entrada de la emociones (la postpituitaria), desechando hasta su familiar garrote (lo que simboliza el abandono de una vida egoísta), pudo, utilizando la otra entrada, la de la mente razonadora, someter al león de la personalidad solo y con sus propias manos.

Trabajo 6. Apoderarse del cinturón de Hipólita

Virgo (22 Agosto - 21 Septiembre)

El sexto año de su servidumbre recibió Hércules de Euristeo la orden de traerle el cinturón de Hipólita, que era la reina de las amazonas. Ella lo había recibido de la propia Venus, diosa del amor, como símbolo del poder que ostentaba sobre sus súbditos.

Las amazonas eran un pueblo legendario que se decía vivía en el margen izquierdo del Danubio, a las orillas del gran mar. Estaba formado exclusivamente por mujeres, y los hombres sólo hacían trabajo de esclavos y de reproductores, siendo eliminados tras cumplir su misión. Los niños eran también sacrificados apenas nacer. A las niñas se les extirpaba el seno derecho para que no les sirviese de estorbo al lanzar sus flechas, ya que las amazonas se dedicaban exclusivamente a la guerra. Descendían de Ares, el dios de la guerra, y de la ninfa Armonía.

Sólo mujeres, pues, se reunían alrededor de su reina. Dentro del templo de la Luna celebraban diariamente su culto y hacían sacrificios a Marte.

Acababan de regresar de su visita anual a la tierra de los hombres. Dentro de los recintos del templo esperaban la orden de Hipólita, su reina, que estaba de pie sobre las gradas del altar mayor, llevando el cinturón que le había dado Venus, la reina del amor. Este cinturón era un símbolo de la unidad lograda a través de la lucha, el conflicto, la contienda; un símbolo de la maternidad y del Niño sagrado hacia quien toda vida humana realmente se dirige.

Ha llegado la noticia - dijo ella - *de que por su camino viene un guerrero cuyo nombre es Hércules, un hijo de hombre y no obstante un hijo de Dios, al que he de dar este cinturón. ¿Obedeceré la orden o combatiremos contra la palabra de Dios?*

Y, mientras escuchaban sus palabras y reflexionaban, se oyó una voz, diciendo que él ya estaba allí, que había venido con anticipación y esperaba apoderarse del sagrado cinturón de la aguerrida reina.

Sin esperar, Hércules, apenas penetró en el templo, atacó a la reina. Durante la lucha, no quiso escuchar las palabras amables que ella le dirigía. Hasta que la venció, le arrancó el cinturón que ella había recibido como símbolo de unidad, amor y sacrificio y fe, y la mató. Con ello mató a la que le ofrecía lo que él pretendía. Y allí, junto a la reina muerta, horrorizado por lo que había hecho, oyó la voz del Maestro:

> *Hijo mío. ¿por qué matar lo que necesitas, está próximo y es querido? ¿Por qué matar a quien amas, la dadora de dignos obsequios, custodia de lo posible? ¿Por qué matar a la madre del sagrado niño? Otra vez advertimos un fracaso. Otra vez no has entendido. Redímete enseguida*

Hércules se dirigió hacia las costas del gran mar, con el cinturón de Hipólita. Cerca de la costa, vio a un monstruo marino que tenía en sus fauces a la pobre Hesione. Ésta gritaba desesperada pidiendo socorro. Así que Hércules, sin pensarlo dos veces, corrió hacia el monstruo para salvarla. Pero, cuando llegó, ya la había engullido, así que, espada en mano, se introdujo en su garganta y, llegado al estómago, tomó a la doncella de la mano y se abrió camino hacia el exterior, matando al monstruo y liberándola de él. De este modo compensó el error cometido al matar a la reina de las amazonas.

Así es la vida: un acto de muerte por un acto de vida. Y, de ese modo, los hijos de los hombres que son hijos de Dios, van creciendo en sabiduría y equilibrio y aprenden a caminar con Dios.

Tras ello, Hércules pasó de nuevo por el sexto Portal y el Maestro, viendo esto y viendo el cinturón de la reina le dijo:

> *Tu sexto trabajo está concluido. Mataste lo que te quería y recataste lo que te necesitaba y así los dos son uno de nuevo. Reflexiona sobre los caminos de la vida que se reflejan en los caminos de la muerte. Ve y descansa, hijo mío.*

Se dice que Virgo es el más antiguo de los signos zodiacales.

A través del tiempo, ha habido Isis, Evas, Astartés y otras, hasta llegar a María. Todas ellas reverenciadas como madres del mundo.

Pero María es la única que sostiene al Niño en sus brazos. Porque en este signo es en el que concebimos y nutrimos el conocimiento de Cristo que, tras el período de gestación, en su signo opuesto, Piscis, nace como Salvador del Mundo.

La experiencia de Virgo es, como la de Leo, una experiencia de cueva, si bien se trata de "la cueva del tiempo", que se caracteriza Por el calor, la quietud, las experiencias profundas y las crisis lentas y hondas.

Todos pasamos por todos los signos pero, en el de Virgo, sus especiales energías se diversifican para generar mil nuevas ideas en todos los aspectos de la vida como el arte, el comercio, la industria y la ciencia, pero todas exigen un período de incubación, de reflexión y, luego, de lucha para imponerlas o compartirlas.

Es interesante resaltar que las amazonas adoraban a la Luna - es decir, a la forma – y a Marte – es decir, a la guerra – y eso demuestra que, como le dijo el Maestro a Hércules, ellas tampoco habían entendido su verdadero cometido en la vida. Ellas eran mujeres, traían en su seno la esperanza de futuro para espíritus anhelantes de renacer, pero los eliminaban si eran hombres y, además, en guerra permanente con los pueblos vecinos, mataban sin miramiento a los que consideraban sus enemigos. De modo que las que debían dar origen

a la vida se habían convertido en adoradoras de la muerte. Fijémonos, en cambio, en que a María, la madre de Jesús, símbolo de la feminidad perfecta, se la representa con la Luna bajo sus pies, es decir, por encima de ella, y sosteniendo en sus brazos al Príncipe de la Paz.

Recordemos el pasaje evangélico de la mujer adúltera en Juan 8:2-11, a quien Cristo dijo, *"¿Ninguno te ha condenado? Pues tampoco yo te condeno. Vete y, en adelante, no vuelvas a pecar"*.

Puede que, de un modo sutil, Cristo estuviese diciendo algo relativo a este signo de Virgo. Y sería muy interesante reflexionar sobre el pasaje: ¿No la condenó porque los circundantes que la habían denunciado y aprehendido no se atrevieron a condenarla? ¿Estará, entonces, el que algo sea o no pecado, en manos de que lo condene más o menos gente? Hay algo especial, siempre, en todo lo relacionado con el sexo.

Virgo y su signo opuesto, Piscis, junto con Géminis y su opuesto Sagitario forman la que se denomina "Cruz Común o Mudable", que es la de los que están pasando por la probación.

En ella alcanzamos la resignación y desarrollamos la aspiración que nos prepararán para la Cruz Fija del Discipulado.

Cuando nuestra personalidad está crucificada en la Cruz Mudable nos dedicamos a sus fines materiales, para que adquiramos así la habilidad necesaria para dedicarla a fines más elevados.

Es conocido en ocultismo el llamado "pecado contra el espíritu Santo", que no es otra cosa que la prostitución de la energía creadora y su utilización para fines perversos. Y éste es el pecado, el más grande de todo su recorrido zodiacal, que, en este signo, cometió Hércules. Y lo cometió cuando mató a la reina de las amazonas en vez de redimirla mediante la unión con ella, que es lo que ella le estaba ofreciendo. Pero también lo cometían las amazonas, como hemos visto antes, aunque su reina murió tratando de rectificar su error.

Hay que tener presente que, como la rueda del zodíaco la recorre el hombre ordinario en el sentido contrario al de las agujas del reloj, pero el discípulo la recorre en el sentido contrario, cuando entran en Virgo, uno lo hace a través de la vibración de Venus, pero el otro llega bajo la influencia de Mercurio.

Esa es la explicación de que, cuando uno tiene su vida centrada por encima del diafragma, su carta astral, calculada del modo tradicional, no resulta exacta.

El signo de Virgo nos permite cultivar la tolerancia, la compasión y la caridad, de modo que, poco a poco, nuestra capacidad de amar se va ampliando y haciéndose más inclusiva.

Sin embargo, lo que exige su signo opuesto, Piscis, es coraje. Porque el espíritu del pisceano es un verdadero campo de batalla, ya que ha de obtener la liberación y la libertad no se regala, sino que se conquista.

Hay un símbolo que representa, unificándolos, a Virgo y a su opuesto Piscis, y es la sirena. Porque, siendo la Segunda Persona de la Trinidad Amor-Sabiduría, esa dualidad es inherente a todas sus criaturas y en el mismo sistema solar.

La meta del nativo de Virgo consiste en tener claro que ninguna verdad es completa, ni siquiera real, si no incluye a su opuesta.

Los principios fundamentales de este signo de Virgo que: para el hombre común se resumen en la frase: "Y el Verbo dijo: que reine la materia."

pero, para el discípulo es la Virgen misma la que le dice: "Yo soy la madre y el Hijo, Yo soy Dios y soy la materia."

Porque fuimos nosotros mismos los espíritus que pronunciamos la primera palabra y los que descendimos al tiempo y al espacio hace eones. Pero debemos ya, si lo queremos, reconocer y proclamar nuestra identidad con ambos aspectos de Dios, la materia y el espíritu, la madre y el hijo. Pensamiento resumido por San pablo cuando dijo:

"Cristo en ti esperanza es de gloria."

Próximo número: Los doce trabajos de Hércules (III) – Trabajos 7, 8 y 9

El autor

23.06.1955 – 20.02.2021

Herbert Oré Belsuzarri fue Maestro Masón y perteneció a la Logia Fenix 137 de Lima de la Gran Logia Constitucional del Perú. Grado 14° del Supremo Consejo Hispano Confederado del Grado 33° para la República del Perú, IPH Patriarca Gran Conservador del Gran Orden Egipcio del Rito Antiguo y Primitivo de Memphis y Misraim 33°.

Autor de gran cantidad de trabajos masónicos y no masónicos, es respetado por la calidad de los mismos independientemente de que uno comparta o no las ideas en los mismos expuestas.

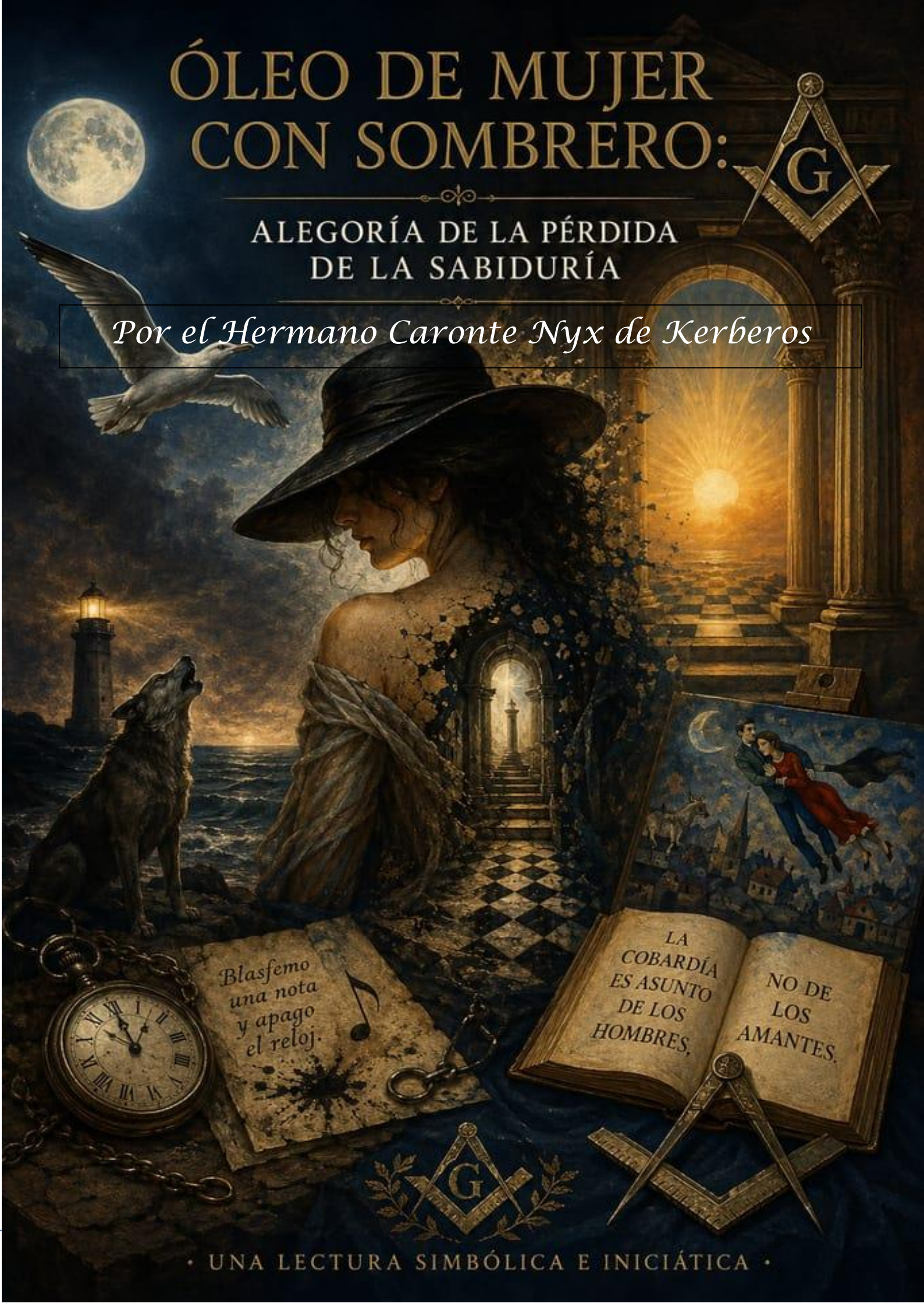
Creador y editor de la revista Diálogo entre masones
(http://seleccionesdialogoentremasones.blogspot.com.es/)

Nacido en Casapalca, vivió la mayor parte de sus años mozos en la Ciudad de Huancayo, donde estudió en la GUESI secundaria y la UNCP donde se graduó de Ingeniero.

ÓLEO DE MUJER CON SOMBRERO:

ALEGORÍA DE LA PÉRDIDA DE LA SABIDURÍA

Por el Hermano Caronte Nyx de Kerberos



· UNA LECTURA SIMBÓLICA E INICIÁTICA ·

No son pocas las voces que el tiempo lleva consigo, ni pocos los cantares que, habiendo parecido destinados al deleite pasajero de los hombres, permanecen, empero, escondidos en la memoria como semillas cuyo fruto solamente muchos años después viene a conocerse. De esta suerte aconteció conmigo, pues desde la más tierna edad fue mi espíritu alimentado con las dulces consonancias y los graves cantares de los trovadores de la isla de Cuba, cuyos acentos, más que al oído, al espíritu parecían enderezarse. Aun cuando de los augustos Misterios de la Francmasonería era yo extraño, ya prendían en mi pecho las sentencias y versos de ciertos ingenios cantores que, sin saberlo ellos acaso, daban voz a aquella secreta porción del alma que, peregrina en este valle de mudanzas, no cesa de suspirar por lo eterno y lo incorruptible. Hoy, empero, alumbrado el entendimiento por el ojo interior del iniciado, vengo a conocer que muchas de aquellas composiciones no eran meras trovas de amor humano ni simples requiebros del afecto terreno, antes bien, poesías eran de profundo artificio, tejidas de símbolos, de velos encubridores y de resonancias espirituales, cuyo sentido permanecía oculto al vulgo, mas no a quien aprendiese a contemplarlas con mirada más alta.

Entre todas ellas, singularmente movía mi ánimo aquella intitulada *"Óleo de mujer con sombrero"*, compuesta por Silvio Rodríguez, cuya letra, tan hermosa en el decir cuanto recóndita en el entender, dio lugar a no pocas y diversas interpretaciones. Mas, si con los ojos de la contemplación simbólica, propios del masón, fuere considerada, descóbrese[1] no ya como simple canción, sino cual verdadera alegoría iniciática, en la cual se representa el infortunio de aquel que, habiendo una vez contemplado la Luz, por flaqueza del ánimo y cobardía del corazón deja extinguirse en sí el resplandor que le fue concedido, perdiendo, por no saber sostenerla, la gracia de su esclarecimiento.

Una mujer se ha perdido
Conocer el delirio y el polvo
Se ha perdido, esta bella locura
Su breve cintura debajo de mí.

Se ha perdido, mi forma de amar
Se ha perdido, mi huella en su mar.

Veo una luz que vacila
Y promete dejarnos a oscuras
Veo un perro ladrando a la Luna
Con otra figura que recuerda a mí.

Veo más: Veo que no me halló
Veo más: Veo que se perdió.

Una mujer innombrable
Huye como una gaviota
Y yo, rápido, seco mis botas
Blasfemo una nota y apago el reloj.

Que me tenga cuidado el amor
Que le puedo cantar su canción.

La cobardía es asunto
De los hombres, no de los amantes
Los amores cobardes no llegan a amores
Ni a historias, se quedan allí.

[1] Descóbrese" es una forma verbal antigua o literaria del verbo descubrirse.

Ni el recuerdo los puede salvar
Ni el mejor orador conjugar

Una mujer con sombrero
Como un cuadro del viejo Chagall
Corrompiéndose al centro del miedo
Y yo, que no soy bueno, me puse a llorar.

Pero entonces lloraba por mí
Y ahora lloro por verla morir.

Pero entonces lloraba por mí
Y ahora lloro por verla morir.

Quien solamente oyó un canto de amor, cierre aquí el libro. Mas quien sospechare que bajo tan humildes palabras suele esconderse la antigua costumbre de los sabios de velar la verdad con figuras, sígame todavía; porque no pocas veces acontece que el poeta, ignorándolo él mismo, sirve de lengua a misterios mayores que su propio entendimiento.

A manera de ejercicio del ingenio, y más por probar la fecundidad de la contemplación que por afirmar cosa alguna con temeraria certidumbre, procuraré en este tratado simbólico mostrar cómo la poesía, cual acontece con toda obra de arte verdadera, jamás dice de manera llana aquello que encierra, antes lo insinúa; jamás enseña al modo del maestro que dicta, sino que revela al entendimiento dispuesto; jamás cierra el discurso con conclusión definitiva, sino que abre sendas y caminos por donde el espíritu, peregrino incansable de la verdad, prosiga su caminar. Porque no es el arte cosa muerta ni acabada, sino criatura viva, que en cada nueva lectura renace y, con diverso semblante, mueve al hombre a perpetua meditación.

Según la inteligencia profana, suele esta canción entenderse por una consideración acerca del quebranto amoroso, de la culpa que al pecho aflige, del severo juicio que el hombre hace de sí mismo y de la mudanza que el dolor obra en el ánimo. Mas, si con los ojos del iniciado fuere contemplada, levántase desde tan terrena interpretación a más alto y secreto significado, mostrándose como poderosa alegoría del viaje que el alma masónica emprende en demanda de la Luz, y del miserable infortunio que puede sobrevenir cuando quien comenzó el sendero, vencido de sus pasiones, cautivado por la soberbia o rendido al temor, abandona el tesoro que le fue confiado y deja extinguirse la claridad que un día resplandeció en su espíritu.

No se engañe, empero, el lector, si mujer oye nombrar en estos versos; porque no siempre viste carne aquello que con semblante humano se aparece. Hay presencias que toman figura para no herir con su desnudez al entendimiento, y verdades que, si no descendiesen cubiertas con los velos de la belleza, jamás podrían ser recibidas por el corazón de los hombres. Llámala el poeta mujer; mas otros la llamaron Sofía, otros Prudencia, otros Ciencia divina. Poco importa el nombre cuando la esencia permanece. Bástale al iniciado saber que aquello cuya ausencia aquí se llora no es el desdén de una amante, sino el eclipse de aquella Luz interior por cuya claridad el espíritu conoce el camino de su retorno. No huye ella del hombre por mudanza de voluntad; antes es el hombre quien, olvidado de sí mismo, deja de merecer su compañía.

"Una mujer se ha perdido,
conocer el delirio y el polvo"

¿Y quién podrá decir cuándo comenzó tan grande ausencia? ¿Fue acaso el día en que el hombre dejó de mirar hacia Oriente, o cuando, creyéndose dueño de la Luz, olvidó que solamente era su custodio?

En el oculto y misterioso lenguaje de la ciencia esotérica, no por mujer ha de entenderse la figura femenina, sino por imagen y representación, aquella celestial Señora que los antiguos veneraron como guía del

entendimiento y espejo de las verdades eternas. Y así, perderla no significa la ausencia de persona amada, antes el desvío de la Razón, el oscurecimiento del juicio y el quebranto de aquel concierto interior por cuyo medio el hombre gobierna sus afectos; porque torna entonces el espíritu al miserable estado profano, en que, cual piedra no desbastada, permanece tosco y bruto, informe y ciego, incapaz de discernir la senda que conduce a la Luz. Llámala el poeta mujer. Otros, en siglos más antiguos, la llamaron Sofía; hubo quien la nombró Prudencia; no faltó quien la creyó Gracia. Mas ninguno acertó del todo, porque las cosas más altas reciben muchos nombres y ninguna lengua alcanza a decirlas enteramente.

El delirio, el desorden de las pasiones, cuando, desatada la voluntad del freno de la prudencia, se enseñorean del ánimo los ímpetus inferiores y, cual espesa niebla, entenebrecen la conciencia, privándola del claro resplandor de la inteligencia. Y el polvo, de igual manera, no debe ser tenido por la vulgar materia que los ojos contemplan, sino por figura de este mundo mudable y perecedero, tejido de apariencias y vanidades, cuyo pesado manto cubre y envilece cuanto no es por el trabajo del espíritu purificado ni hacia lo alto levantado. El polvo nunca cubrió la piedra; cubrió los ojos del cantero. Del delirio nadie aprende por oído ajeno; menester es haber respirado su humo y probado la amargura de su vino para conocer cuán fácilmente el hombre olvida el camino que un día creyó seguro. Conocer, pues, el delirio y el polvo no consiste en saber de ellos por noticia ajena, sino en haber descendido a sus honduras, experimentado su servidumbre y olvidado aquella piedra secreta que, con perseverante oficio, al iniciado correspondía labrar. No fue el polvo puesto en el verso para que el lector mirase solamente la tierra hollada por los pies de los hombres; antes quiso el poeta nombrar aquella ceniza invisible con que el siglo cubre cuanto deja de mirar al cielo.

Extraña condición tiene el amor: cuanto más pretende el hombre guardarlo para sí, tanto más presto se le escapa; mas cuanto más libremente lo derrama sobre los otros, con tanto mayor caudal vuelve a su pecho. Ni es tampoco el amor gracia que, sin merecimiento alguno, al hombre descienda como fortuna caprichosa; antes bien, fuerza viva y precioso caudal es, cuya guarda requiere igual vigilancia que aquella con que el masón conserva limpias y rectas las herramientas de su Arte. Porque amar no es solamente sentir, sino obrar; no es dejarse vencer del afecto, sino ordenar la voluntad conforme a la armonía del Universo, de suerte que cada pensamiento, cada palabra y cada obra concurran al levantamiento del Templo invisible. Y así, todo amor que no edifica, antes destruye; todo afecto que no eleva, antes precipita; y cuanto no se ordena al bien común acaba, por ley inevitable, sirviendo a la disolución y a la ruina. De donde se sigue que trocar el amor puramente humano y romántico en virtud operativa constituye uno de los más altos ejercicios del Arte Real; pues no se trata ya de padecer el amor, sino de convertirlo en instrumento de perfección. Así como el cantero, mediante la escuadra, el compás y el mazo, transforma la piedra informe en silla digna del edificio, así también el iniciado, con el continuo trabajo sobre sí mismo, transmuta la fuerza de sus afectos en fundamento de su construcción moral, enlazando de este modo el misterio del amor con el sacratísimo arte de edificar el Templo del hombre interior.

"Se ha perdido mi forma de amar,
se ha perdido mi huella en su mar"

En la sacra doctrina de la Francmasonería, no por simple afección del ánimo ha de entenderse el amor, sino por aquel primer principio de universal concordia que, invisible y potentísimo, mantiene en justo concierto cuanto existe; fuerza es que la materia ordena, los contrarios reconcilia y, reduciendo la multiplicidad a unidad, conserva el mundo sujeto a la Ley eterna y al perfecto Orden. De donde se infiere que perder la recta manera de amar no es sola mengua del afecto, sino extravío del obrar; porque quien del verdadero amor se aparta, aparta juntamente su voluntad de la Ley, quebranta el concierto de la Obra y deja de cooperar con aquella armonía por la cual el Gran Arquitecto sustenta y gobierna el Universo. Cuanto más quiso el hombre poseer el amor, tanto menos lo conoció.

Siempre fue el mar, para los antiguos, reino donde la forma aún no había vencido al desorden. En él ninguna senda permanece, ninguna piedra guarda memoria del caminante y ninguna voz vuelve igual después

de atravesar sus aguas. El mar, no ha de ser reputado únicamente por inmensa copia de aguas, sino por viva figura del caos primero, del abismo sin forma ni medida, del profundo seno de lo indeterminado y de aquellas regiones ocultas del espíritu donde todavía no ha penetrado la luz del entendimiento. Y cuando la huella del caminante se dice perder en sus ondas, no significa ello la desaparición de un simple rastro corporal, antes representa la triste suerte del iniciado cuya obra, por falta de firmeza y perseverancia, se desvanece y consume. Porque, absorbida por el incesante oleaje de las pasiones humanas, anegada queda la labor que con tanto afán comenzó, de suerte que aquello que debía levantarse como testimonio de su paso hacia la Luz torna nuevamente al informe caos de donde procuraba salir. Así, la senda desaparecida en el mar no es sino imagen del espíritu que, habiendo olvidado la firmeza de la piedra y la rectitud de sus instrumentos, consiente que cuanto edificó sea deshecho por las mismas tempestades interiores que estaba llamado a vencer.

"Veo una luz que vacila,
y promete dejarnos a oscuras"

Mucho antes que el hombre aprendiese a levantar templos de piedra, buscaba ya una luz que no fuese consumida por el aceite ni extinguida por el viento. Porque otra claridad, más alta que aquella que hiere los ojos, fue desde el principio prometida al espíritu; y quien una sola vez la contempló, jamás volvió a contentarse con los resplandores del mundo. No arde en lámparas, ni nace del fuego, ni obedece al curso del sol visible; antes alumbra silenciosamente el entendimiento, descubre el verdadero rostro de las cosas y despierta al alma de aquel sueño en que la costumbre suele tener cautivos a los hombres, no ha de entenderse por el resplandor sensible que los ojos corporales alcanzan, sino por aquella claridad inteligible que al entendimiento alumbra, a la verdad descubre y a la conciencia despierta de su largo sueño. Ella es principio de todo conocimiento, espejo donde las cosas muestran su verdadero ser y llama viva que, sin consumirse, ilumina el templo interior del hombre, apartando de él las sombras de la ignorancia y del error.

Rara vez se extingue la Luz de un solo golpe. Antes acostumbra retirarse con la misma discreción con que vino; apenas un temblor en la llama, apenas una vacilación tan leve que el hombre, ocupado en sí mismo, apenas la advierte. Mas en ese casi imperceptible estremecimiento comienza ya el mayor de los naufragios. Porque nunca invade de súbito la noche el espíritu: entra por una rendija olvidada, por una pequeña concesión hecha al orgullo, por una tibieza que pareció inocente. Así aprende el iniciado que las grandes caídas tuvieron siempre un principio humilde y silencioso. Y así, cuando acontece que tan soberana Luz vacila o parece estremecerse, no ha de juzgarse por leve accidente ni por mudanza de escasa importancia, antes por el primer y más temible anuncio del mayor de los peligros que al iniciado pueden sobrevenir. Porque no comienza la caída cuando del todo se extingue la claridad, sino cuando consiente el espíritu que su llama desfallezca, abriendo por su propia negligencia entrada a las sombras. Entonces, poco a poco, retrocede el alma hacia aquella antigua oscuridad de donde un día fue llamada, tornándose nuevamente al profundo sueño de la conciencia, donde, cautiva de la ilusión y de las apariencias del mundo, olvida su origen, desconoce su destino y pierde el camino que a la eterna Luz conduce.

"Veo un perro ladrando a la Luna,
con otra figura que recuerda a mí"

¿Qué mueve al perro a levantar su voz contra la Luna? ¿Ignora acaso que ninguna respuesta recibirá de ella? ¿O será que, engañado por el brillo prestado, cree combatir la fuente de la claridad cuando apenas disputa con un reflejo?

Bien pudiera parecer que el poeta describe una escena vulgar, de aquellas que cada noche repite el mundo sin que nadie se detenga a mirarla. Mas no pocas veces acostumbran los antiguos esconder los mayores misterios bajo las imágenes más humildes. Porque no siempre el perro fue solamente perro; hubo ocasiones en que llevó sobre sí el retrato de un hombre que, habiendo olvidado el señorío de su espíritu, volvió a obedecer la voz de sus instintos como si nunca hubiese conocido otra ley. No por simple animal ha de entenderse aquí

el perro, sino por viva figura del hombre que, rendido al imperio de sus apetitos e instintos inferiores, ha perdido el señorío de sí mismo y, olvidada la nobleza de su origen, se consume en inútiles clamores. Ladrar le vemos, no contra cosa verdadera, sino contra el pálido resplandor que de la Luna dimana, cual si en aquella claridad prestada residiese la causa de su desasosiego. Mas no es otro el sentido de tan misteriosa imagen que representar el miserable estado de quien, habiendo caído de la senda iniciática, vuelve a la servidumbre de su naturaleza más baja, incapaz ya de discernir entre la apariencia y la verdad.

En esta figura, pues, se descubre la severísima reprensión que el iniciado dirige contra sí propio, contemplándose no como artífice de su perfección, sino como criatura degradada que, ignorante de su verdadero estado, combate sombras nacidas de su mismo extravío. Porque ladra, no al enemigo verdadero, sino a la vana imagen que delante de sí contempla, desconociendo que la Luna, lejos de ser manantial de claridad, ninguna luz posee que de sí misma proceda, antes recibe y devuelve aquella que del Sol le es comunicada. Y es este Sol, en la contemplación simbólica, la única y legítima fuente de toda iluminación, imagen del Oriente, de donde nace la verdadera Luz y hacia donde el iniciado dirigía sus pasos antes que, por su propia flaqueza, se apartase del recto camino.

No ladra el espíritu a la Luz, sino a la sombra que de ella conserva en la memoria, ladrar a la Luna viene a ser alegoría del hombre que, olvidado del Principio, disputa con los reflejos y las apariencias, mientras pierde de vista la fuente misma de la Verdad, cuya contemplación un día le fue concedida y cuyo resplandor, por su descuido, dejó escapar de sus manos. No perdió el Sol quien cayó; perdió los ojos con que podía contemplarlo porque no siempre combate el hombre aquello que le hace daño; muchas veces combate apenas el reflejo de lo que ha perdido.

"Una mujer innombrable,
huye como una gaviota."

¿Quién huye? Hay presencias que sólo aceptan rostro humano para que el entendimiento pueda seguirlas, porque si descendiesen desnudas de todo velo, más cegarían que iluminarían. Así acontece con esta fugitiva, cuyo nombre el poeta rehúsa pronunciar, como si aun la lengua temiese profanar aquello que el corazón ya no merece conservar, pues no por mujer mortal ni por dama de este mundo ha de entenderse aquí aquella figura innombrable, no huye la Sabiduría con estruendo, como huyen los ejércitos derrotados; retírase con el mismo silencio con que desciende la tarde sobre los campos. Apenas una claridad menos viva, apenas un vacío cuya causa el hombre no alcanza todavía a nombrar. Y cuando al fin advierte su ausencia, hace ya largo tiempo que ella emprendió el vuelo, retirada del corazón indigno, ya no consiente ser nombrada. Porque llega tiempo en que el alma, oscurecida por sus propias culpas y mancillada por el desorden de sus afectos, pierde la limpieza necesaria para invocar aquello que un día le fue revelado. No porque el Nombre deje de existir, sino porque deja el hombre de poseer labios dignos de recibirlo. Hay nombres que sólo la pureza sabe pronunciar; y cuando el alma pierde aquella música secreta con que fueron abiertos sus oídos, aun las sílabas más santas se vuelven ruido vacío. Y así, innombrable se torna la Sabiduría, no por mudanza de su esencia, sino por la ceguedad de quien dejó de contemplarla.

Mirad cómo ninguna ola consigue aprisionar la gaviota. Besa las aguas sin pertenecerles; acompaña al viento sin hacerse viento; parece rozar el mundo y, sin embargo, nunca consiente que el mundo la retenga. Tal es la condición de la Sabiduría: habita entre los hombres, mas no pertenece a sus apetitos. El compararla con la **gaviota** no fue sin profundo artificio, pues ave es que sobre las aguas se remonta sin quedar cautiva de ellas, imagen por tanto del espíritu libre que, sin contaminarse con las inquietudes del siglo, atraviesa las mudanzas del mundo conservando la pureza de su vuelo. Mas cuando el iniciado, por negligencia o por soberbia, deja de custodiar tan precioso don, huye de su presencia la Sabiduría, remontándose a regiones donde ya no alcanzan los ojos de quien perdió la altura del espíritu. Porque jamás abandona ella al hombre por capricho; antes es el hombre quien, apartándose de la Luz, incapaz se hace de seguirla allí donde siempre permaneció.

"Y yo, rápido, seco mis botas,
blasfemo una nota y apago el reloj."

¡Extraña diligencia la del hombre! Afánase en limpiar el cuero que cubre sus pies, mientras deja al barro aposentarse tranquilamente sobre la conciencia. Lava aquello que todos miran y olvida aquello que solamente Dios contempla, no ha de entenderse por diligencia prudente ni por cuidado del cuerpo, sino por vana tentativa de proseguir el camino sin haber limpiado primero las manchas del alma. Porque piensa el hombre que bastará enjugar el barro exterior para continuar la marcha, cuando todavía lleva impresas en su conciencia las huellas de antiguas caídas. Así pretende caminar quien aún no se ha purificado, olvidando que ningún peregrino alcanza el Templo mientras conserve adherido a sí el polvo de sus errores.

Y cuando dice *"blasfemo una nota"*, no se acusa únicamente de palabra descompuesta o de sacrílego decir, sino de una profanación mucho más alta y terrible. No fue el universo levantado con martillos solamente. Antes de toda piedra hubo una armonía; antes de toda medida hubo un número; antes de toda palabra hubo un sonido que ordenó el caos sin violencia. Quien hiere esa música no rompe únicamente un canto: introduce disonancia en el orden mismo de su espíritu, porque la Nota es aquí figura del Verbo, de la Palabra ordenadora, de aquella armonía primordial por cuyo poder fueron puestas en concierto todas las cosas creadas. Blasfemar de ella equivale a quebrantar el vínculo sagrado con el Logos, a romper la consonancia que el iniciado juró guardar con fidelidad inviolable, convirtiendo en disonancia aquello que debía permanecer como música del espíritu.

No cuenta el reloj únicamente las horas; cuenta también las ocasiones perdidas, los trabajos interrumpidos, los golpes que el mazo dejó de dar sobre la piedra. Cada instante que calla el reloj es un silencio del Obrador, apagar el reloj representa todavía más grave ruina; porque no es solamente detener el curso de las horas, sino renunciar voluntariamente al tiempo que la Providencia concede al hombre para el perfeccionamiento de su piedra. Si el tiempo es el taller donde el alma labra su destino, extinguir el reloj es cerrar con las propias manos las puertas del Obrador. Cesa entonces el trabajo iniciático, enmudece el mazo, descansa inútil el cincel y queda abandonado el Oficio antes de concluir la Obra para la cual el artífice había sido llamado.

No trata, pues, este misterioso pasaje de pérdidas vulgares ni de simples desengaños humanos, sino de la degradación de aquello que era santo y del olvido de lo sagrado, cuando el hombre, apartándose de la fuente de la Verdad, deja caer en el polvo cuanto le fue confiado para custodiar. Porque todo amor que en deseo de dominio se convierte, amor deja ya de ser, trocándose en servidumbre disfrazada de afecto. Aprende, por ello, el verdadero iniciado que amar no consiste en poseer, sino en renunciar; no en retener para sí, sino en dejar libre aquello que ama. Sólo el desapego conserva incorrupta la pureza del vínculo, pues cuanto con violencia se aprisiona, acaba por corromperse y perecer. Mas aquello que libremente se ofrece, sin esperar recompensa ni retorno, participa de la naturaleza misma de la Luz, que todo lo alumbra y nada exige para sí.

De donde se colige[2] que el amor, cuando de todo interés se despoja y como puro don se derrama, constituye el más excelso ejercicio de la libertad y una de las más perfectas virtudes del Arte Real.

Así como el oro permanece oculto bajo la negra escoria hasta que el fuego paciente lo descubre, así también los afectos del hombre necesitan atravesar el horno del espíritu antes de recobrar su antigua pureza. Ningún metal se vuelve noble sin padecer el crisol; ninguna alma asciende sin consentir primero en arder. La enseñanza que este pasaje encubre no es otra que la continua purificación de los afectos, para que, despojados de toda escoria terrena, puedan sufrir la secreta transmutación que los sabios de la antigua alquimia llamaron la obra del alma, mediante la cual lo inferior asciende a lo superior y lo humano participa, finalmente, de lo divino.

[2] Proviene del latín colligere ("recoger", "reunir"), de donde también deriva el verbo colegir, hoy mucho más frecuente. En el español actual, significa "Inferir" o "deducir" una conclusión a partir de ciertos datos o premisas, es extraer una consecuencia lógica de lo observado o de lo dicho.

Nunca retuvo el agua quien cerró la mano sobre ella. Así acontece también con el amor: cuanto más procura el hombre poseerlo, tanto más presto lo pierde; mas cuanto más libre lo deja, tanto más fiel permanece.

"La cobardía es asunto,
de los hombres, no de los amantes."

Extraña sentencia es ésta, y tanto más cuanto que, a primera vista, parece dividir en dos especies una misma naturaleza. ¿Quiénes son esos hombres de quienes el poeta aparta el verdadero amor? ¿Y quiénes esos amantes a quienes concede una dignidad que trasciende la común condición de los mortales? No responde el verso con la presteza con que suele responder el discurso humano; antes deja suspendida la pregunta, como lámpara que vacila en la penumbra del templo, para que sea el mismo silencio quien comience a instruir al corazón. Porque no todas las verdades nacieron para ser dichas de un solo golpe; algunas, como la aurora, descubren su rostro por grados, y más persuaden cuanto menos se apresuran a manifestarse.

Muchas veces llamamos hombre al que sólo ha llegado a ser sombra de sí mismo. Anda, respira, trabaja y habla; mas no por eso ha despertado todavía. Lleva consigo el peso del barro, mas olvidó la nobleza del soplo que un día le fue concedido. Habita la tierra, pero tiene cerrados los ojos al cielo. Y acaso sea de éste de quien habla el poeta: de aquel que, cercado por los muros de su propio temor, hace de la prudencia cobardía, de la cautela idolatría y de la seguridad un trono desde el cual contempla pasar la Vida sin atreverse jamás a seguirla. No siempre encadena el hierro; también el miedo sabe forjar grillos invisibles.

Porque la cobardía rara vez levanta la voz. No acostumbra presentarse con rostro airado, sino con apariencia de sensatez. Aconseja esperar cuando es tiempo de caminar; persuade a conservar cuando llega la hora de ofrecer; llama prudencia a lo que no es sino tibieza del ánimo. Así se introduce, paso a paso, como polvo sutil que apenas se advierte cuando comienza a posarse sobre la piedra, hasta cubrir lentamente el mármol, apagar el brillo del cincel y amortiguar el sonido del mazo. Ninguna ruina nace de improviso; toda oscuridad comenzó siendo una sombra casi imperceptible. Quien teme perder la pequeña luz que posee, acaba por perder el Sol que nunca creyó merecer.

Mas otros hay cuya condición parece diversa. No porque hayan dejado de ser hombres, sino porque un incendio secreto los obliga a caminar más allá de sí mismos. Llámalos el poeta amantes, y no parece bastar tal nombre para contener cuanto en él se esconde. Porque amar, en este lugar, no es solamente inclinar el corazón hacia otra criatura, sino padecer aquella antigua sed que ninguna fuente terrena consigue apagar. Hay un amor que nace del deseo y concluye en la posesión; mas hay otro que nace del asombro y termina en la entrega. El primero busca tener; el segundo busca transformarse. El primero ata; el segundo libera. El primero pregunta qué puede recibir; el segundo sólo desea saber qué le resta todavía por ofrecer.

¿No será, por ventura, éste el amor de que hablaron los antiguos sabios cuando llamaron filósofo al amante de la Sabiduría? ¿No será ésta la secreta inclinación que mueve al peregrino a dejar su casa para seguir una estrella cuyo destino ignora? Hay caminos que no prometen recompensa alguna, y, sin embargo, son los únicos dignos de ser recorridos. Quien ama la Verdad no la persigue porque espere poseerla; síguela porque ha sido ya poseído por ella. Antes de buscar la Luz, fue la Luz quien despertó en él el deseo de buscar.

No acontece de otra suerte con el verdadero iniciado. Nadie atraviesa el umbral del Templo llevando intacto cuanto era. Algo ha de morir para que otra cosa nazca; algo ha de ser consumido para que otra llama pueda levantarse sobre sus cenizas. No es el sacrificio precio impuesto por una ley severa, sino condición misma de toda transfiguración. Ningún metal alcanza pureza sin conocer el fuego; ninguna piedra descubre la forma que ocultaba mientras rehúye el golpe paciente del cincel. También el alma posee su cantera, su fragua y su Obrador.

Por eso el amante de la Sabiduría no teme el despojo. Sabe que cuanto pierde por causa de la Verdad nunca fue verdaderamente suyo. Renuncia al orgullo como el cantero desprende de la roca aquello que jamás

perteneció a la estatua. Abandona las ilusiones como el escultor deja caer al suelo el polvo inútil que el mazo arranca del mármol. Y mientras otros lloran la piedra que desaparece, él contempla, silencioso, la figura que lentamente comienza a revelarse. Nunca empobrece quien entrega lo superfluo para rescatar lo esencial.

No consiste, pues, el valor del amante en desconocer el temor. También él lo experimenta, también siente el viento frío de la incertidumbre y oye crujir bajo sus pies los puentes que ha de cruzar. Mas no permite que el miedo gobierne aquello que la Luz ha despertado. Camina temblando, si es preciso; pero camina. Porque más grave desgracia que caer es permanecer inmóvil cuando la Verdad llama. Quien jamás abandona la ribera nunca aprende la profundidad del mar; quien jamás arriesga la sombra de su antiguo ser tampoco alcanza la claridad del nuevo.

Así va descubriéndose, sin estrépito, el corazón de esta alegoría. Acaso no contraponga el poeta dos clases de hombres, sino dos moradas de una misma alma. Todos llevamos en nosotros al cobarde y al amante; al que vuelve los ojos hacia el polvo y al que los levanta hacia la estrella; al que se aferra a la ceniza y al que todavía conserva memoria del fuego. De cuál de los dos reciba obediencia el corazón dependerá el camino que emprenda la vida. Porque nadie pierde la Luz en un solo instante, ni tampoco la recupera de una vez; cada jornada decide nuevamente a cuál de esas voces concede el hombre el gobierno de su espíritu.

Y quizá por eso el poeta no condena ni absuelve. Apenas deja caer estas palabras, semejantes a campanas que continúan resonando mucho después de haber cesado el golpe que las despertó. Lo demás pertenece al silencio. Y hay silencios que enseñan más que muchos discursos.

Porque no es el amante quien carece de temor; es el temor quien dejó de gobernar al amante.

"Los amores cobardes no llegan a amores."

Detiénese aquí la voz del poeta como quien, después de haber mostrado el sendero, guarda silencio para que sea el caminante quien advierta la hondura del precipicio. ¿Qué amor será éste que, llevando tal nombre, jamás alcanza a serlo? ¿Cómo puede el amor quedar a mitad de su propio nacimiento? Misterio parece, y no sentencia; pregunta antes que respuesta. Porque hay palabras que, cuanto más se contemplan, más se alejan, y hay verdades que sólo consienten revelarse a quien permanece largo tiempo bajo su sombra.

No todo aquello que los hombres llaman amor participa de la naturaleza del Amor. Muchas veces basta un deseo para recibir tan ilustre nombre; otras, una costumbre; otras, el temor a la soledad o la secreta necesidad de poseer aquello que el corazón juzga suyo. Mas el verdadero amor huye de toda prisión. Como el agua viva, corre; como la llama, asciende; como el viento, no consiente cadenas. Quien pretende encerrarlo, pierde su frescura; quien procura dominarlo, extingue su fuego. Porque cuanto más se aferra la mano, tanto más presto se escapa aquello que sólo la libertad conserva.

¿No será, acaso, la cobardía el primer velo con que el amor comienza a ocultarse de sí mismo? No siempre reviste la figura del espanto manifiesto; antes suele vestirse de prudencia, de cálculo, de demora y de aquellas discretas razones con que el hombre persuade a su conciencia para no abandonar la seguridad de la ribera. Así nace ese afecto incompleto que desea, mas no se entrega; que busca, mas no camina; que espera la cosecha sin haber querido sembrar. Ama mientras nada pierde; retrocede cuando advierte que el amor exige el sacrificio de aquello mismo que más estima.

Y, sin embargo, ¿qué cosa digna de permanecer fue jamás alcanzada sin atravesar alguna forma de muerte? El trigo no rehúsa la oscuridad de la tierra; el incienso no ofrece su perfume mientras no conoce el fuego; el mármol no descubre la figura que oculta mientras no consiente los golpes del cincel. También el alma guarda una forma secreta cuya hermosura permanece cautiva hasta que el dolor, paciente artífice, rompe la corteza de sus antiguas seguridades. Ninguna iniciación florece donde el miedo gobierna. Ninguna piedra llega a ser templo si antes rehúsa el trabajo del Obrador.

Por eso el amor cobarde permanece siempre en los umbrales. Conoce el rito, mas no penetra el santuario. Repite las palabras, mas ignora el silencio que les da vida. Conserva las formas y pierde el fuego; guarda la lámpara, mas deja extinguirse el aceite. ¿De qué aprovecha la antorcha si ninguna llama arde sobre ella? ¿Qué valor tiene la ceremonia cuando el corazón permanece inmóvil? Porque el espíritu no habita en los gestos, sino en aquella secreta disposición por la cual el hombre consiente en dejar de pertenecerse para entrar en una realidad más alta que él mismo.

Y mientras el pensamiento se detiene sobre estas palabras, vuelve la memoria a levantar otra imagen ya contemplada, como si los símbolos, lejos de caminar separados, buscasen reunirse en una sola corriente. Extraña condición la de la Luna: cuanto más llena parece de resplandor, tanto más proclama, para quien sabe mirarla, que nada de cuanto muestra nació verdaderamente de ella. Toda su blancura es recibida; toda su hermosura es prestada; toda su claridad procede de un Sol que permanece oculto a los ojos de la noche. Sólo el ignorante la toma por fuente cuando apenas espejo es; sólo el distraído se enamora del reflejo y olvida volver el rostro hacia el Oriente donde la luz nace sin intermediarios.

¿Y no acontece otro tanto con el alma? ¡Cuántas veces se enamora de las luces reflejadas y olvida la fuente de donde todas proceden! Persigue las apariencias como quien corre tras el brillo del agua sin advertir el manantial escondido entre las peñas[3]. Ama la imagen y olvida el Principio. Abraza la sombra y deja pasar la llama. Así se pierde lentamente el caminante, no porque el Sol haya dejado de alumbrar, sino porque sus ojos, fatigados por los reflejos, olvidaron elevarse hacia la claridad primera.

Mas nadie contempla de súbito el alba del espíritu. Antes conviene atravesar aquella noche donde toda certeza parece retirarse y toda lámpara vacila. ¿Quién no ha conocido ese silencio donde hasta la propia voz se vuelve extraña? ¿Quién no ha sentido alguna vez que el camino desaparece bajo sus pies como huella borrada por el mar? No es castigo tal oscuridad, sino preparación. Porque la noche no contradice a la aurora; la engendra. Y el fuego que purifica no destruye el oro: consume solamente aquello que nunca fue oro.

Tal parece ser la ley secreta de toda regeneración. Descender para ascender. Callar para escuchar. Perder para hallar. Morir a cuanto era apariencia para despertar a aquello que desde el principio aguardaba oculto bajo el polvo de los días. Ninguna riqueza compra semejante tesoro; ningún poder lo conquista; ningún artificio lo fabrica. Sólo lo recibe quien consiente en despojarse de sí mismo.

Porque no llega el amor a ser Amor cuando encuentra aquello que desea; llega cuando el amante deja, finalmente, de buscarse a sí mismo.

"Ni el recuerdo los puede salvar,
ni el mejor orador conjugar."

Ni la memoria de los días pasados, por dulce que parezca, posee virtud bastante para restaurar aquello que voluntariamente se abandonó; ni la palabra más elegante, ni el discurso más persuasivo, ni aun el rito ejecutado con la mayor perfección exterior pueden devolver al hombre lo que perdió por falta de valor. Porque las formas, cuando el espíritu las abandona, no son sino cuerpos sin aliento, semejantes a templos donde ya no arde la lámpara sagrada.

En vano procurará el desertor de la Verdad justificarse con elocuencia o esconder su tibieza tras la solemnidad de las ceremonias. Ningún formalismo, por venerable que sea; ninguna repetición de signos o palabras, por exacta que resulte, puede sustituir el fuego vivo del corazón verdaderamente iniciado. Porque no es el rito el que hace al hombre, sino el hombre quien, purificado por el amor y fortalecido por el sacrificio, vivifica el rito. Y donde falta ese fuego interior, muda queda la Palabra, estéril el símbolo y vana toda

[3] En ese contexto significa grandes rocas, riscos o afloramientos de piedra.

ceremonia; mas donde arde sin cesar la llama del amor a la Verdad, aun el más humilde de los gestos se convierte en legítima expresión de la Obra y en digno testimonio de la Luz.

"Una mujer con sombrero,
como un cuadro del viejo Chagall,
corrompiéndose al centro del miedo."

No ha de entenderse aquí por sombrero un mero adorno de la cabeza, sino aquella cobertura simbólica del entendimiento bajo la cual se albergan los pensamientos, los juicios y las más altas operaciones de la razón. Porque, así como la corona distingue al rey y el yelmo[4] protege al guerrero, así el sombrero representa el gobierno de la mente, llamada a regir con prudencia los movimientos del ánimo. Mas, cuando se dice que se corrompe en el centro del miedo, declárase con ello el lamentable estado de la inteligencia que, vencida por el temor, pierde la serenidad del juicio, oscurece el discernimiento y deja de servir a la Verdad para convertirse en esclava de las sombras que ella misma engendra.

Y el traer aquí a la memoria un cuadro del antiguo Chagall[5] no fue, por cierto, sin recóndita intención. Porque en sus figuras, suspendidas entre la tierra y el cielo, como si hubiesen olvidado el peso de la materia, se representa un universo donde los símbolos aún viven, respiran y se mueven con libertad, obedeciendo a leyes más altas que las de la mera apariencia. Mas en este pasaje, corrompido aparece el lienzo; enturbiada la visión; contaminado el arte; y aquello que debía ser ventana abierta a los misterios del espíritu se convierte en espejo deformado por el miedo. Así, el símbolo, privado de la Luz que lo anima, deja de revelar para ocultar; deja de conducir al entendimiento para precipitarlo en la confusión, convirtiéndose la imagen viva en sombra estéril y el signo luminoso en figura de la caída.

"Pero entonces lloraba por mí,
y ahora lloro por verla morir."

Llega aquí el poema a su más alta cumbre espiritual, donde el llanto deja de ser flaqueza del ánimo para convertirse en secreta purificación del corazón, en aquella santa catarsis mediante la cual las lágrimas lavan cuanto el orgullo había endurecido. Porque al principio lloraba el hombre por sí mismo, lamentando su pérdida, su herida y su propio infortunio; mas no era todavía aquel dolor sino reflejo del amor propio, incapaz aún de elevarse sobre la estrechez del yo.

Después, empero, mudado el corazón por la experiencia del sufrimiento, ya no derrama lágrimas por la herida recibida, sino por contemplar la agonía de la Sabiduría misma, cuya muerte reconoce como causa de toda desventura. Y en esta mudanza consiste la verdadera conversión del iniciado; porque deja de mirarse a sí mismo para volver los ojos hacia aquello que es superior a su propia persona. No es ya el ego quien reclama consuelo, sino el espíritu quien llora la ausencia de la Luz.

Tal transformación señala el tránsito de la servidumbre a la libertad, del egoísmo al servicio, del amor que posee al amor que se ofrece. Aprende entonces el iniciado que ninguna obra digna se levanta para gloria particular ni para satisfacción de la vanidad, sino únicamente en honra de la Luz, que es principio, medio y fin de toda verdadera construcción espiritual. Porque el Obrero no labra la piedra para engrandecerse a sí mismo, sino para que el Templo alcance mayor perfección.

[4] Yelmo es la parte del casco que cubre la cabeza del guerrero, especialmente en la Edad Media. Es una pieza de armadura diseñada para proteger el cráneo, el rostro y, en algunos modelos, el cuello.

[5] Marc Chagall (1887–1985) fue uno de los artistas más originales e influyentes del siglo XX. Nació en Vítebsk, entonces parte del Imperio ruso (hoy Bielorrusia), en el seno de una familia judía jasídica. Más tarde se nacionalizó francés y desarrolló la mayor parte de su carrera en Francia. Su obra es difícil de encasillar. Aunque suele relacionársele con el surrealismo, el cubismo y el expresionismo, Chagall nunca perteneció plenamente a ningún movimiento. Él mismo afirmaba que pintaba el mundo tal como lo recordaba y lo soñaba.

Y de aquí dimana uno de los más profundos misterios del Arte Real: que el amor constituye el secreto más escondido del Templo. Él reúne cuanto la discordia separó; reconcilia aquello que la soberbia desunió; restituye la armonía donde reinaba el quebranto; y vuelve una sola realidad lo que el orgullo había dividido en múltiples fragmentos. No busca, pues, quien verdaderamente ama ser recompensado ni correspondido, antes desea solamente ser comprendido en el fecundo silencio del otro, donde las palabras cesan y las almas comienzan a hablarse con lenguaje más puro.

Así se convierte el amor en medida de toda virtud y fundamento de toda moral, pues únicamente por su mediación puede la Luz hallar morada estable en el mundo de los hombres. Porque no basta conocer la Verdad si no se la ama; ni es suficiente contemplar la Luz si después no se la comunica. Amor y Luz son, en el orden espiritual, inseparables compañeros, del mismo modo que el fuego y su claridad jamás pueden dividirse.

Elevado así el amor desde la esfera del afecto humano hasta la dignidad de principio cósmico y ley ética universal, manifiéstase como aquella fuerza primera que sostiene el concierto de la Creación, ordena las voluntades rectas y hace del hombre cooperador consciente de la Obra del Gran Arquitecto del Universo.

Vista, pues, bajo el velo del símbolo, *"Óleo de mujer con sombrero"* no aparece ya como sencilla elegía nacida del desengaño amoroso, sino como profundo drama moral e iniciático, donde se representa la historia del hermano que, por no dominar el tumulto de sus pasiones -figuradas en el delirio-, por rendirse a la cobardía propia del hombre profano y por quebrantar la santidad de la Palabra que había jurado guardar, pierde el tesoro más precioso que le fue confiado. Entonces contempla, con dolor tardío, cómo huye de su presencia la Sabiduría, representada en la mujer, y cómo vacila aquella Luz que en otro tiempo iluminó su sendero.

Mas no consiste su redención en volver simplemente a poseer aquello que perdió, porque ninguna verdadera iniciación devuelve intacto lo pasado. Antes consiste en una transmutación más alta y más perfecta: trocar el dolor en entendimiento, el ego en amor, la muerte aparente en nacimiento espiritual. Porque sólo quien desciende voluntariamente a las profundidades de sí mismo puede ascender renovado hacia regiones más luminosas.

Es, pues, el amor, considerado en su más excelsa significación, la iniciación suprema que todo lo transmuda. Él disuelve las falsas identidades que el ego levanta como fortalezas, derriba las murallas de la ilusión y descubre, tras ellas, el verdadero rostro del Ser. Quien así ama ya no teme perder, porque comprende que toda pérdida sufrida en el camino de la Verdad no es sino despojamiento necesario para alcanzar claridad mayor. Sabe que cuanto la Luz arrebata es para purificar, y cuanto destruye es para edificar de nuevo con más firme fundamento.

No arde llama más pura, ni más poderosa para consumir la escoria del espíritu, que la del Amor verdadero; ni existe silencio más fértil que aquel en cuyo seno, entre lágrimas nacidas de la comprensión y no de la desesperación, reconoce finalmente el alma, reflejada aun en las tinieblas de su antigua noche, la misma Luz eterna que jamás dejó de habitar en lo más profundo de su propio ser.

El autor

Caronte Nyx de Kerberos
F.·.M.·.M.·.S.·.M.·.M.·.
24 de julio de 2026.
Carontenyxdekerberos@gmail.com

Oriente de Argentina, Valle de Buenos Aires

Retales

Universal

O lado esotérico da maçonaria
17 de 23

Pelo V.·. I.·. Alfredo Roberto Netto

Cesar-2025

Não poderíamos estar mais gratos ao Irmão Alfredo por sua deferência em nos permitir publicar seu excelente trabalho nesta humilde revista. Confiamos que os leitores apreciarão seu trabalho e, se você quiser obter o livro em papel (ou qualquer um dos já publicados pelo irmão), poderá fazê-lo entrando em contato com o irmão via whatsapp (telf: 55 11 99686-7324)

XVII - Os Diáconos e Cobridores do Templo

Em continuidade aos estudos sobre a importância dos cargos em Loja, analisemos os DDiác.'. e CCobr.'. do T.'..

De origem grega, a palavra Diácono significa servidor.

Na Igreja Católica, corresponde ao padre destinado a servir ao Altar, o Sacerdote ou Bispo, função semelhante à exercida em diferentes cultos Evangélicos nos dias de hoje. No Cristianismo primitivo, no entanto, eram os encarregados de distribuir as esmolas, cuidar dos doentes e abrigados, enfim, cuidar de todos os atos benemerentes do grupo a que servia.

No Rito Escocês, é cargo exercido por dois OOf.'. com a função de transmitir as ordens das LLuz.'. aos IIr.'. e cumprir determinadas cerimônias.

Segundo os historiadores este cargo teve sua origem na Irlanda em 1726 e, na Inglaterra, sua presença é observada apenas entre 1809 a 1811, quando a Loja de Promulgação – Modernos recomendou a adoção dos DDiác.'.. Isto que se concretizou apenas a partir da Unificação de 1812, e sua incorporação ao Rito Escocês se deu a partir desta época.

Estes OOf.'. estão presentes nos Ritos de York e Escocês e, apenas no Escocês, a P.'.S.'. corre as colunas levadas pelos DDiác.'.e, apenas neste, seus bastões formam o Pálio na proteção ao Liv.'.da L.'., no momento de sua abertura pelo M.'.I.'..

A Joia do cargo é uma Pomba com um Ramo no bico, ou uma sobrecarta. É o emblema que encimar os Bastões que os DDiác.'.transportam em determinadas Cerimônias. Nas primeiras LLoj.'.onde o cargo foi instituído, o primeiro emblema utilizado nos bastões era do Deus Mercúrio – Hermes – o mensageiro do Olimpo.

Segundo o estudioso maçônico José Castellani, no R.'.E.'.A.'.A.'. primitivo, os DDiác.'. não portavam bastões e tampouco havia o tempo litúrgico do Pálio no momento da abertura do L.'.da L.'.. Esta inclusão ocorreu quando alguns IIr.'. responsáveis pela ritualística da época, julgaram oportuno fazer representar a figura dos "Querubins sobre a Arca da Aliança", representação esta inexistente até então, mas incorporada e realizada desde sua instituição.

Teoricamente, além das atividades previstas nos Rituais, devem executar a função de Mensageiros e auxiliares do Ven.'.M.'. e dos VVig.'., excetuando as funções inerentes ao M.'.CC.'.,

O único Rito que se possui a formação do Pálio é o Adonhiramita, procedimento realizado, no entanto, com espadas e com dois IIr.'. das CCol.'. convidados pelo M.;.CC.'., uma vez que neste Rito não existe a figura dos DDiác.'...

Na composição Setenária Esotérica do T.'., o P∴D∴ representa o Corpo Metal Inferior, assim como o S∴D∴ o Corpo Astral ou Emocional.

A Joia do Cobr.'.é o Alfanje.

Tarefa pouco conhecida na atualidade, ela representa uma função que vem sido relegada ao abandono em virtude do sacrifício que exige do Ir.'. que a exerce, ou seja, a vigilância externa do T.'. durante parte das reuniões. Relatam os historiadores que esta função é originária da antiga Maç.'. Operativa, onde um Of.'. tinha a função de "Telhar" uma edificação e garantir que não houvessem goteiras na sua conclusão. Sugerem, também, que o termo "Trolhar" deriva do "Telhar".

A missão do Cobr.'. é a de "Cobrir" ou "Telhar" a Loja, para que, ao chover ou a chegada de visitantes, não surjam "Goteiras", termo utilizado para identificar os Profanos interessados nos segredos e exercício dos ritos maçônicos. Para tanto, deverá "Trolhar" convenientemente os visitantes nos SS.'. TT.'. e PP.'. dos três GGr.'.. Armado com uma Espada, é uma sentinela responsável pela segurança dos trabalhos e da entrada do T.'., a semelhança dos "Querubins à porta do Paraíso".

Obviamente, tão importante função *somente* deve ser exercida por um M.'.M.'. de muita responsabilidade e conhecimento litúrgico.

O Cobr.'. deve permanecer no Átrio durante, e apenas, a cerimônia de abertura e, após a Cobertura dos Trabalhos, adentrar em seguida e assentando-se à esquerda da porta, na Col.'. do Sul, junto ao 1º VIG.'..

Atualmente, inúmeros estudiosos da Ritualística consideram inadmissível a ausência deste Cob.'. em várias Lojas, entendendo que sua ausência corrompe o cerimonial das Sessões, descaracterizando o Rito Maçônico e prejudicando sua mística.

Na composição setenária da Loja, é a representação do Corpo Físico ou Denso, razão pela qual deve permanecer no lado de fora do T∴, e a única parte visível do Ritual para os profanos.

A Joia do Cobr.'. Interno, ou G.'.T.'. são duas Espadas cruzadas.

Simbolicamente os ferros cruzados, em guarda para o combate, nos ensinam a atitude constante de defesa contra os maus pensamentos e ordenarmos moralmente as nossas ações.

Também armado de Espada, este Of.'. fica no interior do T.'., à direita de quem entra, ao lado da porta cuja guarda lhe é confiada e que deve manter fechada a chave. Por esta razão, em algumas Potências recebe a denominação de G.'.T.'.. Representa o traço de união entre o mundo externo e a Loja, e somente ele pode abrir ou fechar a porta.

É considerado um cargo de grande responsabilidade, tanto que é comum ser designado para esta função, um M.'. I.'. devido sua experiência e conhecimento. É de consenso que esta função, por sua importância e gravidade, *jamais* seja delegada a um Apr.'. ou Comp.'..

No Rito Escocês, seu assento é no Ocidente junto à porta e à Col.'. do Norte, do 2º Vig.'., de quem recebe ordens, instruções e a palavra, exceção feito na Cobertura do T.'., quando recebe o comando do 1ºVig.'. para tanto.

Quando sentado, há de segurar sempre a Espada na mão. Estando a Oficina em P.'.O.'., deverá portar a Espada com a mão direita apoiando-a sobe o ombro esquerdo, formando assim uma esquadria. Essa é sua maneira peculiar de ficar à ordem durante o cerimonial. Na verificação da cobertura, o G.'.T.'. bate três vezes na porta com o punho

de seu Alfanje, ou Espada, bateria esta que é respondida na parte externa pelo Cobr.'., procedimento integrante e correto do Ritual de Cobertura.

Em momento algum o G.'.T.'. deve deixar sua Espada, tanto que, quando deseja fazer uso da palavra entre CCol.'., solicita sua substituição temporária na função por outro Obr.'., a ser designado pelo Ven.'.. Isto representa a manutenção da corrente vibratória que protege e permite o bom andamento dos trabalhos.

Na composição setenária do T.'., é o G.'.T.'. a representação do Corpo Etéreo. Juntos, o Cobr.'.e o G.'.T.'. representam a parte física do "Homem", composto pelo Corpo Material e Etéreo, respectivamente.

Os DDiác.'. e os CCobr.'. do T.'. representam a natureza inferior, ou a Personalidade, o "Eu Menor", ou seja: 1º Diác.'.= Corpo Mental Inferior; o 2º Diác.'.= o Corpo Astral, ou Emocional; o G.'.T.'.= o Corpo Etéreo ou Duplo Etérico; e o Cobr.'.= o Corpo Denso ou Físico. (Vide as pranchas: "A Missão do Templo Maçônico" e "O Venerável e os Vigilantes")

O diagrama acima representa os Sete Princípios do Homem, os Planos da Natureza a que correspondem e os OOf.'.que os simbolizam em uma Loja Maçônica.

O triangulo superior, contendo o Primeiro, Segundo e Terceiro Princípios, é a representação do Ego, ou natureza superior do homem, comumente chamada de Alma que, no transcurso de sua longa evolução, se encarna repetidamente noutras tantas Personalidades.

O triangulo inferior é um reflexo do superior na matéria dos Planos Inferiores e, com o Corpo Físico Denso, constitui o Quaternário Inferior, ou "Personalidade", que subsiste durante toda uma encarnação.

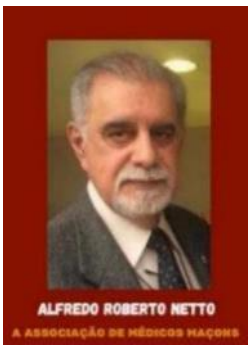
A evolução do Homem é realmente o desenvolvimento do Ego, ou "Eu Superior", mas a imensa maioria das pessoas da atual etapa do progresso humano engatinha em seu desenvolvimento, desconhecendo sua possibilidade de crescimento nos planos inferiores em que habita.

Similar ao culto praticado nas antigas Lojas Egípcias, a Maçonaria nos apresenta, assim, e com uma nova roupagem, sua função espiritual de harmonizar e auxiliar no progresso da Humanidade.

Ainda que a principal função da Maçonaria seja a acumulação e distribuição das forças espirituais superiores em benefício do mundo, também está interessada no progresso espiritual de seus IIr.'., razão pela qual seus ensinos assinalam claramente o caminho moral e espiritual que devem trilhar.

Próximo número: XVIII - O Aprendiz Maçom

O autor



Nasceu em 30 de dezembro de 1951
Iniciado na Maçonaria em 2 de março de 2004 e, atualmente, detém o 33º grau da REAA.

Profissional:

- Médico
- Título de Especialista em Ginecologia e Obstetrícia
- Mestre em Ginecologia

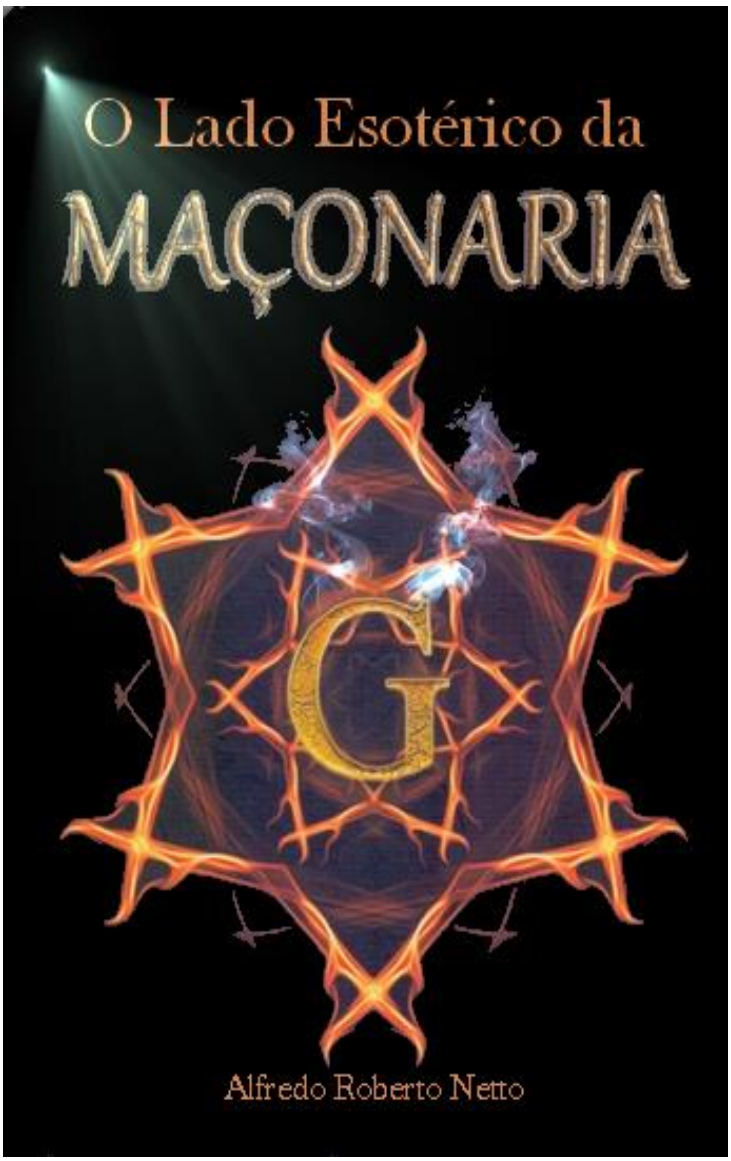
- Doutorando em Ginecologia;
- Foi Professor Voluntário da Cadeira de Obstetrícia da Faculdade de Medicina do ABC (Sto. André/São Paulo/Brasil) do ano 2012 ata o 2022
- Título de Especialista em PTGI – Patologia do Trato Inferior Feminino
- Título de Especialista em Medicina Legal

Maçônico:

- Obreiro da ARLS Amenhotep IV
- Membro fundador da AMEM – Associação de Médicos Maçons (2.012)
- Atual Presidente da AMEM – Associação de Médicos Maçons

Livros publicados:

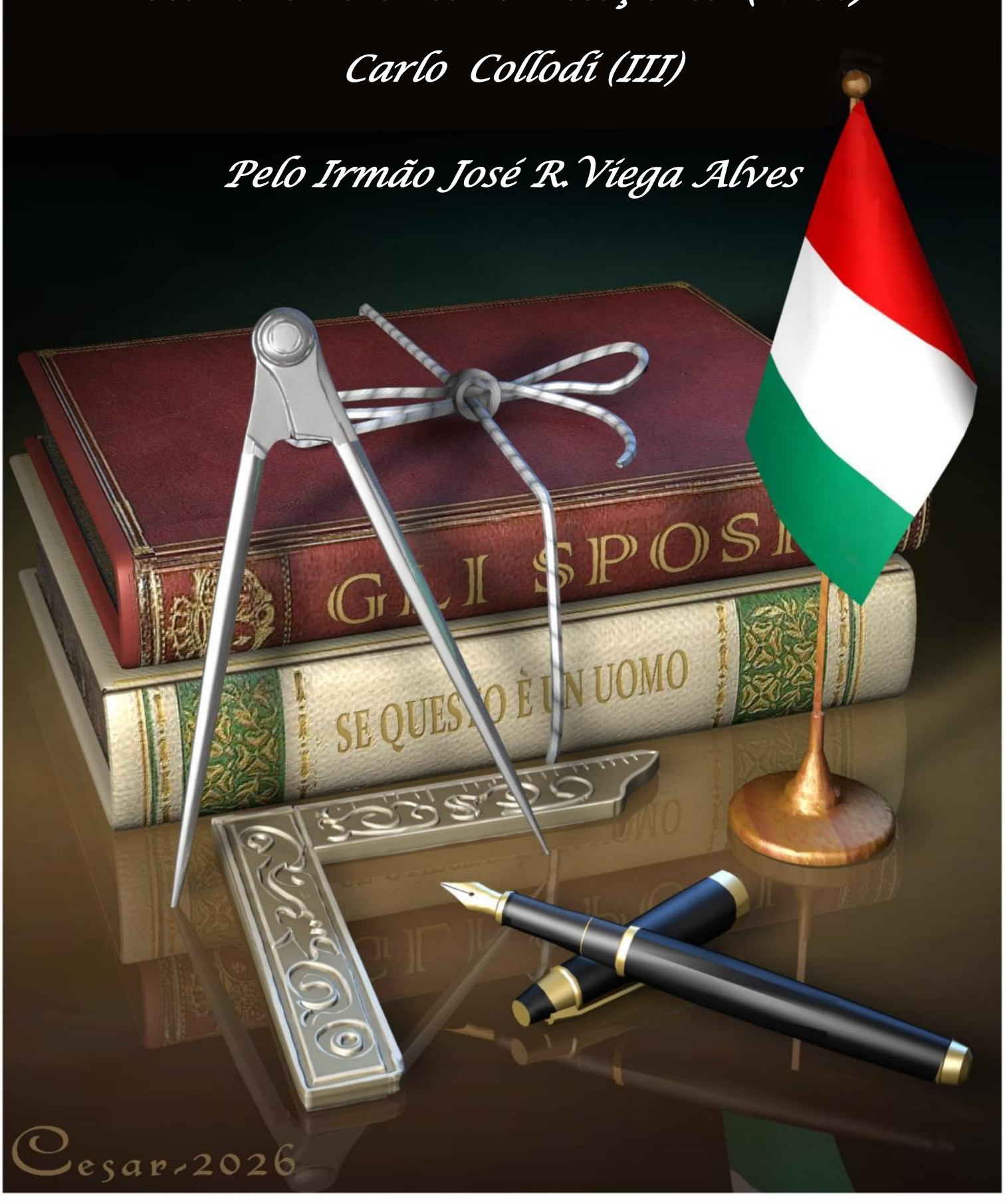
1. Um Estudo sobre a Fisiologia da Alma;
2. Em busca da libertação;
3. Viver entre Duas Vidas;
4. O Passe à Luz do Espiritismo;
5. O Lado Esotérico da Maçonaria;
6. A Doutrina Espiritualista de Caxinguelê.



Escritores famosos da Itália e que também eram maçons (VII)

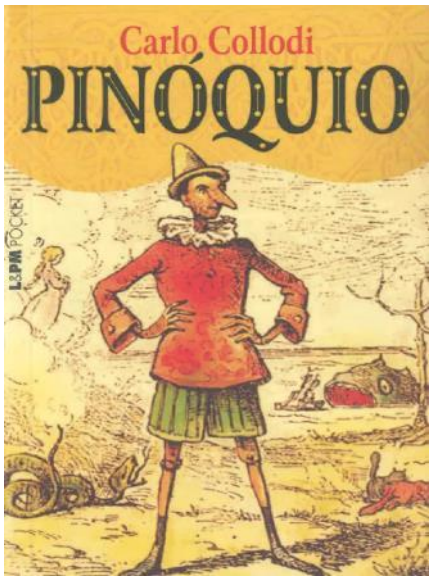
Carlo Collodi (III)

Pelo Irmão José R. Viega Alves



Carlo Collodi (III)

As Aventuras de Pinóquio: um resumo



Seguramente a história do boneco Pinóquio é uma das mais conhecidas a nível global, haja visto que o livro é considerado uma obra clássica da literatura infantojuvenil. Ainda que, pelo fato de ser muito difundida, supor que a maioria dos leitores a conhece bastante não corresponde ao que podemos chamar de verdade verdadeira. Sim, muitos ouviram-na como uma historinha contada lá na sua infância e lá ficou, ou mais tarde, pela via da literatura ou do cinema, o que imprimiu as maiores lembranças.

E por falar em cinema, a história do boneco de madeira chamado Pinóquio considerada como a mais difundida é, sem dúvida, aquela que o cinema de animação dos estúdios Disney se encarregou de transmitir ao público, numa versão bem açucarada, não obstante, a mais formativa.

O Pinóquio original (1883) criado pelo escritor Carlos Collodi (ou Carlo Lorenzini, seu nome verdadeiro) era um personagem bem mais complexo. Ele era rebelde, egoísta, teimoso, irresponsável, ao mesmo tempo que por ser ingênuo se deixava manipular e era alvo constante dos malandros, das pessoas cruéis, além de outros seres abomináveis.

No fundo do seu coração Pinóquio carregava a vontade de ser um bom menino, querendo agradar o seu pai Geppetto, querendo agradar a Fada Azul, mas, até que cumprisse toda uma jornada que o levaria ao seu amadurecimento, ele se debateu em muitas contradições.

Visando nossos propósitos, no decorrer deste trabalho focaremos na história e no seu personagem principal Pinóquio para conhecê-la, sobretudo, sob a ótica do seu simbolismo filosófico e iniciático. É importante que saibamos: o estudo dessa obra nesse sentido começou muito cedo, sendo que, a partir do século XX ganhou ênfase a conotação maçônica em razão da sua riqueza em símbolos e significados ocultos.

E por que não refrescarmos nossas memórias com relação à história do boneco Pinóquio também? Até porque, dizer que conhecemos a história somente pelo fato de sabermos associar a imagem do boneco com aquela peculiaridade sua de que, cada vez que incorria na mentira, o seu nariz crescia, convenhamos, é muito pouco. Na história há outros tantos personagens interessantes, situações inusitadas, mensagens que se encontram ocultas nas entrelinhas...

A história pretende narrar toda uma trajetória do boneco Pinóquio com seus erros e acertos até conquistar a sua madurez, o que passa pelas transformações, pelas contradições, os tipos de dificuldades e obstáculos que se interpõem nessa fase da vida. E não seria arriscado dizer que, essa história toca fundo em todos nós, porque em algum momento ou outro, por mais metafórica que seja a mensagem, ela nos atinge em cheio.

E para podermos contar essa história de uma forma resumida doravante, antes de tudo é preciso que levamos em conta: o livro "As Aventura de Pinóquio" se aproxima de uma média das 200 páginas em sua versão integral (há livros com bem menos e até bem mais páginas, dependendo da editora). Para resumirmos, ou melhor, para fazermos um *resumo muito sucinto* (o tipo da redundância que serve para dar ênfase ao resumo que se pretende fazer) da história de Pinóquio, com o intuito principal de recuperar informações de há muito soterradas em nossas memórias, e servir de reforço para o outro tipo de leitura de leitura que é a que faremos também à luz do simbolismo esotérico-maçônico-filosófico, ou seja, interpretá-lo não somente como o

romance infantojuvenil que é, mas, também como uma profunda alegoria que representa o ser humano em seu desenvolvimento moral, social, espiritual e intelectual.

Para isso, contamos a história com uma dupla finalidade, mostrando o lado do romance de formação, e o lado de um relato de iniciação, não esquecendo-nos da classificação descrita acima de um *resumo muito sucinto*. Visando tranquilizar o leitor, após a contação dessa história, ainda aparecerão alguns comentários e complementações ao texto.

Eis a história:

A história começa com Geppetto. Este era o nome de um carpinteiro que vivia uma vida bastante solitária e que certo dia resolveu criar um boneco de madeira para fazer-lhe companhia. (alguns estudiosos comparam Geppetto com uma espécie de **demiurgo**[1], termo utilizado no platonismo)

Após dar por terminada a sua criação, ele deu ao boneco o nome de Pinóquio, e no seu íntimo lamentava profundamente o fato de que o boneco não pudesse falar.

À noite, antes de dormir ele vê uma estrela muito brilhante no céu (a estrela tem sido interpretada ou é vista como o símbolo da Divina Providência e a **Estrela Flamígera**[2] dos Maçons, que é uma estrela de primeira grandeza) e realizou um pedido: que Pinóquio se tornasse um menino de verdade. E ele é atendido: naquela noite a Fada Azul desceu do céu para dar vida ao boneco e torna-lo capaz de andar e falar.

Antes de desaparecer, a fada recomendou ao boneco para que ele fosse corajoso, generoso e usasse da sinceridade sempre, assim, poderia um dia se tornar um menino de verdade. (corajoso, generoso e sincero são virtudes a ser cultivadas pelo Maçom em seu processo iniciático)

Quando acordou no dia seguinte, o velho Geppetto percebeu que o boneco havia sido contemplado com o dom da vida. A princípio chegou a pensar que era somente um sonho, mas, depois de um tempo transcorrido quando constatou que era tudo real, quase explodiu de tanta felicidade.

Depois de ter visto com seus próprios olhos seu sonho realizado, Geppetto decidiu que ia tratá-lo como um filho, a partir dali.

E logo, logo, resolveu que a primeira coisa a ser feita era matriculá-lo numa escola.

Passado um tempo, agora já frequentando a escola, Pinóquio, deu mostras de que não estava se sentindo nenhum pouquinho atraído pelos estudos. Não bastasse isso, sendo um boneco de madeira que ganhara vida, começou a sentir-se diferente dos outros meninos de verdade.

Foi a partir daí que começou a se mostrar impulsivo, a desrespeitar os mais velhos, a se meter em confusões e a mentir com o intuito de encobrir seus erros, só que, cada vez que acontecia de estar pregando uma mentira o seu nariz crescia. (a ideia de C. Collodi para denunciar essa que é a negação da verdade ou a falta de honestidade, é bastante inteligente, eis que, há que se considerar, sobretudo, que a história estava dirigida

[1] **Demiurgo** (grego, δημιουργός, demiourgos) significa "o que trabalha para o público, artífice, operário manual". No Platonismo, na obra Timeu de Platão, o Demiurgo é um artífice divino e benevolente. No Gnosticismo, nos textos gnósticos dos primeiros séculos do cristianismo, o Demiurgo ganha uma conotação negativa. (fonte: google)

[2] **Estrela Flamígera**: É o astro que ilumina a Loja de Companheiro, figura acima do pedestal do 2º Vigilante. Representa a sublimidade da luz, uma vez que sua luminosidade é de primeira grandeza, muito superior ao Sol. (Girardi, 2008, Pág. 186)

basicamente para o público infantojuvenil, ou seja, para indivíduos em estágio de desenvolvimento ainda) A ideia do nariz crescendo, portanto, e funcionando como um castigo é, talvez, o grande achado de C. Collodi, tanto que, parece que o universo inteiro passou a se utilizar dessa poderosa metáfora.

Além de Geppetto que aconselhava Pinóquio sempre, dentro da sua oficina vivia um Grilo Falante, que por sua vez também cuidava de orientar e de dar conselhos a Pinóquio sobre a importância de ser obediente, ser bondoso, de aproveitar para aprender o que lhe era ensinado na escola e, principalmente de saber separar o que era certo do que era errado.

O Grilo Falante, evidentemente, exerce nessa história o papel da consciência de Pinóquio, ou seja, uma espécie de voz da razão, que está ali para ensinar-lhe a seguir na trilha do melhor caminho para o seu amadurecimento, e assim, poder chegar a ser um menino de verdade. (na primeira versão da história em folhetim, na qual Pinóquio era mais tosco e estúpido, versão que difere bastante da animação para o cinema, Pinóquio se irrita com os conselhos do Grilo Falante e joga um martelo de madeira que acaba esmagando-o contra a parede. E na compilação e expansão da história que havia sido publicada em folhetim e veio depois por insistência do público e do seu editor a ter continuidade, a morte do Grilo Falante é mantida. Portanto, somente no filme da Disney é que o Grilo é mantido vivo.) (Ainda: simbolicamente ou maçonicamente, o Grilo Falante quando procura mostrar a Pinóquio a diferença entre o bem e o mal, está refletindo o trabalho do Maçom que busca dominar suas paixões)

Um belo dia, enquanto se deslocava para a escola, Pinóquio acabou se topando com a Raposa e o Gato, na verdade eram dois malandros astutos. Os dois com sua conversa fiada, não demoraram muito para enganá-lo e convencer-lhe sobre uma maneira fácil de conseguir dinheiro e prestígio.

Pinóquio movido pela curiosidade e pelo desejo de aventuras seguiu junto com eles até chegarem a um teatro. Era um teatro de marionetes cujo dono era o Sr. Stromboli, que ao conhecê-lo percebeu ali um alvo em potencial, eis que, um boneco que conseguia se mover sem o auxílio de fios certamente já era uma garantia para aumentar sua fonte de rendas.

Após ter se apresentado pela primeira vez no teatro, Pinóquio não imaginava o que iria vir em seguida: ele foi colocado numa gaiola pelo Sr. Stromboli.

Triste por estar confinado na gaiola Pinóquio recebeu a visita da Fada Azul. Ela lhe perguntou sobre o motivo dele não ter ido à escola, ao que ele respondeu que havia sido atacado e levado à força para aquele teatro. O nariz de Pinóquio imediatamente começou a crescer e só aumentou à medida em que as palavras saíam pela sua boca. A Fada olhando em seus olhos disse-lhe então que, sempre iria saber quando ele estivesse mentindo, pois, o seu nariz cresceria.

Pinóquio se arrepende, confessa tudo e pede desculpas à Fada. Depois promete que não iria mais se meter em confusão. Ela percebendo que ele estava dizendo a verdade sobre o acontecido, ato seguinte usa de sua varinha mágica para fazer com que o nariz dele volte ao normal e depois liberta-o da gaiola.

Passado um tempo, Pinóquio novamente se viu metido em uma enrascada. Como sempre, tentado a vadiar, dessa feita foi atraído por um tal de Cocheiro que costumava convencer meninos malcomportados sobre a existência de um lugar onde poderiam fazer o que quisessem. Nesse lugar chamado de Ilha dos Prazeres, não existiam autoridades e muito menos consequências punitivas.

Tendo por companheiro um outro menino de nome Lampwick, tão rebelde quanto ele, e ignorando como de costume, os vários avisos do Grilo Falante, ele decidiu ir para aquele lugar.

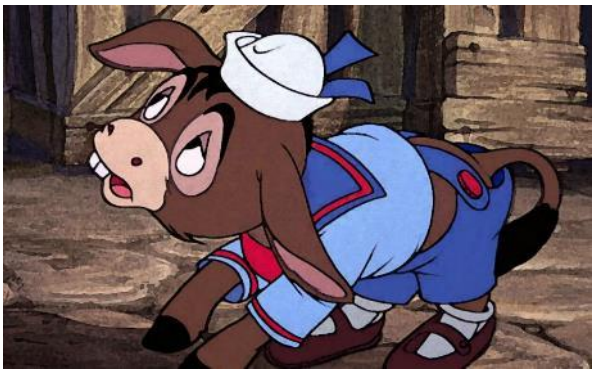
A Ilha dos Prazeres era uma espécie de parque de diversões, só que, amaldiçoado. Os meninos logo encontravam guloseimas de todo tipo à disposição, uma variedade de jogos e havendo interesse deles poderiam até fumar ou beber, além, é claro, de brincarem o tempo que desejassem. Mas, por trás disso havia um propósito bem maior e muito sinistro: fazer com que essas crianças, transcorrido um tempo, perdessem de vez suas identidades, perdessem sua humanidade e se transformassem em burros. Durante as transformações pelas quais elas iam passando, iam ganhando orelhas e rabos. Ao final, as crianças eram vendidas para serem utilizadas como mão de obra escrava nas minas e nas fazendas.

Como a ilha era repleta de atrações, logo os dois se sentiram muito à vontade para explorarem o lugar. Depois de haverem percorrido algumas ruelas, Pinóquio foi tomado pela estranha sensação de que havia algo mais no ar, mas, ainda assim, resolveu seguir em frente puxado que foi por Lampwick.

Quando a noite começou a tomar conta da ilha, Pinóquio ficou observando os meninos em seu redor até notar que, se antes eles estavam se divertindo e rindo muito, agora pareciam estar cansados e assustados.

E o que ele viu em seguida, o fez paralisar momentaneamente: alguns daqueles meninos estavam se transformando em burros, sim, e bem do seu lado Lampwick estava perdendo sua forma humana, e ele seria o próximo. Aliás, já estava começando a acontecer com ele também.

Apavorado, Pinóquio mal pôde sussurrar um adeus e ato seguinte desandou a correr o mais rápido que pôde escolhendo os caminhos onde havia mais sombras, ansioso para poder escapar dali. Quando resolveu olhar para trás pôde ver que havia uma manada em seu encalço.



Pinóquio correu muito até encontrar o caminho que o levou de volta à praia. Ainda com o coração a mil conseguiu chegar até um pequeno barco e remou de volta para casa em plena noite. Suas orelhas de burro aos poucos iam desparecendo.

De dentro do barco, vendo a ilha que ia ficando cada vez mais distante lá atrás, Pinóquio jurou que não cederia mais às tentações que surgisse à sua frente.

Só que, ao descobrir que Pinóquio tinha sido capturado pelo Cocheiro e levado para a Ilha dos Prazeres Geppetto foi tomado pelo desespero: pegou o seu barco e remou mar adentro com o objetivo de resgatá-lo. Porém, não conseguiu ir muito longe, naufragou logo depois e foi engolido pela baleia gigante.

Quando Pinóquio chegou finalmente à sua casa descobriu que Geppetto não estava mais lá e decidiu ir de atrás de seu pai, mesmo que enfrentando os perigos do mar, mas, também acabou naufragando e foi engolido pela mesma baleia. (esse acontecimento à luz do simbolismo maçônico, ou seja, a descida ao interior da baleia, tem sido interpretado como a descida para a câmara de reflexão, a prova da terra para o candidato em sua iniciação maçônica)

Depois de muito tatear, Pinóquio reencontrou seu pai. Sabendo que era preciso saírem urgentemente dali, bolam um plano. O plano envolve o acendimento de uma grande fogueira, a qual será feita ao juntarem um pouco dos destroços de embarcações e pedaços de madeiras encontrados ali mesmo dentro do estomago da baleia, e que, quando acesos iriam fazer muita fumaça. Dito e feito, a partir do momento em que as chamas

tomaram vulto e a fumaça se adensou a baleia começou a tossir de maneira incontrolável, até que espirrou fortemente, o que fez com que fossem expelidos dali. (Sair de dentro da baleia, pode ser interpretado do ponto de vista simbólico, como um renascimento)

Pinóquio acabara de arriscar a sua própria vida, fazendo de tudo para poder resgatar seu pai da barriga da baleia e conseguira. Depois da baleia devolvê-los ao mar, Pinóquio não mediu esforços também em ajudar o seu pai a chegar à praia. Quando a alcançaram estavam completamente extenuados.

E foi somente após ter vivido aquilo tudo que Pinóquio conseguiu entender o quanto haviam sido erráticas, sua trajetória e suas escolhas. Agora, após esse reencontro, ele podia entender também a respeito do valor imenso e da força contida em sentimentos como a coragem e o amor para com seu pai.

Pinóquio após todas essas experiências, erros e provações, amadurecera. Passou a valorizar o amor imenso que o seu pai lhe dedicava, assim como, estava apto agora a compreender melhor a respeito da importância do estudo (lembremos que a Itália na época em que Collodi escreveu o livro vivia mergulhada em um profundo analfabetismo) e do trabalho (Pinóquio trabalhou por um bom tempo depois para sustentar Geppetto enquanto ele se recuperava), pois, através deles alcançaria a libertação e a realização.

E a Fada Azul percebendo o quanto Pinóquio tinha amadurecido, transformou-o então em um menino de verdade.

Comentários

Falemos um pouquinho sobre o resumo "esforçado" que acabou de ser apresentado ao leitor: pode que este resumo não tenha sido aquela espécie de resumo ideal para alguns, mas, o propósito era fazer aquilo que é o mais simples a se fazer num resumo, ou seja, torná-lo puramente informativo. O foco nunca esteve longe de dizer o que o autor do livro já havia dito.

"As Aventuras de Pinóquio" não é uma obra fácil de ser resumida. Há dificuldades do tipo, não escorregar do resumo para a resenha, mas, principalmente, dado à quantidade de versões que existem no mercado, afinal é uma das obras mais traduzidas e adaptadas no mundo, é de se deparar com algumas das versões bastante diferentes. Além do mais, o cinema montou e difundiu versões que diferem bastante também. Como já sabemos também, a versão da Disney Estúdios é mais conhecida que a história que o livro original conta. Difícil ser conciso, mas, vamos nos conformar com a ideia também, de que um resumo não precisa ser tão somente uma redução mecânica do texto original.

O escritor e crítico literário italiano Giorgio Manganelli é o autor do livro "Pinóquio: um livro paralelo", livro no qual ele busca mostrar (conforme o título por si só faz adivinhar) que a aventura do boneco de madeira na verdade esconde várias outras histórias. E como esconde!

Não posso negar, estou sugerindo a leitura desse livro sim, pois, é um livro de muitas descobertas já que parece ser, de longe, o livro que mais dissecou a obra sem deixar passar nada. Sim, G. Manganelli buscou e conseguiu provar que aquilo que pode ser uma simples fábula de fundo moralista para alguns, na verdade, esconde uma outra história paralela, essa última muito mais profunda e rica em mensagens filosóficas e simbólicas.

As aventuras de pinóquio: ritual de passagem, viagem iniciática e paralelismos maçônicos?

Para alguns estudiosos, a trajetória que o personagem Pinóquio cumpre na história tem sido comparada com um ritual de passagem num sentido mais clássico (até porque, o conceito de ritual de passagem pode ser mais ampliado): o personagem passa de uma fase de completa imaturidade e irresponsabilidade (considerando

seus atos e suas atitudes) para uma fase de maturidade e responsabilidade, o que está simbolizado pela transformação que irá se operar nele: um boneco de madeira no começo da história, provações e um renascimento, quando passará então a ser um menino de verdade ao final.

Para outros (a história vem sendo explorada sob variadas óticas) a descrição ou comparação é feita no que se refere a uma jornada iniciática.

Como foi possível detectar durante as leituras e as pesquisas realizadas, algumas expressões ou assemelhadas a exemplo de "ritual de passagem" e "jornada iniciática", são de fato as mais utilizadas quando se pretende classificar a história focada sob a ótica dos adultos. Não, que sejam muito diferentes, porém se pode dizer que: toda jornada iniciática é um tipo de ritual de passagem, mas nem todo ritual de passagem é uma iniciação. A diferença residiria então na profundidade e na natureza da transformação operada no indivíduo. Ou quem sabe não seria um rito de passagem por meio de uma jornada iniciática?

Vejamos algumas das muitas classificações e opiniões sobre a natureza da história de C. Collodi, "As Aventuras de Pinóquio":

- Δ conto iniciático disfarçado de fábula infantil
- Δ um clássico ritual de passagem
- Δ romance de formação (**bildungsroman**[3])
- Δ utilização de metáforas que dialogam com correntes filosóficas e esotéricas
- Δ uma história narrativa simples para ser desfrutada por todos, mas, com um significado oculto reservado àqueles que sabem
- Δ profunda alegoria sobre amadurecimento e moralidade
- Δ a jornada do boneco de madeira para representar o desenvolvimento espiritual e moral humano

E cada uma destas definições pode ser aplicada à história, em algum momento, em alguma passagem, em alguma das entrelinhas alguém percebeu ou interpretou-a assim.

Quando a referência é sobre um ritual de passagem clássico, a definição é feita em função das etapas que ocorrem durante o desenvolvimento da história: a separação causada pelo boneco ao desobedecer ao seu dono, a fuga de casa e o período em que sofre isolamento e provações (um momento de aprendizado e de transformações), quando também fica à mercê de todo o tipo de perigos, seja passando fome, sofrendo ameaças, sendo iludido, enclausurado e punido de diferentes maneiras. Depois de passar por tudo isso ele dá provas de que amadureceu, se transformou e "renasceu". Renasceu e a partir daí é capaz de assumir reponsabilidades (reintegração à sociedade).

Vamos buscar um paralelismo na Maçonaria e mais especificamente quando da Iniciação maçônica: na Maçonaria, ela simboliza um nascimento para uma nova vida; ela representa a passagem do candidato de uma condição de ignorância (de trevas) para a busca do autoaperfeiçoamento moral, intelectual e espiritual (a luz.) Simbolicamente, a iniciação maçônica é cumprida pelo candidato através de estágios: há um momento de rompimento com o mundo exterior onde ele cumprirá um período de isolamento numa câmara para refletir sobre si mesmo. Haverá provações e viagens simbólicas pelos quatro elementos (terra, água ar e fogo) representando purificações dos vícios. No final ele fará seu juramento selando assim seu compromisso para com a Maçonaria.

[3] **Bildungsroman** (do alemão: Bildung (formação, educação) e Roman (romance). O romance de formação costuma abordar temas como o desenvolvimento psicológico e moral, a perda da inocência, os conflitos íntimos, entre outros, acompanhando de perto a jornada do protagonista desde sua infância até a maturidade. (fonte: google)

Voltando à história de Pinóquio: quando da sua publicação pela primeira vez em folhetim: um final trágico havia sido reservado para o boneco, pois, na visão de Collodi isso iria servir de lição para as crianças que não obedeciam aos seus pais.

Mas, o sucesso obtido junto ao público foi imediato e, Collodi sofreu uma intensa pressão desse mesmo público e de seu editor para que desse continuidade à história, o que fez com que mais tarde ele acabasse cedendo, concordando em mudar o final e ainda expandir a história. Os objetivos de natureza pedagógica do seu plano original, de certa forma, foram mantidos, mas, acréscimos foram feitos.

O ensaísta e escritor italiano Giovanni Malevolti, escreveu um ensaio intitulado *Pinocchio, mio Fratello* **(**Pinóquio, meu Irmão), de onde extrairemos a seguinte passagem:

> *"Na minha opinião, há duas maneiras de ler 'As Aventuras de Pinóquio': a primeira, podemos chamá-la de 'profana', na qual o leitor, certamente uma criança, toma consciência daquelas que eu chamaria de 'desventuras' mais do que aventuras, do pobre boneco de madeira. A segunda é uma leitura do ponto de vista maçônico, onde um forte simbolismo complementará, sem substituir, a narração simples e linear dos acontecimentos."*

Na sequência do seu ensaio, Malevolti seleciona várias situações que ocorrem no livro de C. Collodi, buscando assim analogias e referências com o simbolismo maçônico. Antes, Malevolti faz referências a alguns eventos biográficos sobre Carlo Collodi, utilizando-se, inclusive, das conclusões do historiador Aldo Mola, sobre as quais já tomamos conhecimento no capítulo anterior.

Vejamos algumas das correspondências apontadas por Malevolti entre a história de Pinóquio e o simbolismo maçônico:

> *"Analisando toda a estrutura do livro, verifica-se que ele é construído sobre três elementos fundamentais: LIBERDADE, porque Pinóquio é um ser livre e que ama a liberdade; IGUALDADE, porque a única aspiração de Pinóquio é ser igual aos outros e porque nenhum personagem é superior aos outros, seja em importância ou em nível social; IRMANDADE, porque este último é o sentimento principal que faz os personagens agirem nas mais diferentes situações. (...) Mas quantas outras provas baseadas na tríade ar-água-fogo ele terá de enfrentar?!?! Ele corre o risco de ser queimado no churrasco do* ***Come-Fogo***[4] *ou de se queimado pelo fogo aceso pelos assassinos (o Gato e a Raposa), flutua no impetuoso vento transmontano pendurado no* **Grande Carvalho**[5]*, balança-se em cima de um pombo, mergulha no mar para alcançar seu pai, será lançado ao mar sob a forma de um burrinho para ser afogado, e como ele superará essas provas após algumas faltas devido às iscas da vida profana, essas provas assumem uma função purificadora e, de fato Pinóquio sairá de cada uma dessas provas cada vez mais fortalecido e melhorado."*

[4] **Come-Fogo**: na história original, o diretor e mestre de marionetes é o Come-Fogo (Mangiafuoco, em italiano). Na adaptação da Disney para o cinema realizada em 1940, ele recebeu o nome de Stromboli. Além disso, na obra original, Pinóquio se apresenta em seu teatro e faz um enorme sucesso, mas, depois do espetáculo comunica Come-Fogo que quer voltar para casa. Come-Fogo fica furioso tranca Pinóquio em uma gaiola e diz que vai usá-lo como lenha quando for preparar um carneiro para o seu jantar. O Come-Fogo da obra original, no entanto, é alguém que apesar da aparência rude tem um bom coração. Já o Stromboli da versão da Disney é alguém muito cruel e ganancioso. (fonte: Google)

[5] **Grande Carvalho):** o Grande Carvalho (ou *Quercia Grande*) é a árvore onde Pinóquio é enforcado pela Raposa e pelo Gato na história original. Quando a história foi publicada em folhetim, essa era a cena final. Um fim trágico para um personagem rebelde, onde o autor teve a pretensão de emitir uma espécie de alerta às crianças que se comportassem mal e fossem desobedientes para com seus pais. O final acabou por causar verdadeira comoção nos leitores, sendo tantos os apelos para dar continuidade à história e mudar o seu final que C. Collodi acabou cedendo e dando-lhe continuidade. (fonte: google

G. Malevolti finaliza seu ensaio com o seguinte parágrafo:

> *"Na última frase do romance que Collodi faz Pinóquio pronunciar, encontramos concentrado o orgulho de ser iniciado como Maçom: "Como eu era ridículo quando era um fantoche! E como estou feliz por ter me tornado um bom menino!"*

O escritor Giovanni Malevolti em seu ensaio deduz que as aventuras do Pinóquio se referem a uma jornada transformação pessoal, usando também os conceitos e iluminação e iniciação, que são próximos da Maçonaria.

Além do mais, faz supor que o autor Carlo Collodi se utilizou de uma história infantil para transmitir de uma forma velada, muito dos ideais maçônicos.

A verdade é que há muito para se descobrir com a leitura deste livro que não só resiste aos tempos, mas, que continua atual em vários aspectos pelos temas que aborda, e que se nos remetermos à época em que foi gestado haveremos de convir que ele era simplesmente revolucionário e vale ser considerado muito além de uma simples fábula dirigida às crianças, tanto que, do ponto de vista da crítica literária já foi dito também que, esse livro transcende uma classificação de romance infantojuvenil, já que se constitui também numa severa sátira social e política com referência a uma Itália que recém havia sido unificada, refletindo em suas páginas, a pobreza extrema, a fome e a necessidade de educação.

Comentários finais

Todas as informações que foram reunidas para a construção deste trabalho a respeito da obra "As Aventuras de Pinóquio" não chegam nem perto de se constituir naquilo que poderia ser considerado uma radiografia em seu sentido de completude.

Há uma infinidade de artigos, ensaios, vídeos, abordando a obra em si, seja sob uma ótica literária, esotérica, maçônica, educacional, entre outras.

Por isso a indicação de alguns autores que se aprofundaram e conseguiram mostrar muito mais, o que servirá ao leitor Maçom interessado em buscar mais. "As Aventuras de Pinóquio", lida e relida parece não deixar dúvidas para os Maçons de que quanto mais nos aprofundarmos no assunto mais certezas teremos de que ela é abundante em passagens que são familiares, chanceladas maçonicamente por aqueles que sabem.

Portanto, o assunto não teria como ser esgotado, e aqui neste trabalho ele é mais um complemento para que conheçamos melhor esse grande escritor italiano que construiu uma verdadeira obra-prima, Carlo Lorenzini (o Carlo Collodi), um Maçom para ser lido e relido.

No próximo capítulo: Salvatore Quasímodo

O Autor

José Ronaldo Viega Alves

Nascido em 24.07.1955, em Sant'Ana do Livramento, Rio Grande do Sul, Brasil.

Iniciado na Loja Saldanha Marinho, "A Fraterna" (Rio Grande do Sul, Brasil/ Fronteira com a cidade de Rivera, Uruguai, a "fronteira mais irmã do mundo"), em 15 de julho de 2002, elevado em 6 de outubro de 2003 e exaltado em 25 de abril de 2005.

Atualmente está colado no Grau 32 do R.·.E.·.A.·.A.·.

Escreve para revistas e informativos maçônicos e tem vários livros publicados, entre eles:

- "Maçonaria e Judaísmo: Influências? – Editora Maçônica "A Trolha" Ltda. 2014
- "O Templo de Salomão e Estudos Afins" – Editora Maçônica "A Trolha" Ltda. 2016
- "A Arca da Aliança nos Contextos: Bíblico, Histórico, Arqueológico, Maçônico e Simbólico" – VirtualBooks Editora e Livraria Ltda. 2017
- "As Fontes Bíblicas e suas Utilizações na Maçonaria" – Editora Maçônica "A Trolha" Ltda. 2017
- "O mestre secreto Grau 4 (Leituras Simbólico – Esotéricas) – Editora Maçônica "A Trolha" Ltda. 2022

Contato: ronaldoviega@hotmail.com/

Polêmicas para livre pensadores

A vaidade dos maçons, em verdade de muítos 'mauçons'

Pelo Irmão Aquilino R. Leal

O M.·.I.·. Aquilino R. Leal é oriundo de Zamora (Espanha), mas mora no Brasil (Lima Duarte — Minas Gerais) desde dezembro de 1952.

Engenheiro electricista e profesor universitario, está aposentado.

Foi iniciado na Maçonaria em 03 de Setembro de 1976, elevado ao grau de Compaheiro em 28 de Abril de1978 e exaltado a Mestre em 23 de Março de 1979. Em 05 de Julho de 1988 sentou no Trono de Salomão.

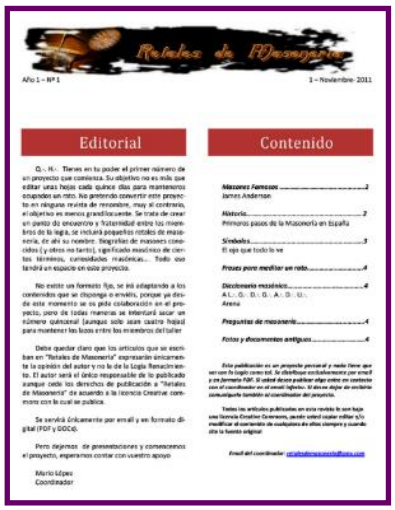
O M.·. I.·. Aquilino R. Leal foi fundador das lojas Septem Frateris 95 (Rio de Janeiro) em 10/08/1983 e Stanislas de Guaita 165 (Rio de Janeiro) em 20/06/2006. Ambas trabalhando no REAA.

Podem entrar em contato com ele através do endereço: aquilinoapolo@gmail.com

Fato:

Que tal relembrar Eclesiastes 12:1-8[1], em especial 12:1-7?

[1] Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais venhas a dizer: Não tenho neles contentamento; [2] antes que se escureçam o sol, e a luz, e a lua, e as estrelas, e tornem a vir as nuvens depois da chuva; [3] no dia em que tremerem os guardas da casa, e se curvarem os homens fortes, e cessarem os moedores, por já serem poucos, e se escurecerem os que olham pelas janelas; [4] e as duas portas da rua se fecharem por causa do baixo ruído da moedura, e se levantar à voz das aves, e todas as vozes do canto se baixarem; [5] como também quando temerem o que está no alto, e houver espantos no caminho, e florescer a amendoeira, e o gafanhoto for um peso, e perecer o apetite; porque o homem se vai à sua eterna casa, e os pranteadores andarão rodeando pela praça; [6] antes que se quebre a cadeia de prata, e se despedace o copo de ouro, e se despedace o cântaro junto à fonte, e se despedace a roda junto ao poço, [7] e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu. [8] Vaidade de vaidade, diz o Pregador, tudo é vaidade.


Retales de Masonería

Editorial

Contenido

Merece especial atenção o versículo [8]: ***Vaidade de vaidade, diz o Pregador, tudo é vaidade***. Justamente esse o versículo a inspirar esta crônica, ou polêmica se você preferir, mas antes uma pequena retrospectiva...

A RETALES DE MASONERÍA é um orgulho para a Ordem por existir um periódico dessa estirpe. Com esta são 136 publicações mensais, quase 12 anos de atividade[2]! Será que alguma revista eletrônica atingiu tal marca? Uma criação imortal e mensal de um tenaz irmão: Mario Rico Lopez que, em novembro de 2011, tornava realidade **RETALES DE MASONERÍA** – ao lado fac-símile da primeira página, das quatro, do embrião: um sublime momento.

Se por um lado a Ordem se sente orgulhosa por existir **RETALES DE MASONERÍA**, escrever para a revista, confesso, dá certa pitada de vaidade!

Judas vs. Jesús: El engaño

Polémicas para librepensadores:
Judas vs. Jesús: el engaño

POLÉMICA PARA LIVRES PENSADORES estreou no nº 25, abril de 2013, com JUDAS VS. JESÚS: EL ENGAÑO: o primeiro artigo polêmico em espanhol! E hoje estamos no centésimo decimo primeiro artigo da série[3].

Fique claro que já tínhamos participado em algumas publicações maçônicas, em particular na extinta e saudosa FOLHA MAÇÔNICA, criação semanal de outro tenaz e persistente irmão, **Robson** de Barros Granado cujos nossos caminhos se cruzaram de forma curiosa.

Robson de Barros Granado, iniciado em 11/10/1997 no Rio de Janeiro, cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, tendo como padrinho o mano José Amaral **Argolo**, também do quadro da Loja Stanilas de Guaita (G∴L∴M∴E∴R∴J∴ - Grande Loja Maçônica do Estado do Rio de Janeiro, Brasil).

1 Bíblia Sagrada, tradução de João Ferreira de Almeida.

2 Atualizando: são 182 publicações mensais e algo por volta de 15 anos já que estaremos em 2026 quando a crônica for publicada. [Nota de Aquilino R. Leal, em 06/2025]

3 Lembramos que o texto foi originalmente publicado na edição nº 136, outubro de 2022 da RETALES DE MASONERÍA, versão em espanhol, cerca de quatro anos depois está sendo publicada a centésima quinquagésima sétima crônica, em verdade polêmica. [Nota de Aquilino R. Leal, em 06/2025]

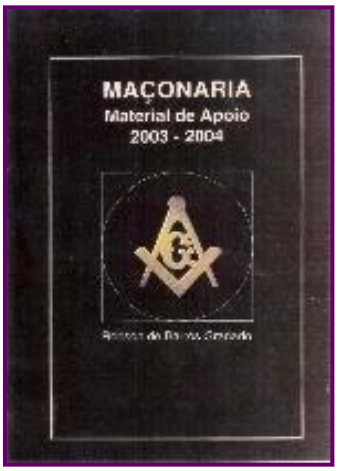
Para tentar explicar como nossos caminhos se cruzaram e até hoje, 2025[4], seguem paralelos, lado a lado, temos de relembrar um pouco de nossa particular e pequena história.

Nos tornamos Iniciados em 03/09/1976 na A∴R∴L∴S∴ União e Progresso nº 41, jurisdicionada à G∴L∴M∴E∴R∴J∴; sete anos depois juntamente com mais seis irmãos, todos os sete egressos da União e Progresso, demos origem à A∴R∴L∴S∴ Septem Frateris nº 95 em 10/08/1983 na qual preenchemos o seu quadro de obreiros até 06/05/97 ocupando inúmeros cargos quando, finalmente, pedimos o desligamento por motivos de ordem particular; continuamos a acompanhar o crescimento da Septem Frateris durante os sete anos (novamente o sete!) em que estivemos, digamos, 'parcialmente sonolentos'.

Sabedor da nossa situação de dormência, o pequeno irmão em tamanho, porém grande de espírito e pureza de alma, Francisco Miranda **Jadson** (um dos fundadores da Loja Filhos da Luz), nos instigou a regularizar nossa situação. Algum tempo depois o fizemos filiando-nos à Loja na qual o V∴M∴ era justamente Robson de Barros Granado, isso exatamente em 03/08/2004. Foi aí que nos conhecemos e estreitamos os laços de amizade que até hoje nos unem!

O mano Robson, também professor universitário, deixava transparecer seus gostos pela leitura, escrita, pesquisa, enfim pela cultura, em especial a maçônica, o que vinha de encontro aos meus também anseios. Início da simbiose!

Com a nossa aposentadoria ao final de 2005 cambiamos de residência e, em consequência, temporariamente afastados da Ordem e do próprio Robson que, naquela época, além de manter a publicação da FOLHA MAÇÔNICA também mantinha vivo o grupo 'Simbolismo Iniciático': http://br.groups.yahoo.com/group/Simbolismo_Iniciatico/[5]. Também temos de mencionar as sua publicações semanais expondo as atividades da Loja[6] quando Robson ocupava a cadeira de Salomão (V∴M∴), além de manter vivo o jornal mensal impresso BOLETIM DA LOJA; tudo isso sem contar os trabalhos paralelos de apoio elaborados pelo Ir∴ Robson de Barros Granado; a figura abaixo mostra a capa de um dos vários trabalhos organizados e totalmente financiados pelo Robson; este trabalho, em particular, abrange seguintes tópicos:



- Glossário do Grau 1 (R∴E∴A∴A∴)
- Glossário Hermético
- Primeiros Princípios de Ensino Cabalístico
- Paralelos entre Alquimia e Maçonaria
- A História da Maçonaria
- História da A∴R∴F∴G∴B∴L∴M∴
- Maçons Famosos.

Tudo isso em 55 páginas, frente e verso[7]!

As atitudes laboriosas do Ir∴ Robson despertaram a cupidez e a invídia de alguns irmãos da Loja que almejavam algum destaque apenas por palavras fúteis, e não por atitudes. Lembrando a máxima de que onde sobram palavras faltam ações, ao Robson não restou outra alternativa, juntamente com vários irmãos de estirpe

4 Em verdade 2026. [Nota de Aquilino R. Leal, em 06/2025]
5 Atualmente descontinuado. [Nota de Aquilino R. Leal, em 06/2025]
6 De título MENSAGEM DA LOJA.
7 Ainda mantemos em nosso poder uma cópia, da qual extraímos a imagem da capa do texto.

similar, fundar a A∴R∴L∴S∴ Stanilas de Guaita nº 165, oriente do Rio de Janeiro, em 20/06/2006 (reparem na coincidência da data: uma Loja que nasceu 'iluminada'!), da qual não nos julgamos merecedores de sermos fundadores honorários.

Com o passar do tempo recebemos de bom grado a incumbência de semanalmente redigir uma 'polêmica' bem a nosso estilo crítico e, sobretudo, polêmico. Nascia a 'POLÊMICA NA FOLHA', hoje sob a responsabilidade da RETALES DE MASONERÍA. Meses depois a coluna '**EU**REKA (**TU**REKA E **NOS**-REKA)' de tudo um pouco e pouco de nada!

Quem nos acompanha até hoje parece que somos operantes! Nós não somos tão operantes como nos podem julgar; nós apenas nos arrastamos lentamente; a maioria dos outros é que é inoperante, eles é que estão parados, acentuando nossa 'velocidade', nossas ações!

O marasmo não é um privilégio de uns (em verdade muitos ou quase todos), nem tampouco da maioria das Lojas, o marasmo inicia pela cúpula onde uma boa parte, para não dizer a totalidade, apenas gosta de se apresentar, de manter falsas aparências, de pisar do cadáver da história da Ordem para assim tentar galgar algum posto maior ou, simplesmente, massagear seu tacanho ego, mostrando os seus 'enfeites de poder' de que estão revestidos: colares, aventais e... Vejam por si próprio nas fotos adiante!

Todas as fotos foram extraídas de periódicos que dizem respeito à Ordem (no caso a G∴L∴M∴E∴R∴J∴ do Brasil). Lindos aventais! Lindos Colares! Mas poucas, poucas ações! Isto quando as há!

Notem a beleza e, sobretudo, a ostentação em todas as fotografias! Essa ostentação não é privilégio deste ou daquele Irmão, desta ou daquela Loja ou mesmo de certa Potência! A fanfarronada é geral!

Quando essas 'vestimentas' ficam confinadas estritamente em nosso meio podemos até entender (haja esforço para entender tal mediocridade!). O que nos é impossível entender quando além desses totalmente fúteis adornos (para a leiga sociedade) também é mostrado o semblante de seu portador como usualmente ocorre nos eventos 'patrióticos' como desfiles, em especial o comemorativo da Independência... As fotos a-baixo não enganam nem nos deixam mentir.

O que não fazem as pessoas para terem seus famigerados quinze minutos de fama!

De que vivemos hoje? De que vive a Ordem na atualidade?

De entrega de diplomas de mérito para quem pouco tem feito; de (hipócritas) homenagens (sempre aos 'famosos'); de muito falatório, de muita inoperância.

Adiante dois registros de entrega de mais 'papel' de pouco valor, muito pouco valor a não ser como primeira higiene do orifício circular corrugado, localizado na parte ínfero lombar da região glútea!

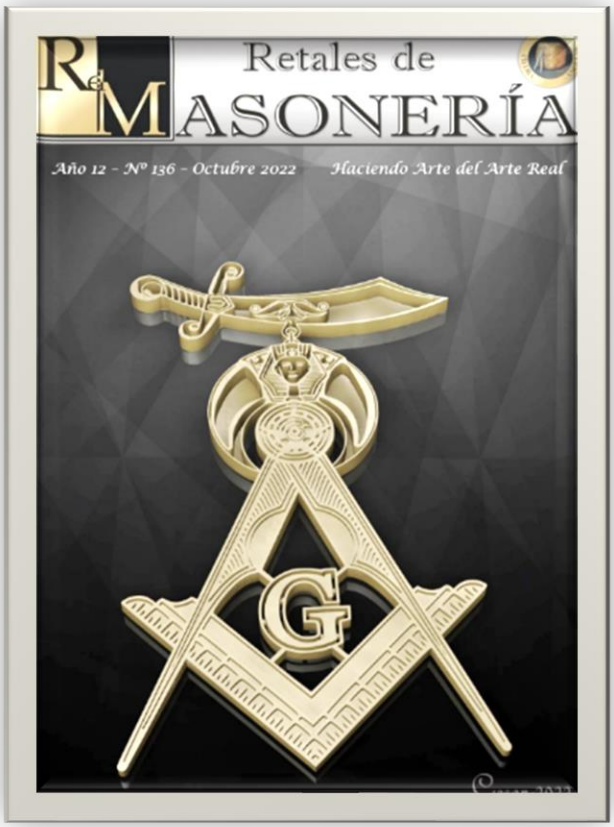
<u>Conclusão</u>: Quando no Grau 1, fizemos uma exposição na qual nos levantávamos contra a ostentação nos aventais e, de forma resumida, concluímos preferir manter-nos com nosso Avental alvo, puro, imaculado, não o trocando por outro qualquer com um monte de 'babilaques' caso tivéssemos de nos comportar como os IIr∴ que o portavam já naquela época!

Hoje, ainda e sempre aprendizes, aprendizes até morrer, mantemos o mesmo ponto de vista! Não é a beleza exterior da vestimenta que compõe a beleza interna. É justamente ao contrário! Aprendam isso seus coiotes!

Socorro! Vinde a mim todos! Esses pilantras, vermes, canalhas, estão 'matando' a Ordem!

"Seja, não apareça" (Michel de Montaigne [1533-1592], filósofo Frances)

Para quem gosta de ler em espanhol: o texto foi originalmente publicado em espanhol, tradução Mario Rico Lopez, na edição nº 136, outubro de 2022, de **RETALES DE MASONEIRA**, fac-símiles abaixo.



Sete cartas ao Aprendiz

Carta 2

Pelo M.·.R.·.I.·. Jonas Dias de Souza

Oriente de São João del-Rei, 19 de março de 2022, da E∴V∴

Caríssimo Irmão Aprendiz Saudações Fraternas.

Dentre tantos outros companheiros eu estava lá sentado na coluna do norte. Quando visitar outra loja que pratique um Rito diferente do Rito Brasileiro, me fale se observou alguma diferença. Estava atento quando recebeu seu avental e um par de luvas. Não pude deixar de lembrar quando passei pelas mesmas emoções. O avental é um símbolo sobre o qual lhe escreverei outra hora. Por hora desejo tão somente lhe chamar a atenção para a necessidade que o maçom tem de se dedicar ao estudo. Adianto que é um trabalho solitário. Embora solitário não é algo que possa se aplicar ao maçom, pois este, desfruta da sempre presente e onisciente companhia do S∴A∴D∴U∴ a lhe guiar os passos. Para isto escute a voz que vem de dentro e do alto. Digamos que é um esforço que você terá que empreender por sua iniciativa. Não se esqueça de contar com a prestimosa da coluna de companheiros. A caminhada intelectual do A∴M∴ deve incluir obrigatoriamente os livros que tratam do simbolismo maçônico, os de filosofia maçônica e ritualística. A história da Ordem Maçônica e da potência á qual está jurisdicionada a loja também, e suas legislações. A experiência mostra que deverás sempre anotar algo que lhe interesse em um pequeno caderno, pois, há um ditado popular que ensina o quanto as palavras voam e os escritos permanecem. Se há um equívoco no qual incorrem muitos que evadem de nossa ordem é a crença numa facilidade em receber os mistérios de nossa ordem. Ouso dizer que receber não é um vocábulo adequado. Investigar e perceber acredito eu, caiba melhor. Através da leitura investigativa caberá a você nos ensinar. Por mais que pareça um exame, o que se chama "Peça de Arquitetura" é na verdade uma aula que recebemos na Loja sobre um assunto de interesse. Agora se lembre de quando era perceptível que o professor não preparava a aula. Jamais deixe isto acontecer, quando o V∴M∴ lhe solicitar que exponha um tema, faça-o, como se estivesse ensinado aos alunos, pois é isto que somos enquanto maçons, alunos nesta escola da vida. Este caminho intelectual lhe mostrará ser de muita gratificação ao final.

Orientações transmitidas, eu intento lhe escrever sobre a "Câmara de Reflexões". Ela é uma sala destinada a acolher como num ventre e num momento de pura alquimia o profano. Há quem diga que ao longo da vida o maçom deveria vez ou outra retornar ali para perceber que é que para onde retornaremos. "Do pó ao pó". Talvez a emoção do momento tenha lhe ofuscado a percepção, então, te digo depois de investigar que no interior da câmara de reflexões, há: Água e Pão; Enxofre e sal; Tíbias e Crânios; Um galo; Papel e Caneta para um testamento; Conselhos para reflexão e a palavra V.I.T.R.I.O.L.

> Esta sigla alquímica é originária da língua latina "Visita Interiora Terrae, rectificando, invenies occultum lapidem". Algumas traduções apontam para "Visita o interior da terra e, retificando, encontrará a pedra oculta. O A∴M∴ deve procurar crescer em auto-conhecimento sempre. Algo parecido com que a filosofia grega nos legou através de teu "Conhece-te a ti mesmo." Sobre esta questão filosófica me ocuparei em outra carta dada a sua extensão.

Paz e Bem!

O autor

Jonas Dias de Souza,

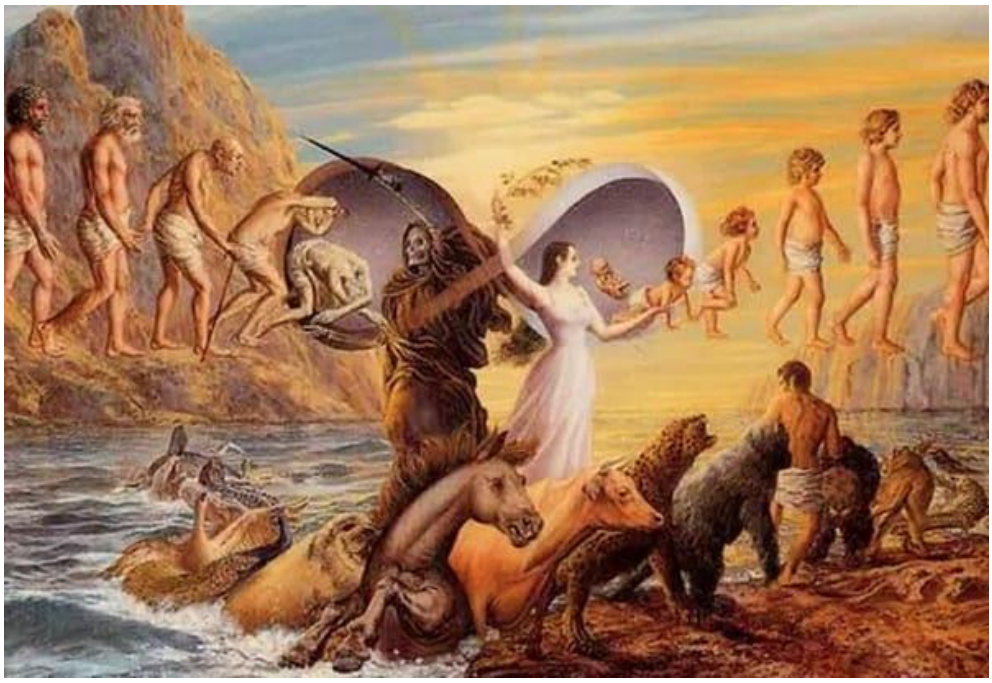
ARLS Fraternidade e Harmonia 234 (Rito Brasileiro) - São João de-Rei/MG - Brasil

Membro correspondente da Loja Fraternidade Brasileira de Estudos e Pesquisas Nº 172 (Juiz de Fora/MG). Membro ativo do Sublime Capítulo Lysis Brandão da Rocha Nº 201 – Rito Brasileiro (Barroso/MG). Graduado em Filosofia (UFSJ). Pós-Graduado em: Didática e Trabalho Docente (IF Sudeste); Ciências da Religião (UCAM); Ensino de Filosofia no Ensino Médio (UFSJ) e Maçonologia: História e Filosofia (UNINTER).

O aprendiz na trajetória do iniciado

Pelo V:.I:. Robson Granado

A trajetória do iniciado é uma representação simbólica do nascer neste mundo e construir um caminho de superação, de ascensão, de exaltação do iniciado. O começo da trajetória se dá na iniciação e sua primeira etapa compreende a fase do aprendizado. É do aprendiz que este texto fala.



É do ser humano nascer sem poder se orientar no mundo. Em contraste, por exemplo, uma tartaruga marinha sai da água, caminha até certo ponto na areia, cava um buraco e ali deposita seus ovos que são, em seguida, cobertos com a própria areia deslocada para formar o buraco. A tartaruga volta para o mar e abandona os ovos escondidos. Após uma quantidade determinada de dias, os ovos eclodem, as tartaruguinhas emergem da areia, identificam a direção do mar e partem para as águas. As que conseguirem sobreviver aos ataques de predadores, seguirão um roteiro determinado para suas vidas e não precisarão que nenhuma outra lhes ajude ou ensine como sobreviver e se reproduzir. O ser humano, por sua vez, não sobrevive sem que seja cuidado e educado. É como se nascesse nas mais densas trevas e delas só conseguisse sair pelo cuidado de outros e pelo esforço pessoal para discernir a realidade que lhe envolve.

A fase inicial da vida do ser humano é na total ignorância e incapacidade para sobreviver sem ajuda. A partir da interação com quem dele cuida e com o meio, ele vai construindo uma compreensão de si mesmo, do outro e do meio em que se encontra. É como se a densidade das trevas começasse a se dissipar. Pouco a pouco aprende linguagens para se expressar e poder compreender o outro, apesar de suas muitas e enormes limitações. Muitos não vão conseguir superar estas e se guiarão por preconceitos, por falsas “verdades”.

Se não for educado, o ser humano se torna um problema para a comunidade. Não estará qualificado para contribuir socialmente com capacidade produtiva, poderá apelar para a violência e o abuso para satisfazer seus anseios e necessidades, não terá respeito nem afeto pelo próximo. Como o ser humano não sobrevive se não for acolhido por outros, a vida em comunidade é imposição da realidade. Vida em comunidade pressupõe o estabelecimento e o acatamento de regras de convivência. O modelo da convivência fraterna é proveitoso. O novo “irmão” é acolhido, cuidado e educado para que consiga superar seu estado natural de carência de luzes, seu estado de cegueira.

O ser humano como que absorve o mundo em que vive e o exemplo e a educação que lhe proporciona o grupo do qual faz parte. Por ser dotado de inteligência, processa esse conteúdo e constrói sua compreensão da realidade, se afastando passo a passo das trevas e seguindo para a luz. Já é capaz de falar, andar e cuidar minimamente de si próprio. Mas ainda tem muito que aprender. O processo de aprendizagem nunca é completo. Não é possível aprender tudo. Sempre será possível fazer novos progressos.

O intelecto é um aspecto do ser, o enredamento na trama das emoções é outro. Este enredamento sim é poderoso, e muito mais dominante do que a capacidade intelectual. O indivíduo pode ter plena consciência da extensão do prejuízo que lhe causa o deixar-se arrastar por uma determinada paixão e mesmo assim seguir

como um viciado em direção à sua destruição ou à de outros. Neste caso, a luta contra a paixão destrutiva é sua única opção, em face das consequências trágicas para as quais caminha. O mal surge dentro do próprio ser humano e se ele não o dominar e submeter será destruído.

Como o ser humano poderá se tornar um indivíduo apto a adquirir novos conhecimentos, necessários para que possa assumir seu papel social, se sua compreensão da realidade foi construída com falsas "verdades", preconceitos? Como poderá oferecer sua cota de cuidados para o próximo se está enredado em vícios e paixões destrutivas? Como conseguirá o aprendiz superar suas limitações, sair das trevas e vir para a luz? Conseguirá por meio de muito trabalho intelectual e muita contenção emocional. É isto o que significam as purificações pelo ar e pela água em sua iniciação. É isto o que veio fazer neste mundo.

O autor

Robson de Barros Granado (nascido em 25-07-1956)

Mestre Instalado, membro da Augusta e Respeitável Loja Maçônica Stanislas de Guaita n° 165, filiada à Grande Loja Maçônica do Estado do Rio de Janeiro

Iniciado em 11-10-1997; Elevado em 02-06-1998; Exaltado em 15-12-1998
Instalado em 30-05-2003

Em sua Loja mãe o Irmão Robson Granado teve dois mandatos como Venerável Mestre. Em 2006, junto a outros 17 irmãos, fundou a ARLM Stanislas de Guaita em 20-06-2006, tendo sido seu primeiro Venerável Mestre. Em 2016, assumiu novamente o primeiro malhete da Loja para mais um mandato. Por motivos pessoais, retirou-se da Ordem Maçônica em 2018 e voltou a se regularizar, filiando-se à Stanislas de Guaita n°165, em junho de 2023.

Secciones fijas

Más o menos

Polémicas para librepensadores

A fé como suspensão da ética
O mito de Abraão e Issac segundo Søren Kierkegaard e José Saramago

Por el Venerable Hermano Aquilino R. Leal

El V.·. H.·. Aquilino R. Leal fue fundador de las logias Septem Frateris 95 (Río de Janeiro) el 10/08/1983 y Stanislas de Guaita 165 (Río de Janeiro) el 20/06/2006. Ambas trabajando en el REAA

Ingeniero electricista y profesor universitario, se encuentra jubilado.

Fue iniciado en la Masonería el 03 de Septiembre de 1976, elevado al grado de Compañero el 28 de Abril de1978 y exaltado a Maestro el 23 de Marzo de 1979. El 05 de Julio de 1988 ocupó el cargo de Venerable Maestro.

El V.·. H.·. Aquilino R. Leal fue fundador de las logias Septem Frateris 95 (Río de Janeiro) el 10/08/1983 y Stanislas de Guaita 165 (Río de Janeiro) el 20/06/2006. Ambas trabajando en el REAA.

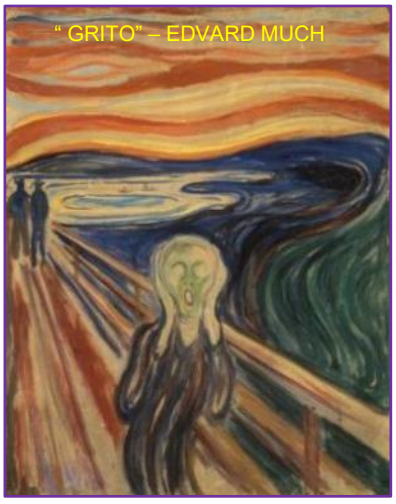
Texto e imagens obtidos do link https://opontodentrodocirculo.wordpress.com, acesso: novembro de 2015, com a seguinte observação: publicado em 25 de setembro de 2015 por Luiz Marcelo Viegas. Material assinado por Eduardo Carli de Moraes. [Nota: Aquilino R. Leal]

El hecho

Con el cuchillo afilado pegado al cuello, a punto de ser degollado, ¿qué pasaba por la mente del pequeño Isaac? Con el corazón aterrorizado, golpeando violentamente las paredes de su pecho, ¿qué clase de opinión sobre la fe y la paternidad podría haber tenido el niño cuando se dio cuenta de que estaba en la posición de una oveja sacrificada? Aquí hay algunas preguntas intrigantes que vienen a la mente al final de la lectura "Miedo y temblores", de Søren Kierkegaard (1813-1855), una obra de tono muy interrogativo, pero que puede ser complementada por el lector con una multiplicación de nuevos signos de interrogación.

CARAVAGGIO (1571-1610)

En la pintura de Caravaggio, que representa el momento en que Abraham va a sacrificar a Isaac, pero es impedido por una intervención angelical, veo una escena de tortura. En la pintura, centremos nuestra mirada en el rostro de Isaac, contorsionado por una angustia extrema, oprimido por la violencia de las manos viriles de Abraham: ¿qué nos dicen esos ojos infantiles aterrorizados por la hoja del cuchillo amenazante? Ante esta imagen, es casi como si pudieras oír el grito de Isaac, un grito casi munchiano[1], la reacción visceral de un niño incapaz de entender la necedad del mundo encarnada en la locura de su padre. Diría, Camusiano[2], que Isaac está representado allí en plena confrontación con lo Absurdo. Porque Abraham encarna en esta escena al famoso creo, porque es absurdo.


" GRITO" – EDVARD MUCH

En el preludio de su libro, Kierkegaard pinta con palabras el retrato de Isaac abrazando las rodillas de Abraham, tumbado a los pies de su padre, suplicando por su joven vida. Pero es algo muy distinto de la misericordia o la ternura lo que el niño descubre en la actitud, a la vez intransigente y

1 Edvard Munch (1863-1944) fue un pintor noruego, uno de los precursores del impresionismo y el expresionismo. Su obra más famosa es Skriket ("El grito"), en la que una persona en un puente grita su angustia y angustia. Muchas de sus pinturas están expuestas en el Museo Munch de Oslo. [Nota: Aquilino R. Leal]

2 Una forma de pensar o actuar basada en las ideas de Camus, como la importancia de la revuelta ante lo absurdo, la búsqueda de sentido en un mundo sin sentido y la apreciación de la experiencia humana - Albert Camus, escritor y filósofo francés conocido por su existencialismo y su visión del absurdo de la condición humana. [Nota: Aquilino R. Leal]

resignada, de Abraham con un cuchillo en mano. Este es uno de los momentos cruciales de esta narrativa mítica que nos muestra a una figura que, embriagada de fe, acaba suspendiendo la ética: el anciano está a punto de cometer un crimen atroz, el asesinato de su propio hijo, porque cree que los cielos lo han ordenado. La fe es una de las fuerzas psíquicas capaces de barrer las actitudes éticas más básicas: no matar deja de ser válido cuando el creyente cree que su dios le exige asesinar a los malvados o sacrificar a la víctima señalada por el dedo invisible de lo divino.

Ante Abraham, no hay forma de evitar la pregunta: ¿estamos ante un santo o un loco? ¿Es este un héroe digno de celebración, o un psicópata peligroso digno de ser internado en el manicomio? ¿Deberíamos alabar esta heroica muestra de obediencia a la voluntad divina, o lamentar la psicopatología que llevó a este hombre senil y demente al borde de cometer un acto grotesco? ¿Deberíamos imitar el ejemplo de esta obediencia piadosa y estricta a los dictados de un supuesto dios, o deberíamos leer esta narrativa como un símbolo de los peligros que residen en estos (¡humanos, demasiado humanos!) vicios de la idolatría y el fanatismo?

Nuestra tendencia es tratar la historia de Abraham e Isaac, narrada en el Génesis, con la tranquilidad de quienes ya conocen su "final feliz": sabemos que todo no era más que una prueba, un juicio, una especie de "novatada" divina. ¡Uf, todo era solo un farol! Sabemos que Abraham no consumó su sangriento acto sacrificial y que solo puede ser acusado de un casi asesinato. Además, toda la tradición judeocristiana intentó más tarde dibujar auras de santidad en la cabeza del "Padre de la Fe": todos estamos invitados a imitarle como modelo, ya que nada agrada más al único dios, creador ex nihilo[3] de todo, que una criatura que sacrifica la autonomía de su intelecto para ser plenamente obediente a los dictados del cielo...

Lo que más me conmueve del preludio de Miedo y temblor es la forma en que Kierkegaard pinta la perspectiva de la víctima: al regresar a casa tras el casi sacrificio, padre e hijo, que van a reunirse con su madre Sarah, caminan lado a lado, pero separados por un abismo insalvable. Isaac, escribe Kierkegaard, "había perdido la fe." [1] Para Isaac, no hubo final feliz en absoluto, solo la experiencia traumática de una tortura absurda; para Isaac, el episodio ciertamente rompió la confianza que un hijo deposita en la buena voluntad de su padre, y se sospecha que nunca más, después de eso, Isaac podrá permanecer en presencia de Abraham sin el miedo y el temblor que alguien siente ante un psicópata peligroso.[4].

Miedo y temblor, por supuesto, no es un libro sobre la pérdida de la fe, sino más bien un tratado psicológico que se centra en Abraham, descrito como el "caballero de la fe", creyendo que está dispuesto

---

3 Referencia a la idea de que algo se crea sin que se hayan requerido materiales o procesos previos. [Nota: Aquilino R. Leal]

4 En la columna **EUREKA (TUREKA E NÓSREKA)** de la edición 523, 17/07/2010, del extinto semanal **FOLHA MAÇÔNICA**, fue publicada nuestra humorística crónica titulada *Passagem bíblica: Abraão e sua inabalável fé ao sacrificar seu próprio filho* que reproducimos abajo

Abraham llevó a su hijo al desierto... Lo ató a un árbol y encendió un fuego bajo su pie.
Desde las alturas una voz resonó:
Abraham, Abraham, ¿qué haces?
¡Señor, sacrifico a mi hijo, según Tu mandato!
No, Abraham, ¡solo quería medir tu fe!
Pero Señor...
¡Suelta al chico!
Abraham liberó a su hijo, que salió corriendo a toda velocidad.
Mientras el hijo corría, Abraham gritó:
Vuelve, hijo. ¡Vuelve, el Señor te ha liberado!
El chico se detuvo lejos y gritó:
¡Ha desatado el palo! Si no fuera ventrílocuo, lo sería j#d!d*!!

a extinguir la vida de su amado hijo si Dios se lo ordena. Kierkegaard escribe más como poeta que como predicador, cuestionando más que dogmatizando, aunque en general el tono es de alabanza y admiración por la figura de Abraham. Tanto es así que el segundo capítulo es un panegírico[5] en el que se invita al lector a empatizar con el sufrimiento de Abraham, que tanto anhelaba un hijo, a quien solo conquistó en su vejez, y que se ve amenazado con perder a la descendencia que ama tan intensamente porque la divinidad exige su sacrificio.

Algunos de los pasajes más bellos del libro son aquellos en los que Kierkegaard, aunque tímidamente, se atreve a cuestionar los supuestos dictados del creador, preguntando: ¿de qué demonios es capaz este dios de exigir que un hombre, ya con canas, aniquile lo que más ama en este mundo, su único hijo? "¿No hay compasión por el venerable anciano, ninguna por el niño inocente?" [2] Sin embargo, preguntas como estas son raras en Miedo y temblor, una obra que no cuestiona seriamente la existencia de este dios que Abraham supone como el ordenador del sacrificio. Los lectores ateos, agnósticos y escépticos pueden preguntarse: ¿y si todo esto no es más que una ilusión subjetiva de Abraham? ¿Y si la "voz de Dios" no fuera más que una ilusión psíquica que afecta al cerebro senil del patriarca? Si Dios no existe, ¿existe alguna posibilidad de mantener que Abraham actuó de manera "heroica"? ¿O no era más que un fanático que no se convirtió en asesino por los pelos?

En la tragedia griega, podemos encontrar un caso similar al de Abraham e Isaac: en Ifigenia en Áulide, Eurípides narra los acontecimientos que precedieron al inicio de la Guerra de Troya. Los ejércitos liderados por Agamenón ya están en su lugar, preparados, ansiosos por embarcarse en la carnicería. Pero el mal tiempo impide que los barcos naveguen satisfactoriamente hacia las tierras de Príamo, donde Helena está tras ser secuestrada (¿o seducida?) por París. A pesar de las considerables diferencias entre el politeísmo griego y el monoteísmo judeocristiano, existe cierto paralelismo: tanto Ifigenia como Isaac son elegidos como víctimas sacrificiales porque se cree que son el divino que lo ordena. La principal diferencia entre Agamenón y Abraham no es tanto entre un creyente politeísta y un creyente monoteísta, sino entre un asesino consumado y un cuasi-asesino. Ifigenia, la hija mayor de Agamenón y Clitemnestra, hermana de Orestes y Electra, no tiene tanta suerte como Isaac: no escapa del cuchillo. Es un episodio que el poeta-filósofo Lucrecio describe, en su obra Sobre la naturaleza, con el horror que siente el hombre lúcido ante las atrocidades cometidas por mentes perturbadas por la superstición.

La mayoría de las veces, fue precisamente la religión la que produjo actos criminales e impíos. Así fue como en Áulis, los mejores caudillos griegos, una elección de hombres, profanaron vergonzosamente el altar con la sangre de Ifigenia. Y no podía ser de ninguna utilidad para la desafortunada mujer, en un momento así, haber sido la primera en darle al rey el nombre de padre. Fue levantada por manos de hombres y arrastrada hasta los altares, temblando, no para que, habiendo cumplido los ritos sagrados, pudiera ser acompañada por un claro Himeneo, sino para sucumbir, criminalmente virgen, en el momento en que debería haberse casado, una triste víctima inmolada por su padre, para garantizar a la flota un comienzo feliz y suntuoso. La religión puede persuadir a tantos males." LUCRECIO. Sobre la naturaleza de las cosas. [3] La tragedia griega muestra el acto de Agamenón en todo su horror, como una violación de un precepto ético fundamental, y sus consecuencias para esta familia serán desastrosas: como se narra en la trilogía de Esquilo, Orestia, la madre de Ifigenia, Clitemnestra, afligida por el dolor y la ira, intentará vengarse de su marido,

O SACRIFÍCIO DE IFIGÊNIA – GIOVANNI BATTISTA TIEPOLO (1696-1770)

5 Discurso público en alabanza a alguien o a un ser abstracto. [Nota: Aquilino R. Leal]

el asesino del primogénito de la pareja. En cuanto regrese de Troya, triunfante en la guerra, pero olvidando que ha dejado en casa a alguien que le odia intensamente, Agamenón será a su vez atravesado por la daga de la venganza. El ciclo de violencia se multiplica: la venganza de Clitemnestra contra Agamenón alimenta la furia de Oreste, que entonces se dirige hacia el matricidio... El theatrum mundi[6] está inundado de sangre.

En Miedo y temblor, Kierkegaard no se atreve a profundizar tanto en la indagación de las relaciones entre fe y violencia: en el libro, palabras como "superstición" y "fanatismo" apenas aparecen, tan apropiadas para describir el tipo de demonio que somete a Abraham a su dominio. Sin embargo, en su Expectoración preliminar hace esta interesante reflexión: alguien que escuchó, en la misa dominical, a un sacerdote narrando el mito de Abraham e Isaac, podría marcharse convencido de que no hay mejor prueba de amor por Dios que sacrificar en la tierra a la persona que más ama. Impulsado por el sermón, alzaría la daga contra su propio hijo y luego contaría a la policía, mientras lo llevaban a prisión o manicomio, que actuó bajo la influencia de la parábola edificante que escuchaba en la iglesia. Si la imitación de Abraham se convirtiera en algo epidémico, ¿en qué mundo viviríamos? ¿No es peligroso creer que la fe tiene derecho a suspender la ética? ¿Qué sociedad resulta de la difusión de la creencia en una deidad trascendental hambrienta de sacrificios e inmolaciones?

Lo que Kierkegaard destaca de forma recurrente es la paradoja que se manifiesta en el mito de Abraham e Isaac, en el que Dios exige el crimen y la tentación consiste en actuar éticamente. Es en este contexto donde Kierkegaard moviliza el concepto de absurdo, tan querido para los pensadores existencialistas, especialmente Albert Camus: existe una paradoja inevitable en un dios que exige que el devoto corte la garganta del hijo al que adora, ya que entonces se revela como un dios poco ético. Ahora bien, si se entiende a este dios como poseedor de justicia, bondad y amor como cualidades, ¿cómo podemos entender que exige a Abraham algo tan absurdo como la violación explícita del precepto evangélico de que no matarás? ¿Es un dios que exige beber la sangre de los niños realmente un dios auténtico o solo un demonio disfrazado?

La multiplicación de tales dudas teológicas solo nos lleva a la exacerbación del sentido de absurdo y paradoja – y quizás no haya salida de este laberinto salvo mediante el ateísmo: un dios maligno es una contradicción, una paradoja, una imposibilidad, y de esta aporía solo podemos escapar concluyendo que este dios de la carnicería nunca ha existido fuera de la imaginación humana. Es un argumento bellamente resumido por José Saramago, en un artículo publicado poco después de los atentados del 11 de septiembre de 2001: "Los dioses, creo, solo existen en el cerebro humano, prosperan o languidecen dentro del mismo universo que los inventó." [4] En una de sus últimas novelas, el autor portugués hace que su Caín sintetize una posición atea, de rebelión contra el dios bíblico que tan a menudo es un genocidio, practicando asesinatos masivos mediante inundaciones y hecatombas, dejando vivos solo a unos pocos electos: "Mi padre y mi madre me dieron vida, añadieron carne a carne y yo nací, no hay constancia de que Dios estuviera presente en el acto", sostiene Caín, quien al ser confrontado con la tesis de que "Dios está en todas partes", responde: "Un solo hijo de los que murieron como fuegos en Sodoma bastaría para condenarlo sin remisión." [5] Si evoco aquí la obra literaria y el pensamiento antiteísta[7] del Premio Nobel de Literatura de Lusitano, es para ilustrar mejor la "tremenda paradoja de la fe" que Kierkegaard explora en Miedo y temblor: ¿cómo es posible transformar el homicidio en un acto sagrado? ¿Solo porque se comete en la fe, el asesinato deja de ser pecado y se convierte en una práctica sagrada que agrada a los cielos?

La ética, sostiene Kierkegaard, es universal, se aplica a todos, todo el tiempo: no existe una época histórica ni un lugar geográfico donde el asesinato de inocentes no sea una atrocidad, desde un punto de vista ético, como el que perpetró Medea contra sus hijos. En otras palabras: la ética prescribe, como

6 Teatro del Mundo: concepto literario y filosófico que compara la vida humana con un escenario teatral, donde los individuos son actores que interpretan diferentes papeles. [Nota: Aquilino R. Leal]

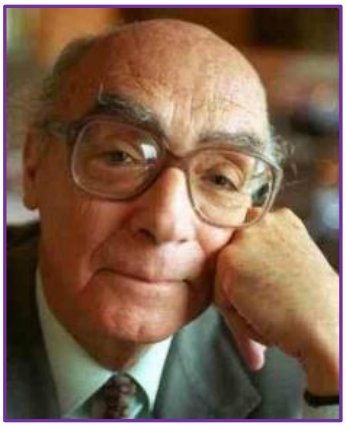
7 El antiteísmo es la idea de oposición activa a la creencia en la existencia de dioses o deidades, y el antiteísmo es la persona que defiende esta ideología. [Nota: Aquilino R. Leal]

mandamiento universal, el deber maternal y paternal que prohíbe tratar a los niños como sacrificables. El problema, por tanto, radica en la reputación de Abraham, lleno de honor y gloria, como padre de la fe y patriarca del monoteísmo, cuando Abraham mismo es un violador ético, ya que alzó su espada para asesinar a Isaac. Aquí está la paradoja y lo absurdo: la divinidad exige la suspensión de la ética; Dios es el cerebro de un crimen; la fe es el heroísmo loco y la locura sagrada por la que uno peca contra lo universal.

Si Abraham simboliza tan bien lo que significa tener fe, es por tanto la fidelidad ciega extrema y la obediencia absoluta a la divinidad (o a lo que él supone que es la "voluntad de Dios"). Su sumisión es tan total que está dispuesto a obedecer a un dios que ordena asesinar en lugar de rebelarse contra órdenes que ofenden radicalmente la conciencia moral. Negarse a cumplir el sacrificio del primogénito sería una actitud muy razonable de cualquier padre apegado al hijo de su carne y motivado por la llama del amor paternal. Abraham se hizo tan famoso solo por su extremismo, por su intransigencia, por esta extraordinaria terquedad en la fe, y que merece ser llamado, aunque Kierkegaard nunca lo hizo, fanatismo.

La absurdidad del mito consiste en esto: la divinidad, que se presume que es el principio creativo del Bien, lo Bello y el Justo, exige al hombre de fe que cometa un acto atroz, horrendo e injusto. Si este dios es el amor, ¿cómo es posible que requiera, como prueba de fe, un acto que sea una transgresión obscena del amor? La tentación, para Abraham, es precisamente la ética: respetar el deber universal, que exige a un padre la protección y cuidado de su(s) hijo(s), equivale en este caso a faltar al respeto al mandamiento divino. Lo que falta en Miedo y temblor es precisamente un cuestionamiento más amplio y sistemático de la posibilidad de que Abraham esté alucinando, que todo no sea más que un delirio senil, que lo absurdo esté en la cabeza de un anciano y no en el ser de las cosas. Para ser muy grosero con la obra de Kierkegaard, preguntaría: ¿por qué dedicar tanta palabra a la interpretación teológica de este mito, si en pocas páginas sería posible argumentar que este dios en el que Abraham cree no es más que un déspota imaginario fabricado por la fantasía de un anciano crédulo?

Es una pregunta ineludible: ¿es lo que se llama "amor a Dios" realmente la mayor de todas las virtudes y debería colocarse por encima de cualquier deber ético? El Nuevo Testamento también nos ofrece muchas razones para sospechar que una paradoja perniciosa, cargada de consecuencias sangrientas, está arraigada e incrustada en la ideología religiosa de nuestra tradición judeocristiana: en Lucas (14:26 y 33), Jesús de Nazaret exige: «Si alguien viene a mí y no odia a su padre, a su madre, a su esposa y a sus hijos, y hermanos y hermanas, e incluso su propia vida, no pueden ser mis discípulos. […] Cualquiera de vosotros que no renuncie a todo lo que tiene no podrá ser mi discípulo." [6]



¿Es esta la religión que quieren vendernos como amorosa y caritativa? ¿Es este el profeta al que debemos honrar de rodillas en las iglesias? Kierkegaard vio bien que estamos tratando con un concepto de dios que requiere un amor absoluto que se expresa a través de la renuncia a personas que aman de carne y hueso. Aquí hay un dios que exige ser amado más que nada, excluyendo todo, y que, como prueba de fe, exige que el amor entre padre e hijo sea aniquilado en un altar. Ante un dios así me niego a quitarme el sombrero. No creo que merezca mi devoción. Y más: hablaría con Kierkegaard, que quiere pintar halos en Abraham, y le diría que la fe es la más alta de las pasiones humanas. El que es capaz de alzar la hoja fatal contra su propio hijo no me parece un héroe digno de celebración, sino un caso clínico; no un modelo de conducta encantador, sino un psicópata nocivo; No la ilustración de los caminos que los sabios deben seguir, sino el contraejemplo que nos dice lo que haremos bien en evitar: el fanatismo, la obediencia ciega, la fe que da permiso a la suspensión de la ética y a la procesión de atrocidades.

"… El Señor ordenó a Abraham que sacrificara a su propio hijo a él, y lo hizo con la mayor sencillez, como quien pide una copa de agua cuando tiene sed, lo que significa

que era su costumbre, y muy arraigada. Lo lógico, lo natural, lo simplemente humano, sería que Abraham había enviado al Señor al traste, pero no fue así. A la mañana siguiente, el padre desnaturalizado se levantó temprano para poner el arnés al burro, preparó la leña para el fuego sacrificial y partió hacia el lugar que el señor le había indicado, llevando consigo a dos sirvientes y a su hijo Isaac... Ató a su hijo y lo colocó en el altar, tumbado sobre la madera. Inmediatamente, tomó el cuchillo para sacrificar al pobre chico y ya estaba a punto de cortarle la garganta cuando sintió que alguien le sujetaba el brazo, justo cuando una voz gritó: ¿Qué vas a hacer, viejo malvado? Mata a tu propio hijo, quémalo, es la misma historia otra vez, empiezas con un cordero y acabas asesinando al que más deberías amar... Soy Caín, soy el ángel que salvó la vida de Isaac... y no entiendo cómo todos los pueblos del mundo serán bendecidos solo porque Abraham obedeció una orden estúpida." [7]

Uno de los mayores méritos de la obra de Saramago radica en el coraje casi punk con el que abre las absurdidades de la fe con su astuta mordaz atea, deshaciendo algunos de los prejuicios más arraigados que aún son hegemónicos en nuestro mundo, como la idea de que crímenes obscenos y horrendos son cometidos por personas "sin fe en el corazón". Tales comentarios ateófobos que pretenden explicar los impulsos criminales derivados de una falta de fe en Dios se desmoronan cuando prestamos atención al hecho de que la fe suele ser la justificación y motivación de los actos criminales —y no solo en el ámbito mítico, como vimos en los casos de Abraham y Agamenón.

Volviendo al tema del artículo de Saramago publicado poco después del 11 de septiembre de 2001, es explícito en este caso cuánto fueron perpetrados los atentados terroristas por hombres llenos de fe, que se inmolaron en los ataques kamikaze con la esperanza de que Alá los aplaudiera y ya les preparara un paraíso de placeres y privilegios en el Más Allá. De manera similar, la respuesta militar de EE.UU. y sus aliados en la invasión de Afganistán e Irak se basó en gran medida en justificaciones teológicas, con el uso y abuso de la noción maniquea de un Eje del Mal (islámico) que debía ser derrotado por las fuerzas del Bien (cristiano), como si los bombardeos genocidas y la tortura institucionalizada en prisiones (como Abu Ghraib y Guantánamo) fueran suspensiones éticas completamente válidas. ya que sus practicantes estaban al servicio del verdadero Dios (además de favorecer con sus bombas y asesinatos a otro dios... la Mano Invisible del Mercado, que nunca funciona sin su aliado, el puño de hierro de la violencia coercitiva y el saqueo del petróleo ajeno...). "Si Dios no existiera", sugiere un personaje de Dostoievski, "todo estaría permitido"; La experiencia histórica nos lleva a pensar, por el contrario, que son en realidad aquellos para quienes Dios indudablemente existe, los caballeros de la fe que nunca duda de sí mismos, quienes actúan sobre la base de "todo está permitido".

En resumen: la versión oficial del mito de Abraham e Isaac nos habla de una intervención divina que, en la hora H (la hora del asesinato), salva a Isaac del cuchillo, salvando al mismo tiempo a Abraham de convertirse en un asesino y salvando al dios en el que cree de convertirse en el cerebro de un crimen atroz. Para cerrar este texto, lleno de blasfemias sólidas y herejías esenciales, sugeriría una interpretación más realista del mito: no fue una aparición angelical la que impidió a Abraham consumar el sacrificio, sino un repentino destello de sentido común, un destello salvador de duda, una vacilación providencial de última hora, una visión de lo absurdo de lo que estaba a punto de cometer. Si la fe de Abraham hubiera sido realmente imperturbable, inquebrantable, inflexible, Isaac habría pasado de ser un niño a un cadáver. Sin embargo, en el último momento, Abraham debió de dudar de Dios y de sí mismo: ¿y si estoy loco? ¿Y si mi dios no es más que delirio? ¿Y si he malinterpretado tus dictados? ¿Y si no hay nadie en los cielos más que solo un desorden y una locura en mi cerebro?

Faith habría asesinado a Isaac; La duda acabó salvándole.

Referencias bibliográficas

[1] KIERKEGAARD, S. Fear and Trembling. Princeton, 2013. Pg. 43.
[2] KIERKEGAARD, S. Op cit. Pg. 52. Na tradução inglesa de Walter Lowrie, o trecho ficou assim:"Who is he that would make a man's gray hairs comfortless, who is it that requires that he himself shall do it? Is there no compassion for the venerable oldling, none for the innocent child?" (pg. 52)
[3] LUCRÉCIO. Da Natureza. Livro I. In: Os Pensadores: Epicuro, Lucrécio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio. Abril Cultural, 3ª ed., 1985.Pg. 33.
[4] SARAMAGO, J. Folha de São Paulo, 2001.
[5] SARAMAGO, J. Caim. Cia das Letras, 2009. pg. 135.
[6] NOVO TESTAMENTO. Lucas 14:26 e 33.
[7] SARAMAGO, J. Caim. Pg. 80-81.

Conclusión:

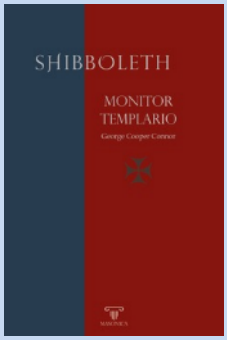
Nos hubiera gustado haber escrito el texto anterior... ¿Pero quiénes somos nosotros para aspirar a esto? No poseemos tal don, solo corroboramos, línea por línea, lo que se ha escrito.

"El hombre creyente es necesariamente un hombre dependiente... No pertenece a sí mismo, sino al autor de la idea en la que cree." (No sabemos la autoría)

Traducción de Mario López Rico
Disponible en http://retalesdemasoneria.blogspot.com.es/p/archivo-de.html.

Próximo número: La fe como suspensión de la ética!

Libro del mes



Ficha técnica

Título.....…	Shibbolet
Subtitulo….	Monitor Templario
Autor…....…	George Cooper Connor
Páginas…...	268 pág
ISBN……...	979-13-87560-82-9
Tamaño.….	15.2 x 22.9 cm
Publicado…	28-12-2025 (1ª ed.)
Precio……..	22.99 €

Enlaces: https://www.masonica.es/libro/shibboleth-monitor-templario_170251/

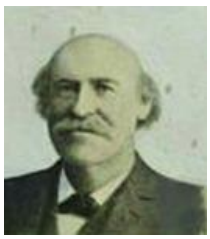
Descripción

SHIBBOLETH es uno de los monitores templarios más completos y refinados de la tradición masónica norteamericana de finales del siglo XIX. Concebido como guía doctrinal, ceremonial y administrativa, este volumen ofrece una visión integral de la Orden del Temple tal como fue vivida, comprendida y practicada en su época de mayor consolidación institucional.

A lo largo de sus páginas, George Cooper Connor aborda con claridad los aspectos esenciales de la masonería templaria: los rituales y ceremonias, las recepciones oficiales, los oficios y sus deberes, las observancias litúrgicas, los servicios memoriales, las normas de gobierno interno y hasta las formas protocolarias para banquetes y actos sociales. Todo ello se presenta con un lenguaje solemne y cuidado, impregnado de simbolismo cristiano y de un profundo sentido de caballería espiritual.

SHIBBOLETH es un testimonio histórico de una concepción elevada del ideal templario, en la que disciplina, reverencia, orden y belleza ceremonial se funden con una firme ética cristiana. Su lectura permite comprender no solo cómo se realizaban los trabajos, sino por qué se realizaban de ese modo.

El autor



George Cooper Connor fue un destacado masón y escritor ritualista estadounidense de finales del siglo XIX, profundamente vinculado a la masonería templaria. Su obra se sitúa en un momento de plena madurez institucional del Rito York en los Estados Unidos, cuando la Orden del Temple buscaba consolidar sus formas ceremoniales, su disciplina interna y su identidad espiritual cristiana.

Connor destacó por su extraordinaria capacidad para combinar precisión ritual, sensibilidad simbólica y claridad pedagógica. Sin limitarse a reproducir fórmulas ceremoniales, abordó la masonería templaria como un sistema vivo, en el que el ritual, la liturgia, la administración y la conducta moral formaban un todo coherente. Sus escritos reflejan una preocupación constante por la dignidad del ceremonial, la corrección del trabajo en los cónclaves y la elevación espiritual de los caballeros.

SHIBBOLETH, su obra más conocida, es testimonio de esa vocación: un monitor concebido como expresión de un ideal templario exigente, ordenado y profundamente cristiano. Gracias a trabajos como este, George Cooper Connor ocupa un lugar relevante entre los grandes autores ritualistas de la masonería templaria norteamericana.

Masones célebres

George William Speth

Curriculum Masónico

1972 - Iniciado
1876 - Venerable Maestro

Lodge of Unity 183, UGLE

Biografía

George William Speth (30 de abril de 1847 – 19 de abril de 1901) fue un destacado escritor, historiador y erudito masón británico, reconocido históricamente como uno de los fundadores clave de la Logia Quatuor Coronati Nº 2076 de Londres. Esta institución revolucionó el estudio del movimiento al inaugurar la llamada "Escuela Auténtica" de historiografía masónica, enfocada en aplicar un rigor científico para separar los mitos de la realidad histórica

Speth dedicó gran parte de su vida a la investigación documental y a la estructuración de la educación interna de la fraternidad. Sus contribuciones más relevantes incluyen:

- **Fundación de Quatuor Coronati (1884-1886):** Formó parte del selecto grupo de nueve literatos y científicos masones (junto a figuras como Sir Charles Warren y Robert Freke Gould) que establecieron la primera logia orientada exclusivamente a la investigación histórica. Ejerció de manera incansable como el primer secretario de la logia desde su consagración hasta el día de su muerte, abarcando un periodo de 14 años. Fue descrito como el verdadero motor y organizador del círculo.
- **El Círculo de Correspondencia:** Fue el creador intelectual de la idea de abrir un "Círculo de Correspondencia" adjunto a la logia. Esta innovación permitió que miles de investigadores de todo el mundo se unieran de forma externa a los debates y recibieran las publicaciones sin necesidad de asistir a Londres.
- **Trabajo Editorial:** Editó y coordinó los primeros volúmenes de las famosas transacciones de la logia tituladas *Ars Quatuor Coronatorum* (AQC), donde publicó personalmente más de 35 monografías académicas de gran valor documental.

A lo largo de su carrera intelectual escribió diversos estudios críticos, entre los que destacan de manera especial ***Royal Freemasons*** (1885), una de sus obras tempranas que analiza los lazos históricos de la realeza con la orden, y ***Masonic Curriculum*** (1901), publicado poco antes de su fallecimiento, sirvió de guía pedagógica para estructurar la formación y los estudios históricos de los miembros de la fraternidad

Fuentes: https://www.freemasonry.bcy.ca/biography/speth_g/speth_g.html
https://freimaurer-wiki.de/index.php/Es:_George_William_Speth

Diccionario masónico

MARK-MASÓN (Masón de la Marca)

Uno de los grados que constituyen la masonería inglesa del Real Arco (Royal Arch). Lo más destacado del ritual de una logia de maestro Mark-Masón es que está tapizada de verde, con una paloma en cada rincón. En su centro. nueve luces. agrupadas en tres triángulos de tres. Cada perfecto Mark-Masón lleva una larga banda verde de muaré, con un lazo del mismo color. El mandil es de piel blanca, bordeado de blanco. La joya que lleva colgada sobre el corazón, pendiendo de una cinta verde. es un triángulo rodeado de piedras verdes, y en su centro, formando un círculo las iniciales de Hiram, Wis, Dais, Sed This To King Salomón. El triángulo es de oro, el círculo de plata y las letras negras. Sobre una cara, los hermanos graban un signo personal.

POST TENEBRAS LUX.

Divisa masónica que significa *"más allá de las tinieblas, luz";* y que expresa que la luz iniciática se encuentra después de haber traspasado el caos primordial (todas las posibilidades no manifestadas) . Las tinieblas se utilizan tradicionalmente como símbolo de las potencialidades aún no efectivas, que constituyen el caos. La luz se correlaciona entonces con la actualización de esas potencias, es decir, con el mundo manifestado. La Logia es además el "Jugar iluminado y regular" (frente a las tinieblas exteriores) donde todo se hace siguiendo el "orden" (rito).

El iniciado recibe la Luz, como el mundo en su origen, tras pasar por el momento en que el Verbo crea y ordena (manda). Su estado de piedra bruta, anterior a la iniciación, es el punto de partida sustancial (materia fecunda equivalente a la materia prima) o conjunto de posibilidades que se harán efectivas con el Fiat Lux, punto de partida esencial. El Fiat Lux no añade posibilidades al neófito, de ahí la razón de ser de las "cualificaciones iniciáticas" previas.

Esta divisa masónica es similar a otra: *"Ordo ab Chao"* (orden después del caos), divisa que en la Masonería se conoce como "el reino del Santo Imperio", recuerdo de la antigua "Cristiandad" {resultado de la aplicación del Arte Real en una forma tradicional particular) . Enseña que es preciso realizar el "orden", que no es sino uno con el del cosmos, o "Plan del Gran Arquitecto".

SOMBRA

La sombra representa la parte del hombre que se opone a la luz, por lo que tradicionalmente ha simbolizado la manifestación de una segunda naturaleza de los seres y cosas, relacionándose por ello -generalmente- con el alma (quien vende su alma *al* diablo, pierde su sombra). La ausencia de sombra simboliza, por otra parte, la purificación del cuerpo, que se hace permeable a la luz {pérdida de la existencia material).

En la Masonería, como en muchas tradiciones, es a la hora sin sombra (verticalidad con los astros} en la que se realizan las exequias u honras fúnebres; a Mediodía "*porque es la hora que el alma ya no hace sombra, donde Iblis ya no hace sombra: es la paz interior. .. "*; o a Medianoche, "*... porque es la hora en que las tinieblas más espesas extienden su velo sobre la tierra. temporalmente viuda del Sol que la vivifi*ca ..."

Fotos y documentos masónicos

Mandil de Venerable Maestro- Rito francés – Regulateur 1801

.

Pasatiempos

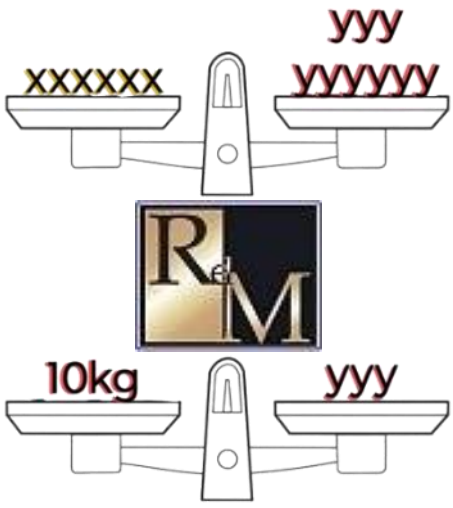
Sección a cargo del V.·.H.·. Aquilino R Leal

Pasatiempo 1

Mario Lopez Rico, el *'GRAN JEFE'* de **RETALES DE MASONERÍA** consiguió resolver este desafío ¡en menos de 30 segundos! Y usted, ¿conseguirá resolverlo en menos de 30 segundos?

Pasatiempo 2

Este pasatiempo hasta que es relativamente fácil... ¿Cuánto 'pesa' **X-Y**?



Pasatiempo 3

¿Cuáles son los tres dígitos diferentes que 'se ocultan' tras los borrones ?

¡Ah! ¡Claro que sin "pistas" es imposible determinar los dígitos! Vamos a dar esas "pistas" comparando numéricamente con las siguientes triadas de cifras

798 → nada está correcto
123 → dos números ciertos, ninguna en la posición correcta
486 → un número ciertos, el número en la posición correcta
568 → nada está correcto
938 → nada está correcto

Pasatiempo 4

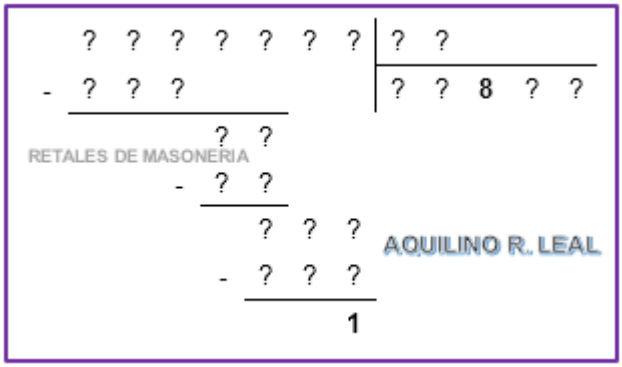
Mario, César y yo, Aquilino, el trio de **RETALES DE MASONEIRÍA**, pretendemos atravesar un lago bien profundo. Como ninguno de los tres sabemos nadar, mas somos buenos remadores, providenciaremos un pequeño barco.

Infelizmente el barco más "fuerte" encontrado para alquilar soporta como máximo 150 kg de carga. ¿Cómo podremos hacer la travesía del lago si "pesamos" 100 kg, 75 kg e 70 kg, respectivamente Mario, César y yo?

Pasatiempo 5

¡ESTE ÉS UN PASATIEMPO PARA **"GENTE GRANDE"!** O SEA, PARA QUIEN ENTIENDE DEL ASUNTO, ¡PARA QUIEN SABE **PENSAR**! EN VERDAD, UN DESAFIO MATEMÁTICO**.**

Determine el valor de todos los dígitos de la división bajo este texto donde casi todos ellos fueron sustituidos por puntos de interrogación (**?**); de esos 28 valores apenas 2 son conocidos: el **8** en el cociente y el **1** en el resto.



Todas las respuestas/soluciones de los pasatiempos, serán publicadas en la próxima edición. Mientras tanto, si quiere enviarnos su respuesta estaremos contentos de recibirlas y publicar las más originales
retalesdemasonería@gmail.com o coordinador@retalesdemasonería.com

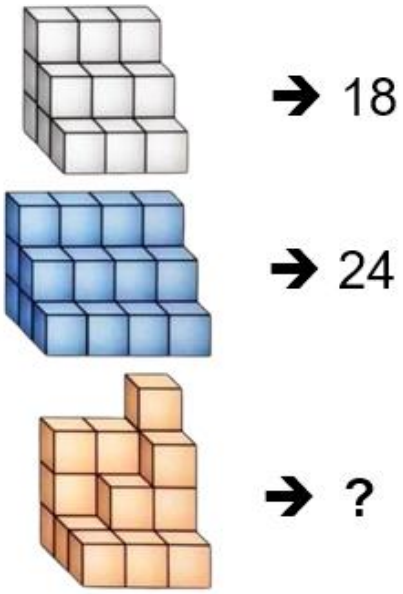
Soluciones al número anterior - Junio 2026

Pasatiempo 1

La propia figura explica lo que buscamos.

Solución

Todo indica que el número asociado se refiere al número de cubos en cada imagen. Vamos a comprobar el número de cubos en las dos primeras imágenes de la afirmación.



Primera imagen:
Cara posterior: 3x3=9 cubos
Cara intermedia: 3x2= 6 cubos
Cara frontal: 3x1=3 cubos. Total: 9+6+3=18 → compruebe

Segunda imagen:
Cara posterior: 4x3=12 cubos
Cara intermedia: 4x2=8 cubos
Cara frontal: 4x1=4 cubos. Total: 12+8+4=24 → compruebe

Tercera imagen:
Cara posterior: 3x3+1=10 cubos
Cara intermedia: 3x1+2x1+1=6 cubos
Cara frontal: 3x1=3 cubos. Total de cubos: 10+6+3=19

Resp.: La última figura de la imagen fue construida con 19 cubos

Pasatiempo 2

Si 2=1, ¿cuánto es 2+2+2+2?

a) 1 b) 2 c) 4 d) 8 e)16

Solución

Dado que el enunciado nos dice que 2=1, tenemos lo siguiente:

2+2+2+2 = 1+1+1+1 = 2+2

Por hipótesis 2=1, debido a ello el último valor de la suma superior queda como 1+1, o sea:

2+2+2+2 = 2+2 = 1+1 = 2

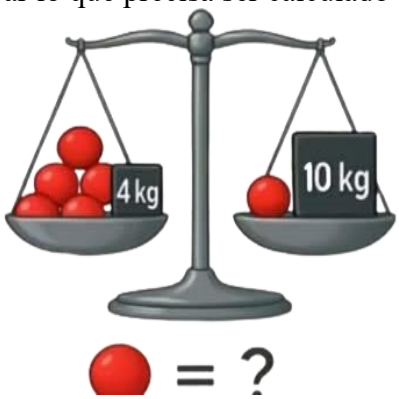
Nuevamente, por ser 2=1 queda:

2+2+2+2 = 2 = 1

Resp.: Alternativa **a**.

Pasatiempo 3

Creemos que no precisamos explicar lo que precisa ser calculado



Solución

En el plato izquierdo de la balanza tenemos 5 esferas y en el plato derecho una esfera, retirando una esfera de cada uno de los platos la balanza, como es lógico, permanecerá en equilibrio.

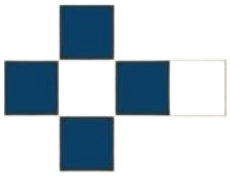
De forma semejante, retirando el "peso" de 4 kg de ambos platos de la balanza ella continuará equilibrada desde el momento que, por supuesto, el "peso" de 10 kg pase a ser de 6 kg. (10-4) – retiramos luego 4 kg en ambos platos de la balanza

Con ello percibimos que 6 kg equilibran 4 esferas, consecuentemente una esfera será equilibrada por un "peso" de 1,5 kg (6÷4).

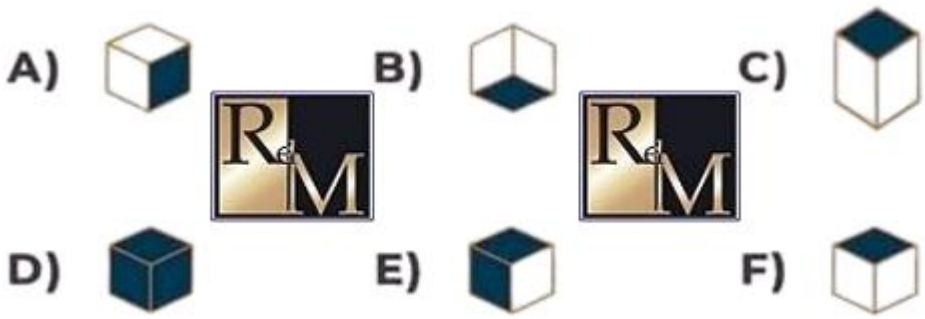
Resp.: La masa de una esfera es de 1,5 kg.

Pasatiempo 4

Como abrimos la sesión de pasatiempos de este mes con cubos, terminemos desafiando a los lectores con un pasatimepo que también involucre cubos.

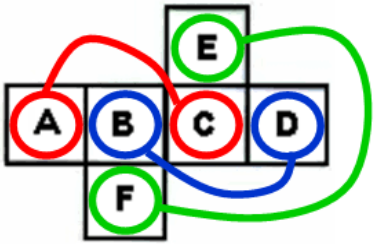


¿Cuál, o cuales de las figuras de abajo pueden representar el cubo montado a partir de la planificación lateral?



Solución

Las preguntas que afectan cubos y planificaciones usualmente se solucionan observando los pares de caras opuestas de la planificación del cubo tal y como mostramos en el croquis lateral.



Observe que en la planificación del enunciado las caras coloreadas son opuestas, lo mismo ocurre con las dos caras en blanco de acuerdo a lo expuesto en la figura lateral. Dicho esto, examinemos cada alternativa por separado.

A) No puede ser pues las caras blancas (no coloreadas) hacen frontera, o sea, tienen una arista común.
B) No puede ser por la misma razón anterior.
C) Nítidamente vemos que no se trata de un hexaedro (cubo), sino de un prisma, además su caras blancas no son opuestas.
D) Observamos que las caras en azul oscuro hacen frontera **dos a dos** (en negrita a propósito) conforme el croquis lateral (líneas coloreadas), no existiendo la posibilidad de tres de esas caras hacer frontera.
E) Viable ya que no se conoce el color de las respetivas caras opuestas
F) Estructura imposible pues las caras blancas, no hacen frontera conforme claramente muestra l figura lateral, ellas son caras opuestas.

Resp.: La alternativa **E** es la única que puede satisfacer la planificación dada.

CASI MATEMÁTICA DIVERTIDA

Matemática es la ciencia de la perfección. Si hay algún error, es humano. (Beatriz Mello)

REVISTA MAÇÔNICA DIGITAL
ACÁCIA 13

Publicação Mensal

Administração
Wagner Tomás Barba (L.·.376)
Joaquim Domingues Filho (L.·.547)

Conselho
Omar Téllez (L.·.329)
Alessandro Zahotei (L.·.605)
Paulo da Costa Caseiro (L.·.512)
André Luís Almeida Nascimento (L.·.188)
Cláudio Sérgio Foltran (L.·.184)
Paulo Fernando de Souza (L.·.547)
Francisco Assis Javarini (L.·.595)

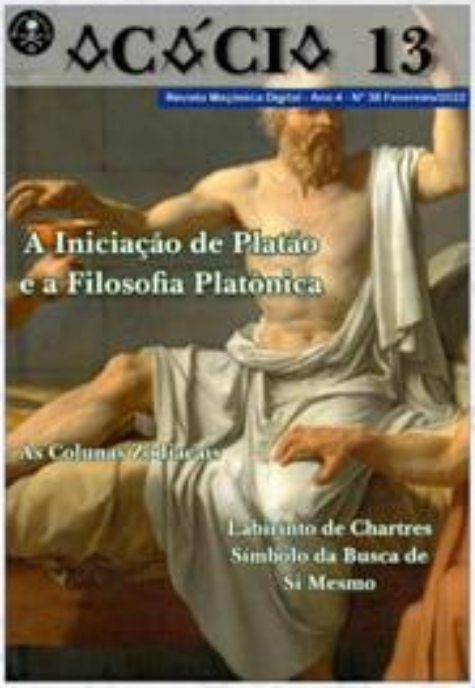
Editor, Criador, Jornalista Responsável e iniciativa.
Wagner Tomás Barba (L.·.376)
MTB 67.820/SP

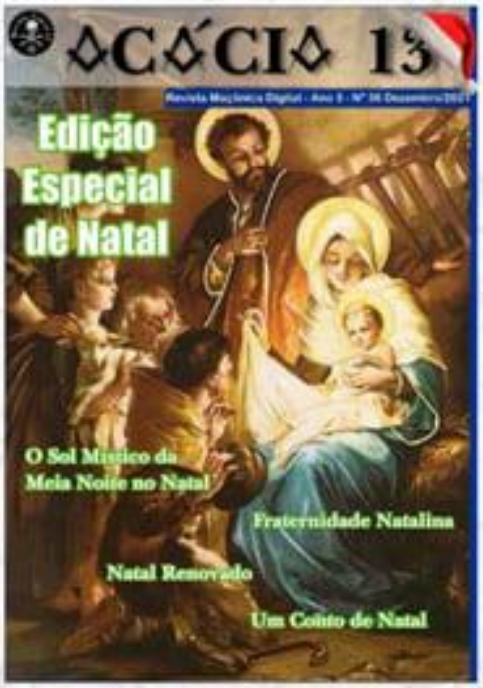
Esta Revista está sendo enviada para mais de 7.000 (Sete mil) Irmãos.

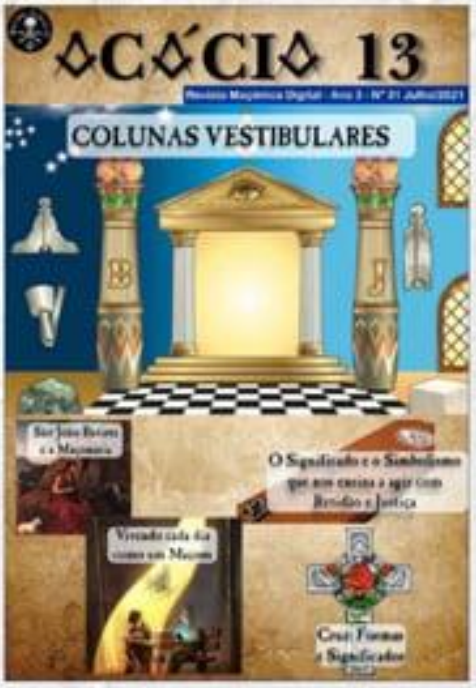
O objetivo desta Revista é integrar os Irmãos e levar mais conhecimento maçônico.

REVISTA GRATUITA
PROPAGANDAS GRATUITAS

E-Mail: revista.acacia13@gmail.com







300 AÑOS DE MASONERÍA

En 1717, la Gran Logia de Londres se reunió por primera vez en la posada The Goose and The Gridiron.

Fue el comienzo de nuestra historia reciente.

En estos 300 años se han escrito miles de libros que describen la masonería con toda clase de sentimientos: odio, amor, indiferencia, desprecio, admiración... Nosotros hemos buscado los que mejor la definen: rigor, veracidad, análisis, autocrítica, fidelidad...

Con paciencia hemos recogido más de 300 libros que conmemoran esos 300 años de una historia que ha sido decisiva para la construcción de las sociedades occidentales modernas: derechos humanos, respeto a la vida, librepensamiento, progreso, solidaridad... En estas páginas encontrará una buena muestra de todo ello. Es el trabajo de miles de hombres y mujeres que, en el sigilo impuesto por los grandes totalitarismos, ha logrado hacer casi realidad uno de los trilemas más admirados en el mundo libre actual:

LIBERTAD - IGUALDAD - FRATERNIDAD

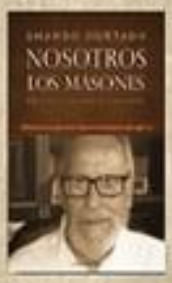
masonica.es®

EDICIONES DEL ARTE REAL

MASONICA.ES® es una editorial que publica y distribuye libros en papel y formato digital sobre la Francmasonería. Nuestras colecciones reúnen obras de verdadero interés para el masón, el investigador, el estudioso y toda aquella persona que se interese por esta inmensa obra de construcción humana.

MASONICA.ES® es una entidad que presta sus servicios abiertamente a toda persona interesada en los temas de la Francmasonería Universal, bien pertenezca a ella o no. Todas sus obras y servicios son de libre venta y distribución según los precios y condiciones reflejados en cada pedido.

MASONICA.ES®, como entidad, no pertenece ni tiene vinculación directa con ninguna Orden u Obediencia masónica en particular (salvo la propia pertenencia de sus propietarios a alguna de ellas). Es una empresa privada que desarrolla su actividad exclusivamente en el área editorial de la Francmasonería.



Mas de 300 titulos en catálogo.

Visite nuestra web en

HTTP://MASONICA.ES

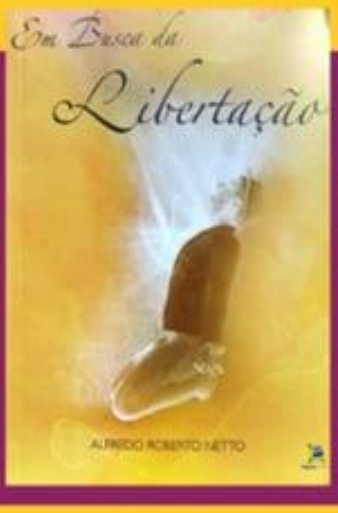
LANÇAMENTO!

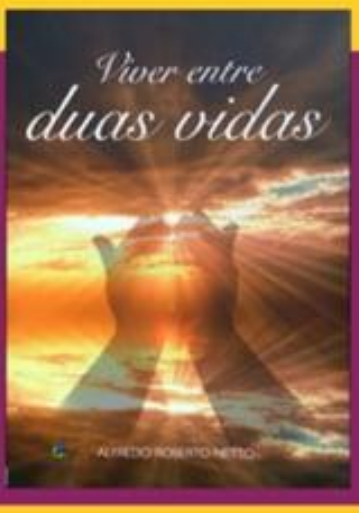
Alfredo Roberto Netto EM EXPOSIÇÃO

O PASSE À LUZ DO ESPIRITISMO

ENVIE E-MAIL OU ENTRE EM CONTATO PELO WHATSAPP!

CONHEÇA AS OUTRAS OBRAS DO AUTOR À VENDA:





AS VENDAS DOS LIVROS SE CONVERTERÃO EM PATROCÍNIO À

Entidade Paramaçônica vinculada à GLESP

55 11 99686-7324

roberttinetto@uol.com.br

LIBRO NUEVO LANZAMIENTO

MANUAL
APRENDIZ INICIADO
autor: JORGE N. CORNEJO

EDICION 2026

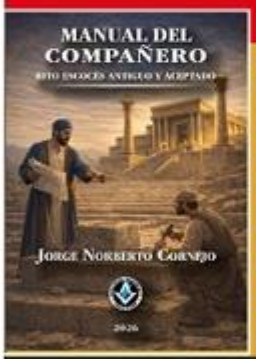
El comienzo del Camino.
Símbolos, herramientas e Iniciación explicados con claridad para el Aprendiz, que busca comprender, aprender y dar sus primeros pasos hacia la Luz.
Una base sólida para construir toda la obra masónica.

OFERTA LANZAMIENTO
VENTA DIRECTA EDITORIAL
$ 27.000
PEDIDOS WHATSAPP: 351 6 809 627
edicionesmasonicas@yahoo.com

LIBRO NUEVO LANZAMIENTO

MANUAL
COMPAÑERO
autor: JORGE N. CORNEJO

EDICION 2026



Aprender y Crear.
El grado del conocimiento activo.
Geometría, símbolos y trabajo consciente para el Compañero que transforma el aprendizaje en creación.
Una guía imprescindible para avanzar en el Taller del Mundo.
¡Gloria al Trabajo!

OFERTA LANZAMIENTO
VENTA DIRECTA EDITORIAL
$ 23.000
PEDIDOS WHATSAPP: 351 6 809 627
edicionesmasonicas@yahoo.com

LIBRO NUEVO LANZAMIENTO

MANUAL
MAESTRO
autor: JORGE N. CORNEJO

EDICION 2026

La búsqueda de la Palabra Perdida
El grado de la Maestría interior.
Hiram, el Verbo y la Sabiduría como claves del Maestro que busca plenitud, conocimiento y sentido.
Un libro para quien aspira a ocupar su lugar entre la Tierra y el Cielo.

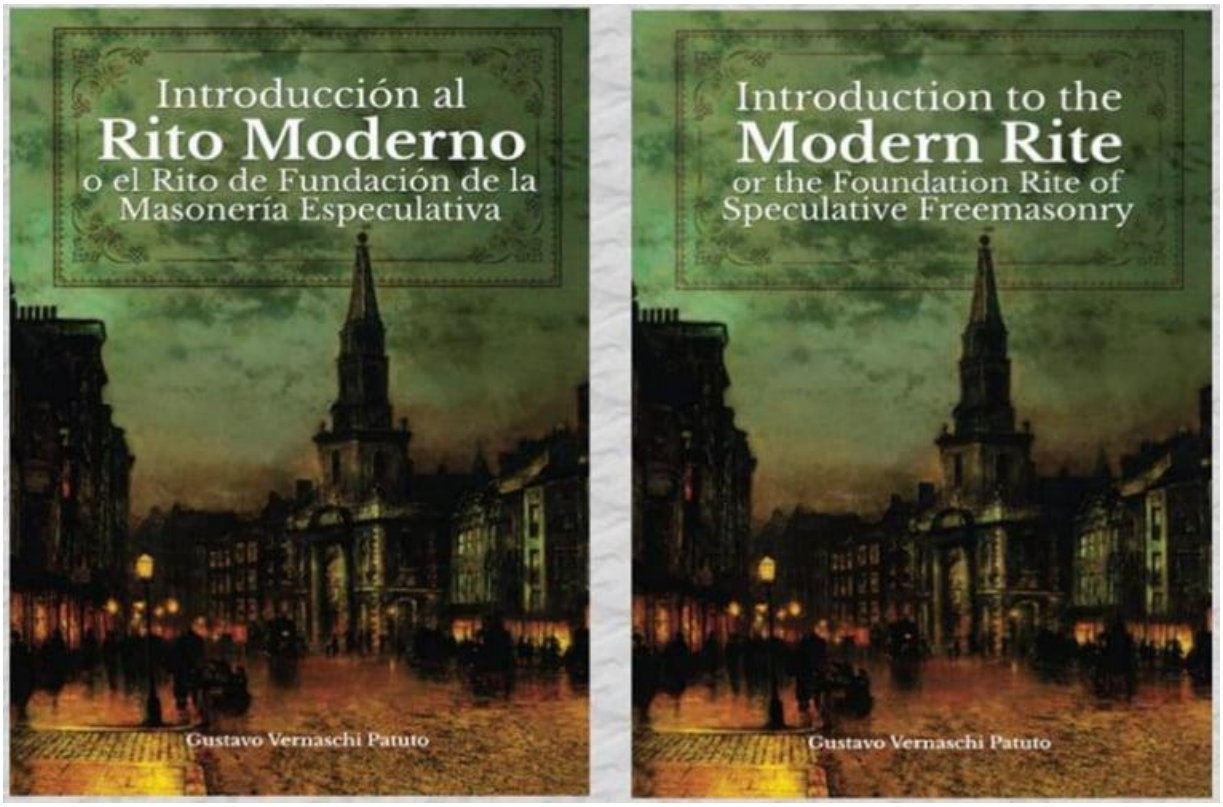
OFERTA LANZAMIENTO
VENTA DIRECTA EDITORIAL
$ 23.000
PEDIDOS WHATSAPP: 351 6 809 627
edicionesmasonicas@yahoo.com

LIBROS NUEVO LANZAMIENTO
EDICION 2026

MANUAL
MASONERIA
SIMBOLISMO
autor: JORGE N. CORNEJO

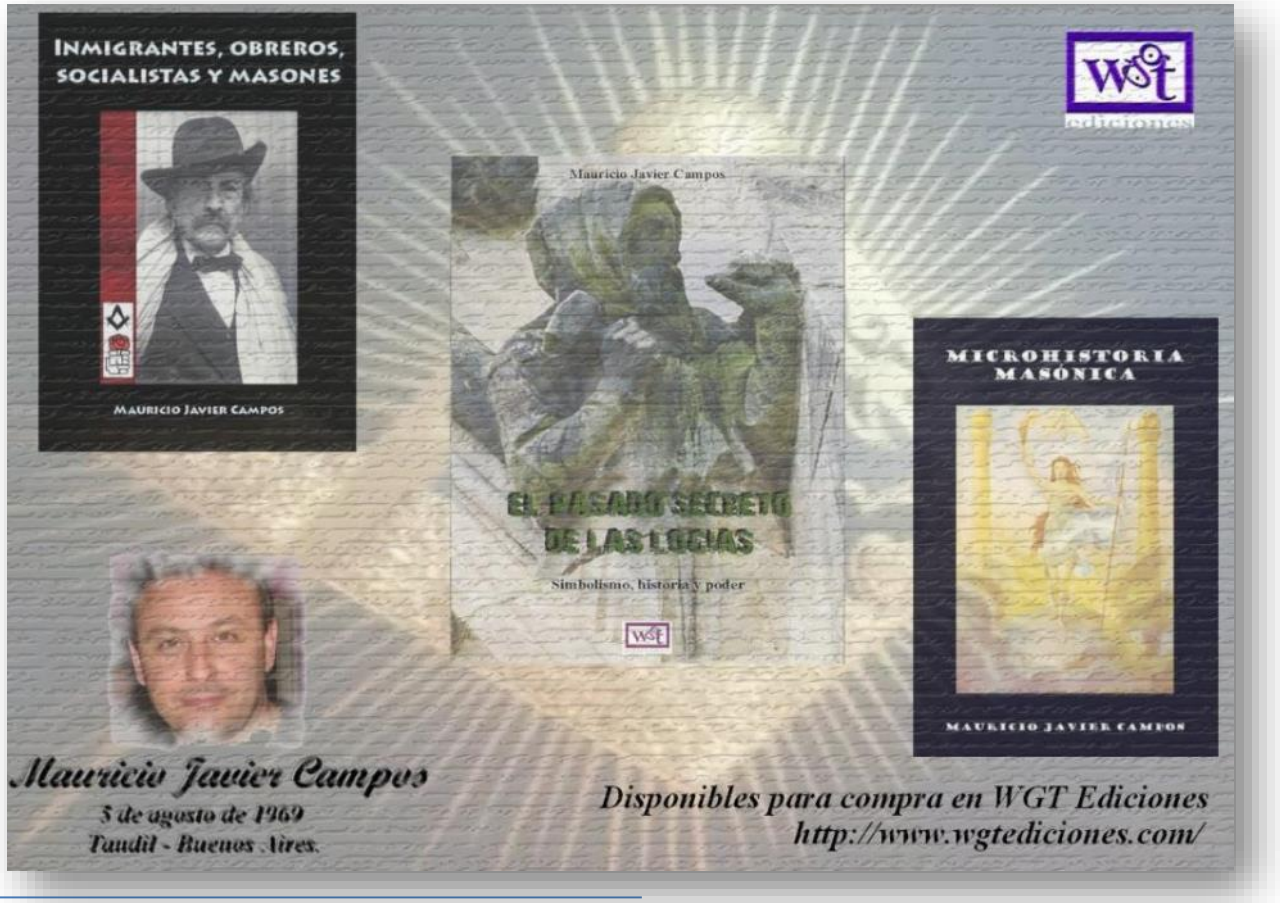
APRENDIZ $ 27.000
COMPAÑERO $ 23.000
MAESTRO $ 23.000

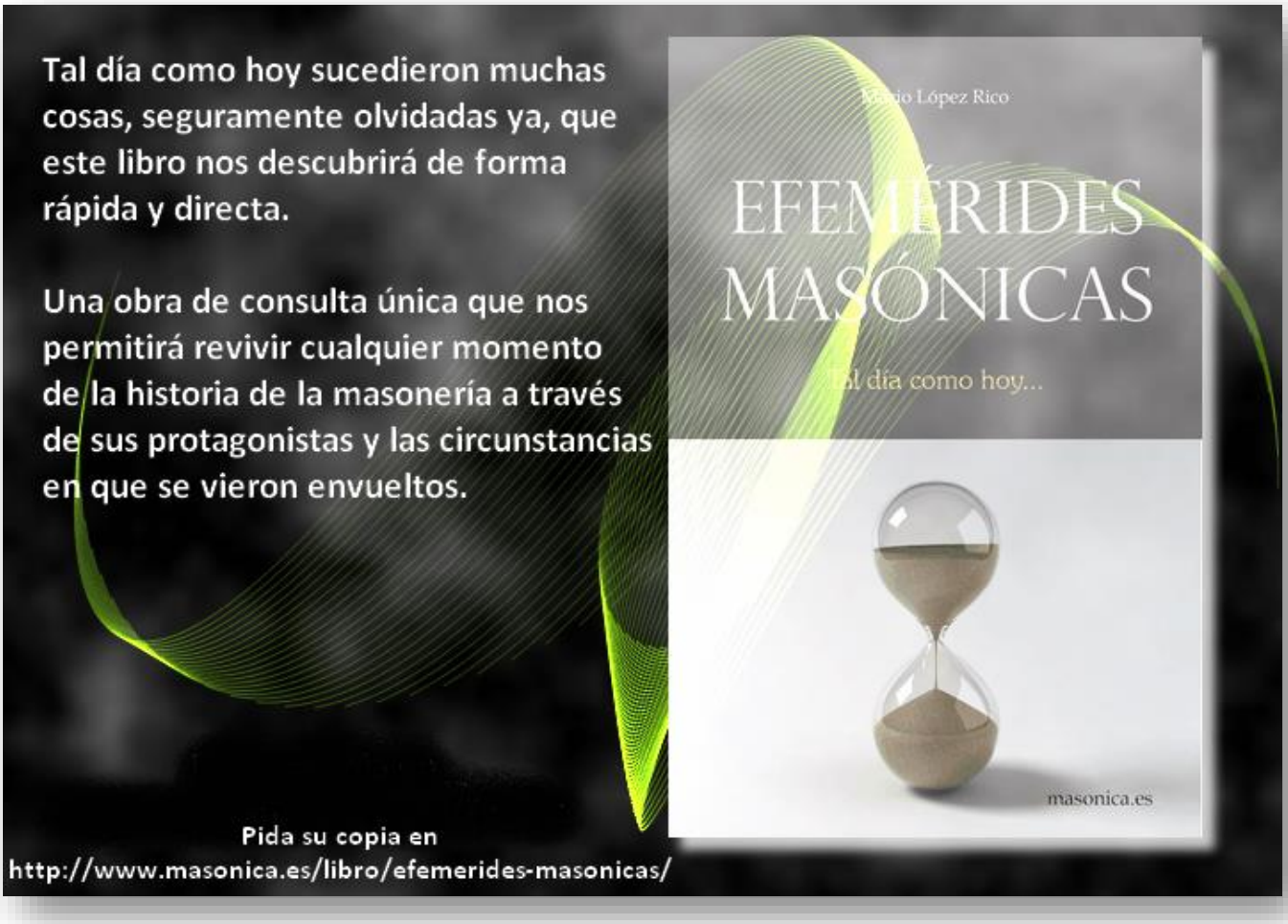
COMBO OFERTA
VENTA DIRECTA EDITORIAL
$ 67.000
ENVIO GRATIS*
PEDIDOS WHATSAPP: 351 6 809 627
edicionesmasonicas@yahoo.com
(*) ENVIO A SUCURSAL ANDREANI MAS CERCANA



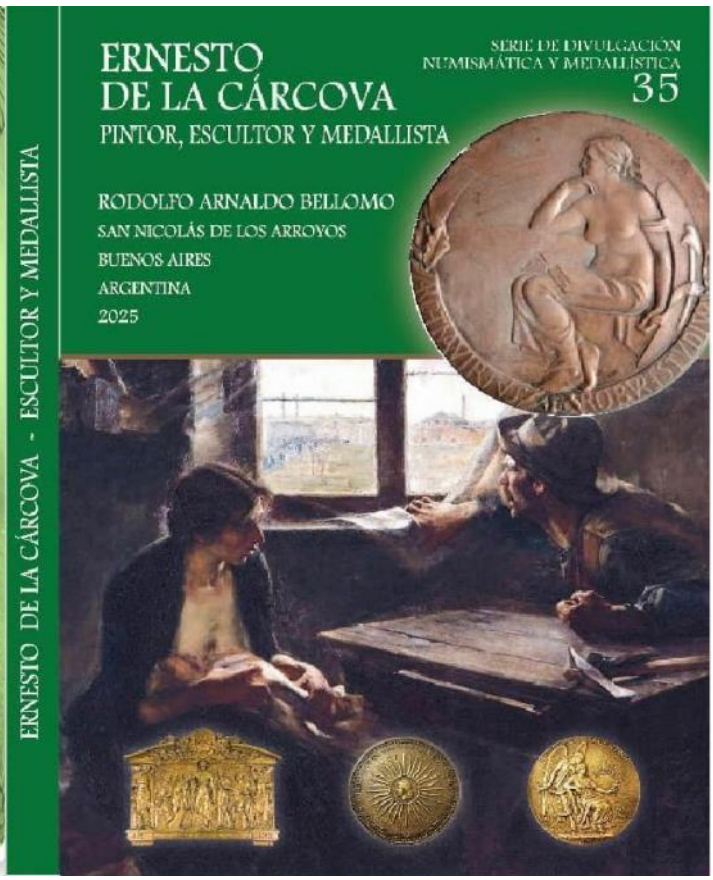
Consiga su copia en Amazon

Introducción al Rito Moderno o el Rito de Fundación de la Masonería Especulativa (Spanish Edition)
Introduction to the Modern Rite or the Foundation Rite of Speculative Freemasonry

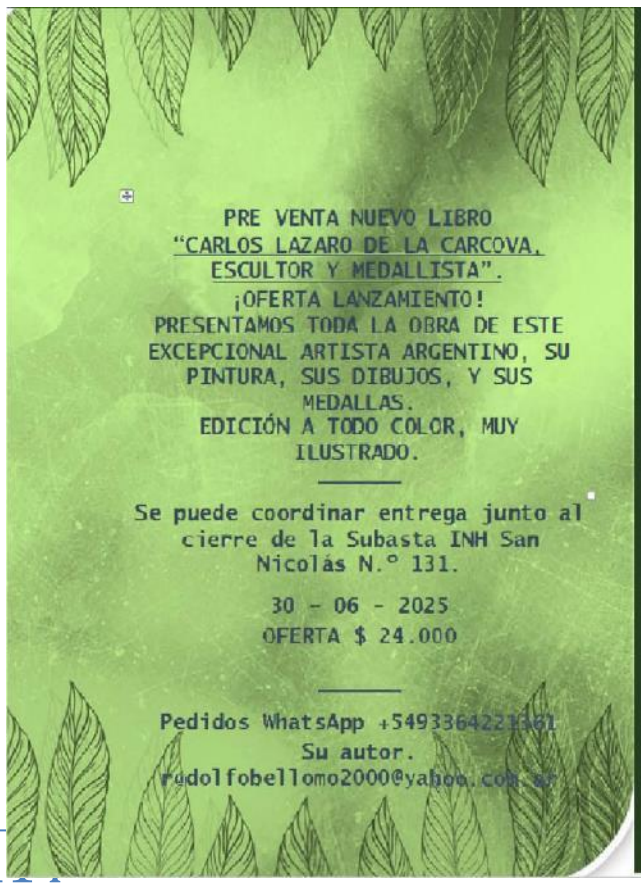


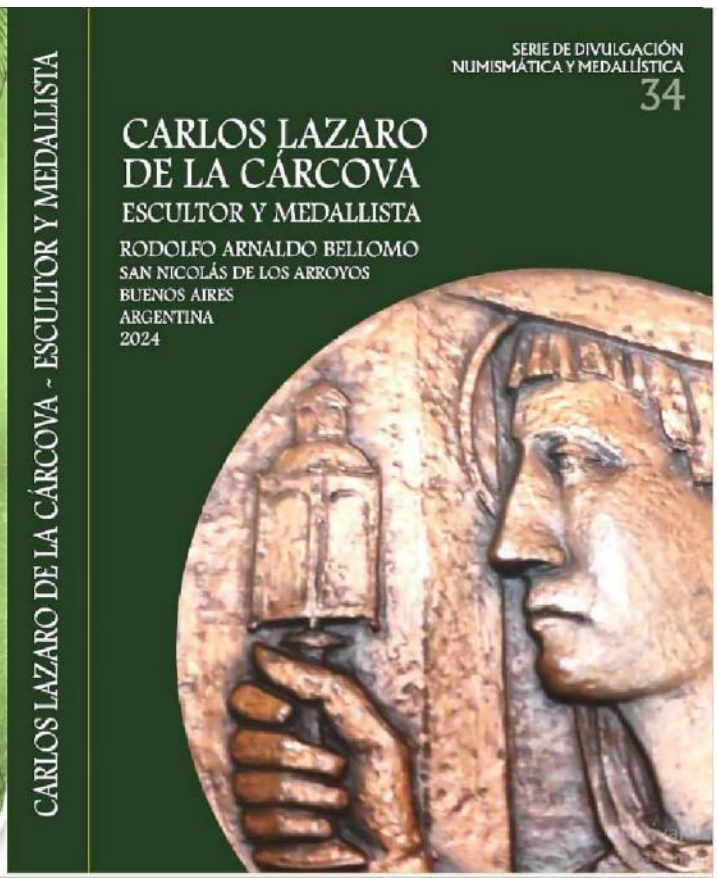

Tal día como hoy sucedieron muchas cosas, seguramente olvidadas ya, que este libro nos descubrirá de forma rápida y directa.
Una obra de consulta única que nos permitirá revivir cualquier momento de la historia de la masonería a través de sus protagonistas y las circunstancias en que se vieron envueltos.
Mario López Rico
EFEMÉRIDES MASÓNICAS
Tal día como hoy...
masonica.es
Pida su copia en
http://www.masonica.es/libro/efemerides-masonicas/

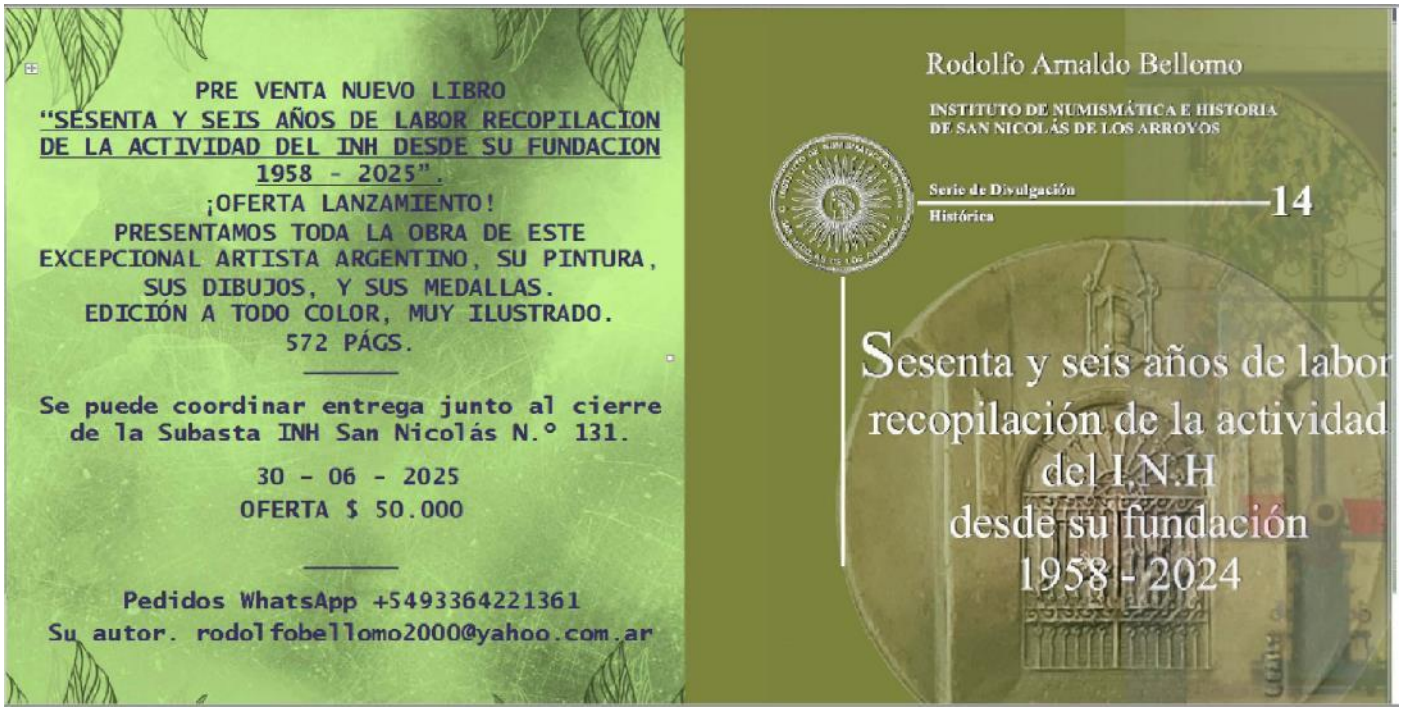
Haga clic para acceder a la web
El estudio comparado de los ritos masónicos
https://parvis.com.ar/el-estudio-comparado-de-los-ritos-masonicos/



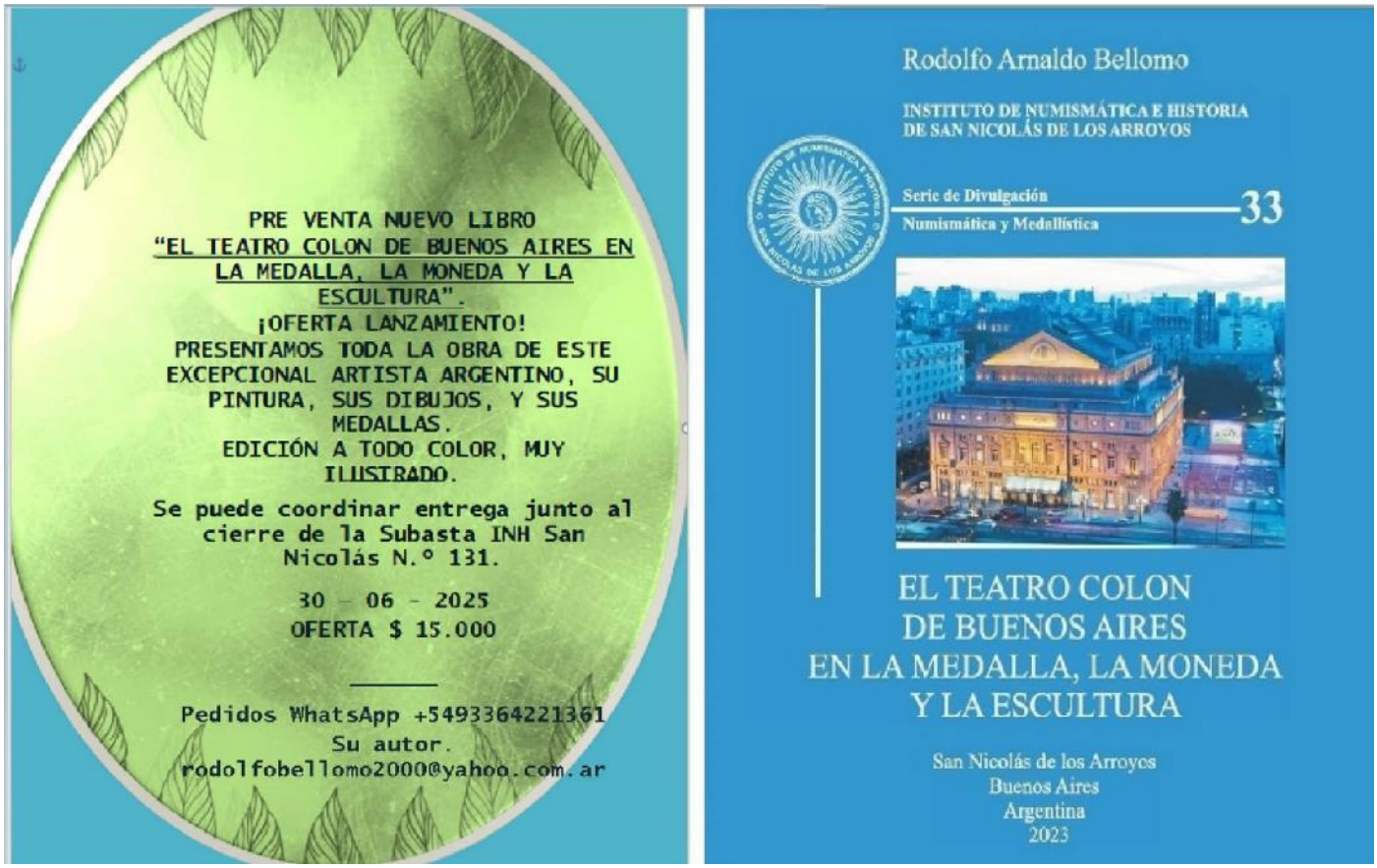
Si desea su copia contacte con el autor (vea información en las imágenes)
Envios solo dentro de ARGENTINA – Precio en PESOS ARGENTINOS

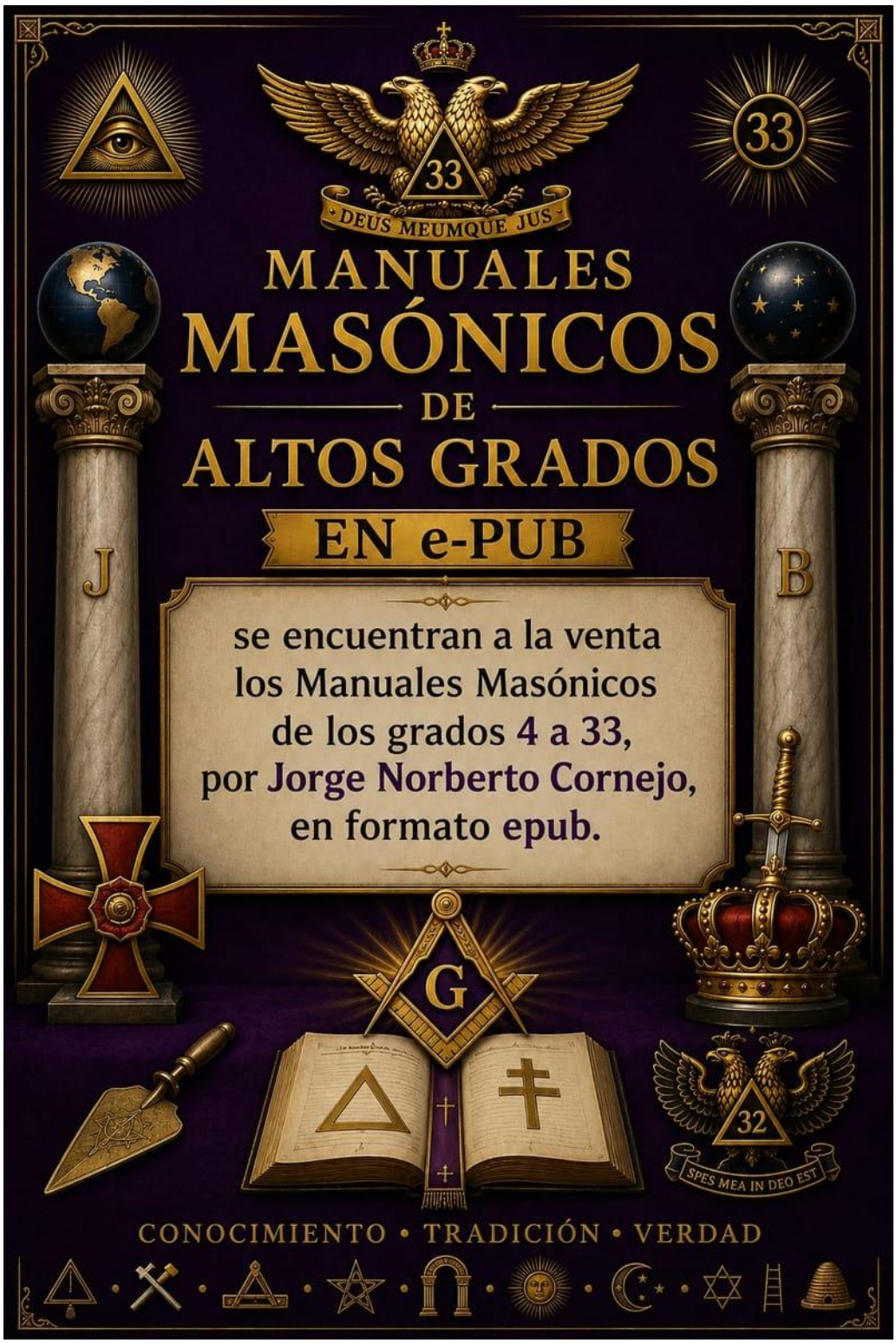






Si desea su copia contacte con el autor (vea información en las imágenes)
Envios solo dentro de ARGENTINA – Precio en PESOS ARGENTINOS





Para los Hermanos y Hermanas de Argentina, pedirlos a: jorgenor.cornejo@gmail.com
wattsapp 1125517672
El precio de cada Manual es de $7500. Hay descuento si adquieren varios.

Hermanos y Hermanas del exterior, pedir a: carlosaloforte@gmail.com edicionesmasonicas@yahoo.com
wattsapp 351 6 809 627
El precio es de aproximadamente 5 dólares cada Manual. También hay descuento si adquieren varios.

En el próximo número

Simbolismo esotérico del arrodillarse
Por el Venerable Hermano Melki Tsedek
[…]Con relación a esto último, el arrodillarse con la rodilla "derecha" tiene una significación "Técnico - Simbólica"; se trata de que la "razón" (y la materia) (rodilla derecha) se postra ante la "Intuición" o lo "Espiritual" (que en esencia es lo mismo) representado en este "gesto simbólico" por la rodilla izquierda que permanece erguida. […]

Dese tiempo para pensar
Por el Venerable Hermano Carlos E. Maurin Fernández
La inercia mental convierte a la mayoría de los hombres en ovejas de rebaño. El mundo, en efecto, vive de frases hechas, las cuales repite y repite a diario hasta que algún pensador orado el compacto muro de esa rutina intelectual a la que estamos resignados [.....]

La paradoja de la libertad en la masonería
Por el Querido Hermano Ivonaldo Porto
"Soy un hombre que, a lo largo de la vida, aprendió a desconfiar de las verdades prefabricadas y de las narrativas simplificadas. Y, cuando se habla de la Masonería, percibo que muchos repiten fórmulas sin comprender la profundidad histórica y simbólica que envuelve a esta institución. No hablo aquí como quien posee la verdad absoluta, sino como alguien que reflexiona críticamente sobre el recorrido de una orden que atravesó siglos, transformándose de la piedra bruta del oficio a la piedra labrada del pensamiento[…].

El arte Real sobre el tablero de Ajedrez
Por el Venerable hermano Yilbert R. Dieguez
A primera vista, el ajedrez puede parecer únicamente un milenario juego de estrategia, mientras que la Masonería se presenta como un sistema de moral velado por alegorías e ilustrado por símbolos. Sin embargo, cuando observamos ambos mundos con los ojos del espíritu y la luz de la razón, descubrimos que no son universos lejanos. El tablero de ajedrez y el taller masónico comparten una raíz común: la búsqueda del orden frente al caos, el dominio de uno mismo y la representación alegórica de la existencia humana.[…]

Escritores famosos da Itália e que também eram maçons (VII)
Pelo Venerável Irmão José Ronaldo
"Quinta entrega da interessante serie do nosso caro irmão e colaborador habitual que nos deleita com uma serie sob escritores da Itália que eram maçons como números atras fez com os da Inglaterra."

…y, como siempre, mucho más: artículos de otros colabores, las secciones fijas y los pasatiempos

¿Le falta algún número? Descárguelo desde nuestra hemeroteca
Haga clic para acceder a la Hemeroteca

Blog de la revista

Web de la revista

retalesdemasonería@gmail.com
coordinador@retalesdemasoneria.com